

GOVERNO RECUSA NOVOS CCT A "SECTOR EM CRISE"

Agrava-se conflito na Marinha Mercante

Inspirado pelo Governo, o armamento português mantinha-se hoje intransigente quanto às verbas a afectar para aumentos salariais da Marinha Mercante (Sector Mar) durante uma reunião de negociações com os Sindicatos, que decorria ainda ao princípio da tarde. Segundo fontes sindicais, a intransigência do armamento - Governo poderá provocar, a curto prazo, um agravamento do conflito, que se arrasta há perto de um ano em torno da revisão de um contrato cujos níveis salariais datam de 1975.

Hoje o armamento rejeitou mais uma vez a proposta de aumento apresentada pelos Sindicatos, ligeiramente superior a 20 por cento, limitando-se a contrapor uma percentagem de 11 por cento que os trabalhadores têm considerado totalmente inaceitável. Na óptica das empresas (que estão em grande parte nacionalizadas, traduzindo a perspectiva do governo), a grave crise do sector não poderá ser agravada por novos encargos salariais.

Para os Sindicatos resulta evidente que não podem ser os trabalhadores a pagar essa crise, que

tentaram ajudar a resolver ao longo do tempo mediante sugestões e propostas pura e simplesmente desprezadas. Os Sindicatos estão empenhados em repor minimamente o poder de compra perdido desde 1975 devido ao agravamento do custo de vida e à desvalorização do escudo, tendo abdicado, na sua proposta, dos aumentos que, em abstracto, se poderiam considerar justos (o que traduziria percentagens de aumento muito superiores aos 20 por cento propostos).

Na reunião de hoje a questão salarial ficou, pois, por resolver. O armamento no entanto aceitou eliminar a proposta de horário de trabalho que apresentara anteriormente, implicando um aumento para 56 horas semanais (como em 1963). Outras questões controversas estavam em debate à hora de fecho desta edição.

Entretanto mantém-se a greve às horas extraordinárias, forma de luta que poderá vir a agravar-se se for aceite a proposta de paralisação durante quatro dias apresentada pelo Sindicato dos Marinheiros Mercantes.

População do Barreiro defende na rua posições da sua Câmara

(Pág. 2)



O «Exclusivo» de hoje traz como «prato forte» as confissões de um agente da DINA, a polícia de Pinochet, feitas antes de aparecer morto num terreno baldio com 15 punhaladas, desferidas por quem já não precisava dos seus serviços. Mais: o significado do Maio de 68 em França, a revolta de um índio equatoriano educado nos EUA e um balanço das eleições no Peru, além das habituais secções



Salários de 75 que o Governo só quer aumentar 11 por cento: ponto controverso que reflecte a crise da Marinha Mercante portuguesa e poderá levar a formas de luta radicais.



AGOSTINHO NETO AO "MONDE"

"Não dependemos de Havana nem de Moscovo"

«Os Estados Unidos acham provavelmente que a presença de tropas cubanas em Angola, a nossa amizade com a União Soviética e a nossa opção pelo socialismo científico reduzem os poderes dos nossos dirigentes e limitam a independência do nosso povo. Nada mais falso. Não dependemos de Havana nem de Moscovo» - disse a José Rebelo, enviado do diário francês «Le Monde», o presidente da República Popular de Angola e do MPLA-Partido do Trabalho, dr. Agostinho Neto.

A entrevista, recolhida há dias em Bissau e que reproduzimos na íntegra, aborda vários outros temas «quentes» como o recente confronto no Shaba, a política africana de Giscard d'Estaing e Louis de Guiringaud, enfim as relações possíveis entre Luanda e Washington, que Agostinho Neto diz serem aceitáveis por parte da RPA desde que baseadas «no princípio da compreensão mútua». A uma pergunta de José Rebelo - «como poderão evoluir as relações entre o MPLA e a UNITA» - respondeu categoricamente o chefe do Executivo angolano: «Não conhecemos em Angola tal organização. O que há são grupos manipulados do exterior. Politicamente a UNITA só existe em França, em Portugal e em alguns países africanos». Logo nunca houve negociações com a facção de Savimbi e de resto, defende Neto, «logo que a Namíbia seja independente e as nossas relações com o Zaire se tenham tornado normais, a UNITA desaparece.»

Pág. 12

PORTUGAL NA CEE?

"Um desastre"

— diz Cunhal

Miller Guerra, um dos principais responsáveis pelo anteprojecto do Serviço Nacional de Saúde, fez duas intervenções sobre este tema e comentou favoravelmente a exposição de Álvaro Cunhal no ciclo «Portugal, anos 80 - o quê?», de «O Jornal».

Pág. 8



MES E UEDS DESMENTEM NEGOCIAÇÕES COM A UDP

Pág. 10

post-scriptum

«Faz o que digo,
não faças o que faço»

É impossível que se possa ficar indiferente em face do constante aumento do custo de vida. Depois dos telefones, o que virá?

Acho que a moral deve partir sempre de cima, o que evidentemente não acontece. Que exemplos têm dado os membros do Governo no que se refere à austeridade por eles próprios imposta? Vejamos o aumento de cinquenta por cento nos seus vencimentos, que se elevam a mais de 40 contos, enquanto que há reformados a viver com pouco mais de dois contos... É a lei do «faz o que eu digo, não faças o que eu faço».

Por outro lado, enquanto qualquer trabalhador custeia os seus transportes, os membros do Governo não dispensam o meio de transporte custeado pelo Estado, ou seja pelo Povo. E como é que se compreende que certas entidades tenham a gasolina mais barata?

Sempre que determinada empresa pública começa a dar prejuízos, caso dos telefones, caminhos-de-ferro, etc., toca a aumentar. E o Zé que pague! Será que o Governo procura saber se os prejuízos não serão causados por má administração?

E nisto andamos todos nós. Até quando?

Cristóvão da C. Gonçalves
ALGUEIRÃO

O nosso futuro será melhor se nós quisermos

Sem grande surpresa li o comunicado da delegação do PS do distrito de Setúbal, no «Diário de Lisboa» de 27-6-78, onde criticava a gestão da Câmara do Barreiro, por não aumentar os transportes e água, que estão baratos, etc.

Para quem vive surdo e mudo à verdade e à justiça, pode admitir tais críticas, por verdade. Para quem vive acordado e consciente apercebe-se que o espírito da crítica é a pura subserviência ao capital, existente nas pessoas que continuam fiéis à linha desastrosa do Governo PS/CDS.

Respeitando a liberdade de cada um, apenas peço para meditar, pois se os senhores ministros que têm grandes ordenados, têm carro e motoristas às ordens (grátis), porque é que os transportes, muitos deles que nem ordenado mínimo recebem, são obrigados a aceitar e pagar todos os aumentos de transportes que esses senhores ministros pagos pelo POVO decretam?

Não teremos nós, pelo menos direito a uns transportes públicos dignos e acessíveis?

O nosso amanhã será melhor se nós quisermos. Parados, surdos e alheios à verdade, tudo continuará na mesma, pois como todos sabem nada cai do céu.

Parece-me que já devíamos aperceber-nos mais dos deveres e direitos, mas também de saber quem é o nosso amigo e inimigo. Não podemos ver um partido como um clube de futebol. A opção partidária é uma coisa séria, pois é uma opção de classe. Não são todos iguais, como muitos dizem. Os partidos são constituídos por pessoas e neste país, ainda existem pessoas honestas e coerentes, muitas delas já deram provas disso.

António Lopes Aguiar
AMADORA

Namora em «espanhol»

O «Diário de Lisboa», publicou no dia 21 do corrente, uma notícia com o título **Domingo à Tarde de Namora saiu em versão espanhola**. Gostaria de ser esclarecido sobre que língua foi realmente usada nessa versão. Pois o qualificativo «espanhola» deve referir-se ao facto de essa versão haver sido publicada em Espanha e certamente não à língua em que foi publicada, já que nesse jornal não se ignora que não há nenhuma «língua espanhola», mas sim e só castelhana, catalã, galega e vasconça (euskara). A não ser que se queira identificar «espanhol» com «castelhano», como pretendeu (em vão) fazer o franquismo, mas que é incorrecto pois mesmo em Espanha nos liceus e universidades, não se estuda «literatura espanhola» mas sim «literatura castelhana» (e catalã, e galega, e euskara...)

Estou certo de que o «Diário de Lisboa» acolherá bem esta observação partida de quem conhece bem as pressas com que tanta vez os jornais têm de entrar na máquina consentido deslizes piores.

Manuel de Seabra - PAREDE

A língua, obviamente, era o castelhano e aqui estamos a absolver-nos do lapso. Tem razão o escritor Manuel de Seabra, que o leitor do «DL» talvez recorde ser o mais perscrutante divulgador da cultura catalã em Portugal desde os anos 50.

PODER LOCAL

A PROPÓSITO DA CRISE DOS TRANSPORTES

População do Barreiro vem para a rua em apoio da sua Câmara Municipal

Comissões de trabalhadores e de moradores, sindicatos e várias associações de estudantes promovem esta tarde, com início às 18 e 30, diante do edifício dos Paços do Concelho do Barreiro, uma manifestação popular de apoio à Câmara Municipal local.

Explicando a razão de ser desta iniciativa, a comissão promotora da manifestação afirmaria, em comunicado que fez chegar à nossa redacção, que o Governo, «com a finalidade de criar descontentamento na população do Barreiro e de a voltar contra a Câmara, de maioria APU (antiga FEPU) e de fazer desde já campanha eleitoral para as autarquias, cortou as verbas para provocar a paralisação de importantes melhoramentos no Barreiro e mandou a Petrolgal suspender o fornecimento de gás-óleo aos transportes colectivos».

A comissão promotora, que explica provirem do Governo mais de 70 por cento dos insuficientes dinheiros da Câmara, afirma que «sem a boa gestão, dedicação e espírito de sacrifício do município há já muito que os transportes do Barreiro teriam parado» e exige «o fim do boicote do Governo e o fim do corte de gás-óleo aos transportes de uma população laboriosa de cem mil habitantes, que todos os dias se tem de deslocar para o trabalho».

A Câmara do Barreiro, que se conta entre as poucas dispostas de serviço de transportes colectivos, devia cerca de 16 mil contos à Petrolgal quando, há semanas, esta empresa pública lhe cortou o abastecimento de gás-óleo em vigor desde 1975. Parece ser difícil não reconhecer que têm razão os promotores da manifestação desta tarde quando afirmam tratar-se de boicote e de discriminação política, sobretudo se pensarmos que outras câmaras também em dívida por causa dos transportes (como a do Porto, que deve 41 mil contos à Petrolgal) não têm sido alvo de boicote por parte da empresa.

A situação da Câmara do Barreiro, cujas dívidas, no total, rondam os 60 mil contos, é inseparável da situação desesperada a que a redução dos gastos públicos imposta pelo FMI e a não publicação da Lei das Finanças Locais tem levado numerosos municípios. Até agora, e dada a

impossibilidade camarária de arcar com as despesas de combustível, a questão tem sido resolvida por meio de quotas organizadas pela própria população. Entretanto, os responsáveis pelo município têm procurado junto do Ministério da Administração Interna uma moratória que lhes permita solucionar com a Petrolgal a questão dos abastecimentos.

A distribuição por este Ministério, na semana passada, às câmaras de todo o território nacional, das verbas destinadas à aquisição de equipamentos, distribuição que oportunamente noticiámos, não possibilita, no caso particular do Barreiro, que recebeu perto de oito mil contos, senão fazer face aos encargos salariais do corrente mês, incluindo parte dos subsídios de férias. No Barreiro, aliás, os subsídios do MAI apenas permitem pagar os encargos relativos a um terço do pessoal ao serviço do município.

No que toca ao problema específico dos transportes, a Câmara do Barreiro apresentou aos responsáveis pela Administração Interna uma proposta no sentido de ser definida qual a percentagem dos encargos a suportar pelos utentes através das tarifas e qual a que deve ser da responsabilidade da colectividade. A Câmara levou igual-

mente ao MAI uma proposta de estrutura tarifária, incluindo um pedido de empréstimos que possibilitem o investimento, destinado, no caso, à compra de novos autocarros.

Manif. no Funchal contra o fascismo e a subida do custo de vida

Organizada pela USAM (União dos Caseiros da Ilha da Madeira) e pela Associação de Estudantes da Escola Industrial do Funchal, decorre esta tarde nesta cidade às 18 (hora local) uma manifestação seguida de comício contra o aumento do custo de vida, o separatismo e o terrorismo, o eventual regresso de Tomás, e contra as organizações e imprensa fascistas.

Os sindicatos promotores da manifestação vão dar um prazo ao Governo Regional (PSD) para verem satisfeitas não apenas aquelas reivindicações, mas igualmente as exigências de não-aumento dos preços dos transportes, e de abaixamento dos dos preços do milho, massas alimentares e do pão. A CGTP não manifestou o seu apoio a esta realização.

Instalada a Assembleia Distrital da Guarda

Acaba de ser completado o esquema autárquico do distrito da Guarda, com a instalação da Assembleia Distrital, que é constituída por todos os presidentes das Assembleias Municipais e das câmaras e representantes de uma das freguesias de cada Concelho.

Na cerimónia de verificação de poderes, o Governador Civil, Emilio Leitão Paulo (que é o presidente nato da Assem-

bleia Distrital), depois de se congratular com a presença do ministro Almeida Santos, «seu amigo de há muitos anos e ministro distinto deste País», afirmou que «a instalação desta Assembleia foi mais um passo dado no caminho da implantação da democracia entre nós, mais um passo dado a caminho da descentralização do poder para que aponte a Constituição».

Leite belga no Algarve à espera de portaria

Estão actualmente armazenados em Faro, aguardando a publicação de portaria que autorize a respectiva venda, 300 mil litros de leite importados da Bélgica.

O leite foi importado directamente para o Algarve e faz parte de uma encomenda de um milhão de litros daquele produto, comprado à Bélgica mediante concurso devidamente autorizado.

Segundo o presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, individualidade que divulgou a notícia, o leite importado é exclusivamente destinado ao Algarve para consumo nos meses de Julho e Agosto, e servirá para suprir as carências locais no abastecimento.

Destinado de forma especial aos aglomerados turísticos e porque não beneficia de subsídio, o leite belga será posto à venda, a 16\$50 o litro, sendo esta alteração de preço, o que origina a necessidade de legislação, que, a não ser publicada dentro de dois dias, quando o for, encontrará já o Algarve abastecido, pois que está a aguardar-se segundo a mesma fonte, a chegada de um carregamento de mais 600 mil litros de leite.

Plenário debateu autonomia dos Açores

PONTA DELGADA, 4 (ANOP) — O plenário do Governo Regional dos Açores, reunido na passada quinta-feira, procedeu à análise do modo como têm decorrido as reuniões com o Governo da República acerca do plano para a concretização da autonomia do arquipélago, tendo definido a metodologia a seguir com vista a obterem-se resultados concretos.

O plenário apreciou, e aprovou na generalidade, a lei orgânica da Secretaria Regional do Comércio e Indústria, tendo analisado o problema da regionalização dos sectores portuário e aeroportuário da região, com base nas propostas apresentadas pelo Ministério dos Transportes, defendendo ainda as linhas de actuação a seguir nas próximas reuniões a efectuar em Lisboa.

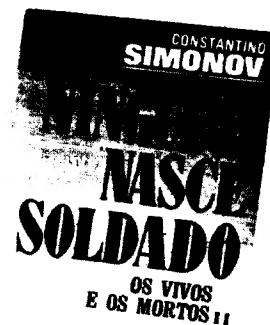
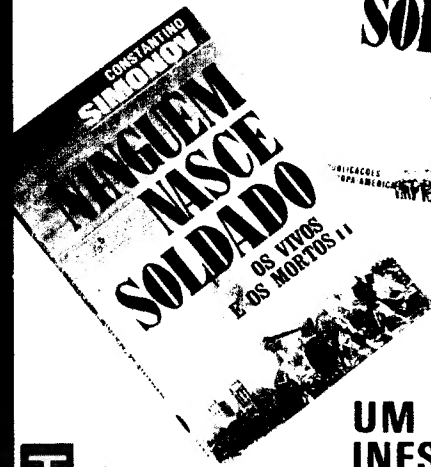
Em férias leia
um bom romance

NINGUÉM NASCE SOLDADO

mais grandioso que GUERRA E PAZ
mais emocionante que A MÃE

NINGUÉM NASCE
SOLDADO

... mas todos podem
vir a sê-lo...



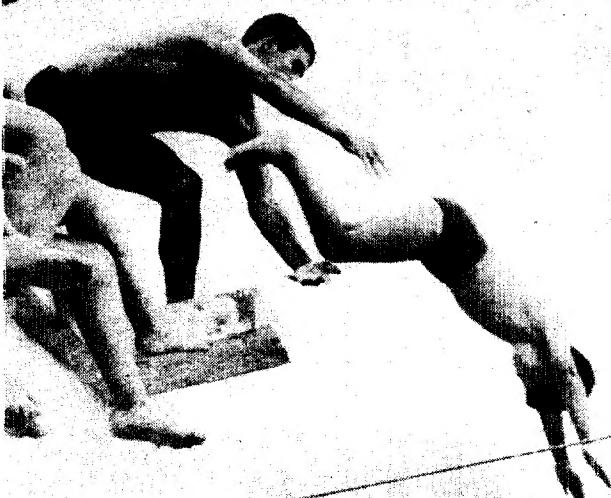
UM ROMANCE
INESQUECÍVEL
à venda os dois volumes

Publicações Europa-América

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ponto a ponto



Ontem anunciámos aqui o ponto alto da canícula: 32 graus. Hoje podemos confirmar: segundo o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica a temperatura média do ar até ao dia 15 de Julho deverá manter-se acima dos valores normais da época, mantendo-se as actuais condições meteorológicas, com céu geralmente limpo e vento fraco.



Sá Carneiro, regressado à presidência do PSD, partia ontem à tarde de férias, pelo que os sociais-democratas pediram o adiamento da audiência que o recém-regressado deveria ter com o general Ramalho Eanes às 19 horas de ontem. Regressado de férias, Sá Carneiro será recebido pelo PR depois do dia 12. De acordo com os sociais-democratas, a Presidência da República aceitou a proposta do adiamento. Sá Carneiro partiu de Lisboa.

«Neste momento o perigo fascista é maior do que em 1976», disse o conselheiro Vasco Lourenço na Holanda, durante as celebrações do Dia das Comunidades, a um correspondente do semanário «Voz do Povo». Aquele conselheiro que afirmou poder caracterizar-se «a situação actual em Portugal como uma democracia de transição», tocou ao de leve no 25 de Novembro. Assim: «Os acontecimentos do 25 de Novembro têm respostas de vária natureza... é difícil saber o que se passou!»



A CIP esteve em Paris. Melhor: o seu presidente, o eng. António Vasco de Mello e o membro da direcção José Manuel Moraes Cabral estiveram ontem e estão ainda hoje na capital francesa a manter conversações com os círculos governamentais e empresariais. Os dois homens da CIP chegam esta noite ao aeroporto de Lisboa.



Continua a morrer-se nas estradas (más) de Portugal: só no mês de Junho perderam a vida 103 pessoas. Além dos mortos, eleva-se a 2170 o número dos feridos. Durante este período houve 1288 acidentes de viação, dos quais 878 por colisão. Com Julho e sol chegaram as férias em força — para quem as pode gozar. Há mais carros nas estradas. E, como todos os anos, pelo Verão, mais mortes. Que neste período de férias curtas também a morte na estrada entre em vias de austeridade — espera-se, deseja-se.

OS TRINTA ANOS DA SOCIEDADE MAX-PLANCK

Otto Hahn, Prémio Nobel foi seu primeiro presidente

Uma instituição que, respeitando as suas tradições e as missões a desempenhar, se deve comprometer a servir de pioneira em novos campos da investigação científica em gestação na República Federal da Alemanha comemora o seu 30.º aniversário. Referimo-nos à «Sociedade Max-Planck para o Fomento das Ciências».

A Sociedade que hoje tem o nome de um dos mais importantes físicos do nosso século foi fundada em Göttingen dois anos após a Segunda Guerra Mundial sucedendo à Sociedade «Kaiser-Wilhelm».

Na primavera de 1946 o governador militar americano propôs à comissão de controle das quatro potências dissolver a Sociedade Kaiser-Wilhelm que desde 1911 desenvolvia as suas actividades livre de intervenções estatais. Depois das autoridades francesas e russas e, por fim, apesar de relutantes, as autoridades britânicas terem aprovado a proposta, o fim da reputada organização de investigação alemã parecia consistir apenas numa mera formalidade.

Houve, contudo, uma protelação devida à dúvida que se levantou sobre o título a dar à lei correspondente, pois hesitava-se entre «Kaiser-Wilhelm-Gesellschaft» e «Emperor William Society»; o representante russo das quatro potências vencedoras nada queria decidir a este respeito sem primeiro consultar os seus superiores.

O representante britânico, coronel Bertie Kennedy Blount da Research Branch do governo militar britânico tirou proveito deste «quarto de hora de graça». Tendo, desde o início, sido contra a dissolução o coronel serviu-se de uma sugestão expressa incidentalmente numa conversa pelo Prémio Nobel Sir Henry Dale. Dale, então conselheiro do governo inglês e presidente da junta consultiva dos cientistas da Research Branch achava que «era apenas um nome que desagradava a todos. Imperador Guilherme!», isso recorda o tilintar de espadas e a expansão da armada. Chamem-lhe Sociedade Max-Planck e todos ficarão satisfeitos».

Fundou-se assim, em primeiro lugar, em 11 de Setembro de 1946 no Seminário Teológico Bad Driburg sob a presidência do ministro de Estado Adolph Grimme uma nova organização de investigação circunscrita à zona britânica com o nome de Sociedade Max-Planck. Esta organização integrou tudo o que na zona britânica restava em substância da Sociedade Kaiser-Wilhelm.

As tentativas visando a expansão da Organização para a zona americana foram inicialmente infrutíferas. Só uma visita de Otto Hahn ao General Clay, alto-comandante das forças armadas dos Estados Unidos da América, no mês de Agosto de 1947 em Francoforte do Meno, produziu uma mudança. Numa

conversa extraordinariamente animada Hahn tentou esclarecer, no que foi coroado de êxito, o general que a Sociedade Kaiser-Wilhelm nunca fora uma organização nazi.

Estava aberto o caminho para a coordenação de todos os antigos institutos Kaiser-Wilhelm. Em 26 de Fevereiro de 1948 fundava-se em Göttingen a actual «Sociedade Max-Planck para o Fomento das Ciências». Otto Hahn foi o seu primeiro presidente. Não teve depois já lugar a votação de uma lei sobre o conselho de fiscalização visto a Sociedade Kaiser-Wilhelm, que existia apenas formalmente, ter sido extinta em segredo pelos seus próprios membros em Junho de 1960.

Enquanto o prestígio de Max Planck e a sua integridade ajudaram de forma decisiva a preservar na altura a Sociedade Kaiser-Wilhelm da queda, o prestígio e a personalidade de Otto Hahn auxiliavam agora a Sociedade Max-Planck a libertar-se do isolamento internacional. Sob a sua presidência que durou doze anos os institutos voltaram a ser reconstruídos. Em 1960 contavam-se quarenta institutos em relação aos 24 registados quando da fundação da Sociedade. O orçamento subiu de cerca de 15 milhões de marcos para 80 milhões de marcos alemães aquando da reforma monetária.

Quando em 1960 foi eleito presidente Adolf Butenandt,

iniciou-se uma considerável fase de crescimento. No seu decurso a Sociedade Max-Planck tornou-se uma organização de investigação com mais de 8.000 colaboradores dispondo de um orçamento anual de 500 milhões de marcos alemães. Optou-se por novas directrizes de trabalho físicas, a radioastronomia, a astronomia óptica e a investigação dos corpos sólidos enquanto se incrementavam as ciências do espírito e as ciências sociais. No âmbito médico-biológico criaram-se grandes centros de estudo.

Reimar Lust que aceitou a presidência no Verão de 1972 pôde apenas continuar este desenvolvimento de forma limitada pois teve de se adaptar a quotas de crescimento reais mais pequenas e limitar-se ao pessoal existente. Daí por diante tornavam-se necessários um planeamento inteligente no âmbito da política de investigação, a cooperação com outros centros de estudos e nomeadamente muita habilidade pessoal a fim de conservar a mobilidade e a flexibilidade nos institutos. Era necessário examinar com mais rigor do que antes em que medida os institutos existentes podiam experimentar uma nova vida ou se não seria preferível cedê-los a outros centros de investigação ou mesmo encerrá-los quando não cumprissem as suas tarefas.

A fundação da Sociedade

Continua na pág. 4



REFLEXÃO ENTRE «CRISE» E FÉRIAS

Sucedem-se os acontecimentos num ritmo rápido. Algumas vezes verifica-se uma sobreposição dos eventos, das tomadas de posição, dos discursos. O cidadão comum experimenta reais dificuldades para seguir o «curso histórico» e para acompanhar a alta dos preços. Porque, também a alta dos preços, faz parte da história destes dias e é um aspecto importante da política destes dias. A relativa «paz política» poderá explodir, ou pelo menos ver-se seriamente comprometida, pela elevação constante e chocante do custo da vida.

Claro que as nossas contas de «dona de casa de casa pobre» — contas que António Sérgio não se cansou de ensinar —, não podem ser confrontadas com as razões de contabilidade pública, os imperativos da balança de pagamentos, os condicionamentos drásticos da escassez de meios de pagamento, os insondáveis abismos da dívida externa. Mas é em termos do preço da renda da casa, da carne, do peixe e do vinho, do vestuário e dos transportes, que o homem comum raciocina e julga.

Nenhuma «Conferência sobre o Fascismo» (e venha a Conferência sem simplismos e sem sectarismos), nenhum «Livro Negro» (e venha o «Livro Negro» para esclarecimento das novas gerações), poderá iludir, ou contrariar, a perspectiva de «crise» que uma «combinação política» adiou mas não resolveu. Paliativos, medidas eventuais, expedientes de recurso, são habilidades políticas que podem prolongar a vida dos governos, mas não encaminham para uma política democrática, aberta, participada e rigorosa. O que falta na nossa vida pública é rigor. E responsabilidade também.

Há homens sinceros. E há homens que se deixam arrastar ao sabor da corrente, que, por comodidade pessoal, colaboram, mas que se formaram noutro tempo e com outro modo de vida se conformaram. Inconscientemente, algumas vezes, são fontes de má administração e de mau exemplo. Porque outro é o seu estilo de vida, e entre o seu pensamento e a «carta do partido» não há qualquer ligação afectiva e efectiva. Aderiram à democracia (ou ao socialismo), não se integraram na doutrina democrática, nem vivem a democracia. Conversões apressadas (e interessadas) para defender ou conquistar posições sociais, ou burocráticas, ou políticas, não trazem maior prestígio às ideias nem mais força às organizações. Nada se ganha, e tudo se poderá perder, se consentirmos que proliferem carreirismos e oportunismos.

O «Estado democrático» não terá só que se defender dos «fascistas», terá que se defender dos «falsos democratas» e dos «maus democratas».

Serão capazes os homens políticos, os pequenos e grandes responsáveis, de roubar aos seus dias de férias uns minutos para meditação? Terão eles a noção de que este intervalo de tranquilidade aparente nos vai aproximando de um confronto (político) inevitável, de um agravamento da «crise», da hora das inadiáveis opções?

QUEM REPRESENTA QUEM?

Prestar atenção às palavras e às actividades dos jovens, seguir os seus passos e acções, perscrutar as suas inquieta-

ções, escutar as suas queixas e os seus brados, é necessário e é importante. Eles são o futuro desta Revolução, eles são o futuro desta Democracia.

As organizações juvenis democráticas não têm tido infelizmente apoio, não lhes têm sido oferecidas condições de trabalho. Não tem sido compreendido que, independentemente de profissões de fé e de conotações políticas, são para os jovens centros de formação, pólos de consciencialização, locais de convívio e das mais diversas práticas colectivas. Uma organização da juventude é sempre uma escola de cidadãos.

A legislação em vigor abre as portas da vida política aos jovens; permite, portanto, uma certa renovação da vida pública. Mas para que essa renovação seja válida torna-se necessário que os jovens assumam com plena consciência e responsabilidade as tarefas que lhes cabem na construção do «País novo». E na liquidação dos vícios velhos e do velho estilo.

Num encontro de jovens trabalhadores socialistas que teve lugar no fim-de-semana, o secretário-geral da JS disse: «Nós não podemos ser os representantes do Governo junto dos jovens trabalhadores, mas devemos ser os representantes dos jovens trabalhadores junto do Governo.»

Tem razão. Nunca os jovens trabalhadores compreenderão as subtilidades das «coligações» (que o não são, mas como tal funcionam), nem as razões das cedências (que não são conciliações mas que desenharam transigências), nem a «repetição do passado», quando se impõe construir «um futuro».

Cabe aos jovens, nos sindicatos, nos partidos, nas associações escolares, representar junto das hierarquias e das burocracias, da tradição e da habitação, a renovação e a novidade, a força de mudança e de contestação, o movimento, o novo.

Na luta entre o «velho» e o «novo» — contradição irreconciliável nos nossos dias — cabe aos jovens representar os jovens e, por consequência, serem a voz da contestação crítica, o apelo à inovação, a vontade de mudança.

O «VELHO» E O «NOVO» A CURTO PRAZO

Uma nova estratégia no PPD/PSD é, visivelmente, a aparência que revestiu um propósito velho: ser Governo. A fatalidade do PPD/PSD, não é a sua vocação de «grande partido», é a sua vontade de ser «o Poder». Não estamos perante um caso de «ambição pessoal» — o de Sá Carneiro. (Embora a «ambição pessoal» de Sá Carneiro seja um dado). Estamos perante um caso de «colectiva ambição política». No PPD/PSD, quadros políticos de discutível formação ideológica e quadros tecnocráticos de discutível formação técnica, não suportam, uns e outros, o «ostracismo» que é a «oposição».

E isto porque, como é evidente, não é a política em si que lhes interessa, interessa-lhes ser «Poder», gerir, administrar, decidir, executar, acautelar interesses, promover interesses.

O «velho», na estratégia do PPD/PSD, é este objectivo. O «novo» é a compostura, a medida de tom, a prudência das fórmulas, o alinhado das frases, o controlo dos gestos.

Francisco Sá Carneiro adoptou um figurino, uma compostura, um estilo. Digamos: o «estilo Sousa Franco». A curto prazo o «velho» e o «novo» entrarão em contradição, o «populismo» chocará com a «social-democracia», a estratégia eleitoral com a «ambição governamental», o «mito presidencialista» com a escolha do «Presidente».

Porque o «horizonte 80» — não o esqueçamos — está próximo e não é apenas um tema para conversas e conferências.

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE LOURES
ANÚNCIO

2ª Publicação

Faz-se saber: nos autos de Carta Precatória para venda de bens vindos do 7.º Juízo Cível de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária que a TRANSPORTADORA CENTRAL DA RUA DOS CAMINHOS DE FERRO, Lda, move contra a SOCIEDADE CONSTRUCTORA DE MOBILIÁRIO PARA CABELEIREIRO DE FERNANDO DE JESUS, Lda, com sede na Quinta de Santo António lote 7, em CAMARATE e no dia 18 do próximo mês de Julho, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial de Loures, se ha-de proceder a arrematação em 1.ª Praça, com base no valor da avaliação dos seguintes bens penhorados naqueles autos:

A ARREMATAR

UMA MAQUINA DE SERRAR, COM DISCO E MOTOR ELECTRICO, DE MARCA DEWALT — Serial n.º C.T. 74/194-H.P. 3, RPM 2820, referência

esta no motor, de cor verde, avaliada em 35 000\$000; e

UMA MAQUINA GALROPE DE-SENGROSSADEIRA, com motor eléctrico, de varias fases de trabalho, com mesas e ao alto, em razoável estado de conservação avaliada em 75 000\$000.

Dos bens a arrematar encontra-se nomeado fiel depositário Joaquim Sipriano Pacheco, casado, legal representante da firma executada e residente na Rua D. Luis de Noronha, n.º 30 6.º andar em Lisboa.

Lisboa, 9 de Junho de 1978

O Juiz de Direito
(a) José Fernando Pereira Batista

O Escrivão de Direito
(a) António da Cruz Ribeiroinho
Patrocínio

TRIBUNAL CIVIL DA
COMARCA DE LISBOA
5.ª Vara

ANÚNCIO

2ª Publicação

Ação Especial de Liquidação em benefício do Estado, n.º 2491, 1.ª Se. Autor — Estado representado pelo Ministério Público. Reus — Incertos.

Por esta 5.ª Vara Cível de Lisboa e 1.ª Secção, correm editos de 30 dias, contados da publicação do segundo e ultimo anúncio, citando quaisquer interessados incertos, para deduzirem a sua habilitação como interessados ou sucessores de interessados, dentro de 20 dias depois de

andar aquele prazo dos editos. O processo encontra-se na secção a disposição de qualquer interessado.

Lisboa, 23 de Junho de 1978

O Corregedor,
(Herlander António da Conceição Antunes Martins)

O Ajudante de Escrivão,
(Fernando da Silva Oliveira)

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Concurso Público n.º 5/78

A visam-se por este meio todas as firmas presumíveis concorrentes, que a data de entrega e abertura das propostas do Concurso Público n.º 5/78 é a que consta no anúncio publicado neste jornal entre os dias 12 e 15 de Junho e não a que consta no Caderno de Encargos.

O PRESIDENTE DO CA

A. A. DE ALMEIDA MELO
.....COR

VENDEMOS ANDARES

Nas melhores condições. Com entrada a combinar, em qualquer local seja qual for a sua disponibilidade financeira não deixe de consultar

57 82 31

— ANDARES
— MORADIAS
57 82 31 — PRÉDIOS
— TERRENOS

Predial Delma

AV. ANTÓNIO AUG. AGUIAR, 150-1.º ESQ.
LISBOA

Memória de Bento Caraça
celebrada por antifascistas
nas Belas-Artes do Porto

A figura do intelectual resistente contra o fascismo e combatente da democracia e da liberdade que foi Bento de Jesus Caraça teve ontem uma noite de evocação nas Belas-Artes do Porto. A sessão teve a colaboração de António Macedo, Alfredo Pereira Gomes, Hugo Ribeiro, Sebastião Gonçalves, entre outros.

«Bento de Jesus Caraça foi muito mais do que um destacado antifascista — diria António Macedo na sua alocução. — Ele foi um homem extraordinário». Segundo Macedo, Caraça foi «o principal aglutinador» do MUNAF, Movimento de Unidade Nacional Antifascista, e deixou, tanto aqui como no MUD, Movimento de Unidade Democrática, «bem vinculada a marca da autenticidade da sua intervenção».

No uso da palavra, Alfredo Pereira Gomes, sugeriu que o sentido a dar à homenagem a Bento Caraça deveria ter como traço fundamental o «reencontro com a sua imagem de homem de cul-

tura, de modo a refazer no presente o que nele há de mais actual». Na evocação do orador, Caraça foi «um homem de que não há que esquecer a obra para exaltar a personalidade, nem ignorar esta para exaltar aquela».

Outro orador, Hugo Ribeiro: Caraça — disse ele — «foi um autêntico mestre, porque primeiro que tudo, olhava para aqueles a a quem se dirigia».

Sebastião Gonçalves evocou Bento Caraça como professor e mestre, salientando alguns menores caracterizadores da sua personalidade.

Durante a sessão foram recebidos e lidos telegramas de saudação à memória do evocado enviados por João Caraça (filho de Bento de Jesus), Rui Luís Gomes e José Morgado.

A sessão integrava o programa previsto pela Comissão Nacional promotora das homenagens e foi organizada pela Livraria Bento de Jesus Caraça, do Porto.

Sociedade Max Planck

Continuação da pág. 3

Kaiser-Wilhelm em Janeiro de 1911 visava preencher lacunas na estrutura científica alemã. Neste campo verificava-se notoriamente um atraso em relação a outros países europeus, em especial em relação à Grã-Bretanha. Em Dahlen, às portas de Berlim, deveria nascer um «Oxford alemão» com institutos dedicados à livre actividade de investigação. Especializações que ainda não tinham encontrado total ou suficiente atenção nas universidades ou em escolas superiores técnicas deviam ali ser cultivadas.

Estes princípios continuam ainda hoje a vigorar na Sociedade Max-Planck, tendo-se contudo modificado o estilo de trabalho nos institutos. Este era antigamente cunhado pelas várias personalidades do mundo da ciência. Os institutos «eram construídos em torno da personalidade» — citamos o primeiro presidente da Sociedade Kaiser-Wilhelm, senhor Adolf von Harnack. Hoje predomina o tipo de instituto profissional dirigido colegialmente, no qual se continua sempre a dar especial valor a trabalhos científicos extraordinários.

Aos directores dos institutos é

conferida apenas uma direcção limitada. De sete em sete anos o conselho da administração e o senado da Sociedade decidem sobre o seu prolongamento. Em ambos os géneros não se encontram só cientistas mas também personalidades do mundo político, económico e público. Também se realizam desde há bastante tempo controlos de êxito mediante vogais especializados que avaliam, sob um ponto de vista crítico, os resultados das investigações. Na medida em que estas juntas consultivas integram sempre cientistas estrangeiros, houve a preocupação de estabelecer medidas comparativas internacionais.

Trinta anos não significam um espaço de tempo particularmente longo, mas nos três últimos decénios a consciência pública modificou-se muito em relação à ciência: desde a admiração do sábio solitário na sua torre de marfim até à exigência de um controle público da actividade de grupos de trabalho qualificados. Não espanta, pois, que os trinta anos da Sociedade Max-Planck constituíssem três decénios de mutação que tornou o mundo ocidental esta organização da ciência.

REFORMA AGRÁRIA

MAP FAZ O PONTO QUANTO A APLICAÇÃO DA LEI

De Março a 30 de Junho
foram entregues 83 reservas

Desde Março deste ano, o Ministério da Agricultura e Pescas devolveu já 83 reservas, num total de 16 mil hectares, todas elas entregues «pacificamente, pelo diálogo, sem o recurso a meios coercivos», diz uma nota oficiosa do MAP, ontem emitida.

A nota oficiosa parece pretender justificar a actuação do MAP nos últimos meses, quanto à execução da Lei de Bases da Reforma Agrária, nomeadamente quando afirma que tem mantido uma actuação discreta na questão, «no desejo de desdramatizar a execução da lei» e quanto sublinha o facto de «mesmo com o recurso à força pública nunca antes fora atingida num único mês a área entregue em Junho passado».

É o seguinte o texto da nota oficiosa.

«1 — A Secretaria de Estado da Estruturação Agrária, no desejo de desdramatizar a execução da

Lei das Bases Gerais da Reforma Agrária, tem tido uma actuação muito discreta em matéria informativa.

«2 — Esse facto tem dado azo a que certa imprensa venha acusando o MAP de não cumprir a referida lei, o que não é exacto.



«3 — Na realidade, o ministro da Agricultura informou, oportunamente, o País de que em 20 de Março passado recomençariam as entregas de reservas e devoluções de terras indevidamente ocupadas.

«4 — Nessa conformidade, esta Secretaria de Estado procedeu a partir da referida data de 20 de Março à entrega de reservas e devoluções de terras, tendo resolvido já, até 30 de Junho findo os 83 casos que especificamente constam da lista anexa a esta nota oficiosa.

«5 — As áreas entregues são as que constam do quadro seguinte: em Março, (a partir do dia 20) 2.065,4 hectares, Em Abril, 2.066,6, Em Maio, 4.875,6, em Junho, 7.019,8, num total de 16.027,4.

«6 — Cumpre salientar que todas as entregas e devoluções foram efectuadas pacificamente, pelo diálogo, sem o recurso a meios coercivos.

«7 — Esta Secretaria de Estado não pode deixar de manifestar a sua satisfação pelos resultados conseguidos e pela receptivi-

dade ao diálogo e à concertação de que os trabalhadores e empresários têm dado provas.

«8 — Isto é tanto mais importante quanto é certo que, mesmo com o recurso à força pública, nunca antes fora atingida, num único mês, a área entregue em Junho passado.

«9 — Pensa esta Secretaria de Estado que está criado o clima de convivência democrática que permitirá, na ordem e na paz social, prosseguir a Reforma Agrária.

«10 — A Reforma Agrária, aliás, não consiste só, nem principalmente, na simples entrega de reservas e devoluções de terras, mas numa alteração profunda das estruturas produtivas agrícolas, para cuja realização é necessária uma convivência cívica normal entre os parceiros sociais interessados e o Governo.»



BRIGIDA ALVES GOMES

FALECEU

Seus filhos, noras, genro, netos e bisnetas e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó, bisavó e parente, e que o seu funeral se realiza hoje pelas 14.30 horas, da Igreja de N.ª S.ª de Fátima, para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA MAGNO & JAIME GOMES, LDA.
Largo Frei Heitor Pinto, 2-B
Telef. 883595



BRIGIDA ALVES GOMES

FALECEU

Nossa querida mãe, saudades de todos os «FILHOS ADOPTIVOS ESCANDINAVOS» agradecemos muitos anos agradáveis juntos:
POUL + VITTA + MOGENS + TOVE, + TAGE + ORLY + LIS + MANGE MANGE FLERE

a) KNUD

"Indemnizações" ao capital estarão para breve

Segundo informação do «Diário de Notícias» obtida no «departamento governamental que está a elaborar aquele documento», está para breve a portaria que servirá de base a todo o processo do pagamento de indemnizações aos capitalistas antigos detentores das empresas nacionalizadas.

Segundo o mesmo jornal, a legislação virá na sequência da aprovação em Conselho de Mi-

nistros de um decreto-lei «que também deverá ser publicado por estes dias, fixando os coeficientes alfa e beta, indispensáveis ao cálculo dos valores a indemnizar».

Tudo este trabalho, acrescenta o «DN», é «particularmente moroso difícil e complicado». Este nosso prezado colega da manhã conclui, porém, ser «de admitir que todas as dúvidas serão brevemente esclarecidas».

Começou a negociação da PRT para o sector agrícola

Com a participação de um representante da delegação do Ministério do Trabalho começaram, ontem, em Évora, as negociações da Portaria Regularizadora de Trabalho para o sector

agrícola. Estiveram na reunião os representantes dos Sindicatos Agrícolas abrangidos por essa legislação laboral mas faltou o outro componente da parte negociadora que neste caso são as Associações de Agricultores, filiais da CAP, nos respectivos distritos.

As negociações irão prosseguir, até se chegar a uma conclusão, todas as terças e quintas-feiras.

Fogo destrói três pavilhões no Martim Moniz

Devido a um curto-circuito, três pavilhões de feirantes instalados no Largo Martim Moniz, em Lisboa, ficaram com todo o seu recheio, constituído por pássaros e sapatos, destruído em poucos minutos, apesar da rápida intervenção dos Sapadores Bombeiros. O ataque às chamas seria, porém, bastante dificultado devido à não existência no local de uma boca de incêndio.

Os pavilhões sinistrados são propriedade da Câmara Municipal de Lisboa e os seus locatários pagam uma renda mensal de mil escudos.

Gonelha vai à RFA

O prof. Fritz Caspari, embaixador da RFA, foi ontem recebido pelo ministro do Trabalho, Maldonado Gonelha, com quem tratou de assuntos relacionados com a sua próxima visita à Alemanha Federal a convite da Fundação Friedrich Ebert.

Durante a sua estadia na Alemanha Federal Maldonado Gonelha será também recebido por membros do Governo de Bona, com quem tratará de problemas relacionados com a sua pasta.

ESCALA DE MEIA HORA Walter Mondale esteve nos Açores

O vice-presidente norte-americano Walter Mondale esteve ontem cerca de uma hora nos Açores, onde teve uma breve reunião com as principais autoridades do arquipélago. A oportunidade coincidiu com uma escala técnica entre o Médio Oriente e Washington, e serviu para o segundo homem da Casa Branca trocar algumas impressões acerca de problemas que se prendem com as relações entre aquelas ilhas atlânticas e os Estados Unidos.

Encontraram-se com Mondale — e foi na base aérea das Lajes, dada a exiguidade do tempo de escala — o presidente da Assembleia Regional, Álvaro Monjardino (também ministro da República em exercício) e o presidente do Governo Regional, Mota Amaral. Durante o encontro, segundo a ANOP, Mondale

elogiou o papel dos emigrantes açorianos no desenvolvimento dos Estados Unidos. Falou-se também da Base Aérea das Lajes, das comunicações entre a Europa e a América.

No final do encontro os interlocutores portugueses de Mondale disseram aos jornalistas que haviam tratado com ele das negociações em curso para renovação do acordo luso-americano que permite aos Estados Unidos a utilização das Lajes.

Segundo observadores, as mais altas entidades do arquipélago teriam repetido ao vice-presidente o grande interesse da parte portuguesa em que rapidamente se verifique a assinatura do acordo que trará importante contrapartida financeira para o desenvolvimento da região.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO África em destaque

Correspondente aos meses de Junho e Julho, acaba de sair o quinto número dos cadernos do Terceiro Mundo. África merece a parte gorda dos cadernos, desde o massacre de Kassinga, até ao assalto neocolonialista da França, à intervenção no Shaba e à guerra do Tchade. A América Latina, com particular importância para o Brasil, está também presente nos cadernos. Países e regimes políticos e eleições e sua análise que se podem ler neste número cinco: Uruguai, Nicarágua, S. Domingos, Haiti, Bolívia, os efeitos maléficos do FMI no Peru («A rebelião contra o FMI» de Juan Quispe) e o Equador.

No desporto surge a história de Pelé, rei do futebol vendido às multinacionais, cujo aproveitamento pelo regime militar brasileiro é uma evidência, Pelé que ganha 15 milhões de dólares por ano sorri para todo o Mundo por conta da Pepsi-Cola.

A política petrolífera argelina é também tema.

Em FARO o
Diário de Lisboa
vende-se no
CAFÉ BRASILEIRA

Acordo Comercial Portugal-Guiné-Bissau

O «Diário da República» publica hoje o Decreto-Lei n.º 62/78, emanado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que aprova e divulga o acordo comercial a celebrar entre Portugal e a Guiné-Bissau. Entre os objectivos do referido acordo destacam-se a consolidação das relações de cooperação e amizade entre os dois países, especialmente o aumento do volume do comércio, de acordo com as leis em vigor nos respectivos países.

As partes contraentes conceder-se-ão, reciprocamente, o tratamento de nação mais favorecida no respeitante a taxas alfandegárias e outras, desde que as mercadorias em causa sejam originárias de Portugal ou da Guiné-Bissau.

São igualmente isentas de direitos aduaneiros e outros encargos da mesma natureza as importações temporárias de mercadorias para feiras, exposições e prospecções de mercados.

Finalmente o acordo agora aprovado pelo Governo português prevê o encorajamento da cooperação industrial, comercial, financeira e tecnológica entre empresas dos dois países.

Para superintender na execu-

ção do acordo é constituída uma Comissão Mista que reunirá anual e alternadamente em Portugal e na Guiné-Bissau. Esta Comissão terá ainda por objectivo o estudo das formas de estreitamento das relações económicas entre os dois países.

Biblioteca Nacional tem nova Comissão de Reestruturação

Tendo em conta que «é insustentável que se adie por mais tempo a preparação de um conjunto de medidas que restituam à Biblioteca Nacional de Lisboa a dignidade e a funcionalidade que lhe devem ser próprias», o Decreto-Lei n.º 159/78, hoje publicado no «Diário da República», cria aí uma comissão de gestão e de reestruturação.

Esta comissão a nomear por despacho do secretário de Estado da Cultura, será dotada da competência dos actuais órgãos de gestão da Biblioteca de Lis-

boa e cessará as suas funções no momento da publicação do projecto de lei orgânica da Biblioteca Nacional de Lisboa. A apresentação do referido projecto de lei competirá à nova comissão de gestão e incluirá o quadro de pessoal.

Entretanto, e até à publicação dessa lei orgânica o secretário de Estado da Cultura poderá tomar, através de despachos, as providências necessárias ao funcionamento pleno da Biblioteca.

Que é feito do pediatra da Caixa?

«A Comissão de Moradores aqui da zona (Bairro Alto) vai debruçar-se sobre o assunto e terá de tomar decisões.» É o caso que, ontem ainda, no posto da Caixa situado na Rua Luz Soriano não foram atendidas 18 consultas de pediatria marcadas, algumas, com antecedência de mês e meio.

«Não temos nada contra os funcionários do posto, as enfermeiras, nem contra o médico chefe, correctíssimos na maneira como nos atendem. Os serviços centrais é que devem ser responsabilizados pela falta do pediatra. Se vamos todas a correr para o Hospital Dona Estefânia também lá começa tudo a correr mal», diz-nos a mãe de duas crianças, uma de quatro e outra de nove anos.

Por isso é legítimo pensar na falta que faz um autêntico Serviço Nacional de Saúde.

NO FUTURO ELE VAI AVALIAR A IMPORTÂNCIA DA NOSSA AGÊNCIA EM POMBAL

Contribuindo para o desenvolvimento económico das populações, facilitando o crédito, realizando operações bancárias, criando aforro, a Caixa Geral de Depósitos desempenha um papel fundamental na economia portuguesa. Por isso, continuamos presentes em Pombal, agora com novas instalações. Contribuindo para o desenvolvimento de um concelho laborioso. Para criar melhores condições de vida aos homens de hoje e de amanhã.



**CAIXA GERAL
DE DEPÓSITOS**

Rua de Coimbra, 1 — Tel: 22334 — POMBAL



M. H. O. P.**MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS**

G. I. P. R. E. — Gabinete de Informação Pública e Relações Exteriores

ACTIVIDADE DESENVOLVIDA**JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS****REDE NACIONAL DO CONTINENTE****I — CONCURSOS PÚBLICOS**

No decurso do primeiro semestre, a JAE realizou concursos para adjudicação das empreitadas de construção de 23 obras que, seguidamente se discriminam, por distritos, com a extensão total de 153,1 km.

Distritos	1.º Trimestre			2.º Trimestre		
	Base de licitação (contos)	N.º de obras	Extensão km	Base de licitação (contos)	N.º de obras	Extensão km
AVEIRO	9 495	2	8,0	—	—	—
BRAGANÇA	8 471	1	4,0	67 871	3	29,5
CASTELO BRANCO	31 177	2	8,2	—	—	—
FARO	53 343	6	15,5	29 149	1	15,0
LEIRIA	—	—	—	19 561	1	6,0
LISBOA	48 168	2	40,5	—	—	—
PORTALEGRE	—	—	—	6 835	1	1,2
PORTO	40 809	1	11,0	—	—	—
SETÚBAL	19 953	1	5,2	17 500	1	3,0
VEISEU	41 208	1	6,0	—	—	—
TOTAL	252 624	16	98,4	140 916	7	54,7

II — ADJUDICAÇÕES REALIZADAS

Durante o 1.º semestre, a JAE adjudicou 45 obras no total de 953 753 contos. Destas adjudicações discriminam-se, por distritos, as que correspondem a empreitadas de construção.

Distritos	1.º Trimestre			2.º Trimestre		
	Valor (contos)	N.º de obras	Extensão km	Valor (contos)	N.º de obras	Extensão km
AVEIRO	25 634	2	12,1	—	—	—
BRAGANÇA	—	—	—	10 836	1	4,0
CASTELO BRANCO	27 855	1	8,0	11 195	1	Ponte
COIMBRA	—	—	—	33 120	3	34,0
FARO	—	—	—	68 941	6	15,1 e 3 pontes
GUARDA	—	—	—	14 322	1	40,0
LEIRIA	—	—	—	1 993	1	1,0
LISBOA	91 135	3	53,0	110 517	5	50,0
PORTALEGRE	—	—	—	12 865	1	Ponte
PORTO	—	—	—	103 467	7	48,0
SANTARÉM	15 700	1	18,6	69 656	1	36,0
SETÚBAL	—	—	—	21 464	2	5,2
VIANA DO CASTELO	47 500	1	Ponte	146 768	1	Ponte
VEISEU	46 955	1	8,0	93 830	6	6,0 e 3 pontes
TOTAL	254 779	9	99,7	698 974	36	239,3

Das empreitadas adjudicadas salientam-se as seguintes:

— EENN 9 e 115. Beneficiação de vários lanços (LISBOA)	91 135 contos
— EN 305. Construção da ponte de Lanheses sobre o Rio Lima (VIANA DO CASTELO)	146 769 contos
— EN 234. Construção da variante de Mortágua (VEISEU)	46 955 contos

III — OBRAS CONCLUÍDAS

No 1.º semestre, além de cerca de meia centena de obras de beneficiação de pavimentos, foram concluídas 16 empreitadas na extensão de 78 km, que se seguem discriminadas, por distritos:

Distritos	N.º de obras	Extensão km	Custo final (contos)
AVEIRO	2	22,5	10 769
BEJA	2	12,4	161 359
BRAGANÇA	2	16,0	42 285
CASTELO BRANCO	1	1,0	7 260
COIMBRA	1	Ponte	6 645
FARO	1	1,0	9 050
GUARDA	1	9,2	33 695
LEIRIA	1	1,0	4 520
LISBOA	3	3,0 e edifício	167 910
PORTALEGRE	1	2,6	2 805
PORTO	1	9,3	23 272
TOTAL	16	78,0	469 570

ESCRITURA ASSINADA ONTEM**Medeiros Ferreira em Oslo como presidente da Associação de Relações Internacionais**

Individualidades políticas — entre elas alguns deputados pertencentes ao PS, PSD e CDS ou com estes três agrupamentos conotados formaram, ontem, a Associação Portuguesa para o Estudo das Relações Internacionais (APRI), encabeçada por Medeiros Ferreira, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros.

«Pretendemos estudar cientificamente a concepção da política externa portuguesa mas não interferir na sua execução», declarou o deputado do Partido Socialista e antecessor de Sá Machado na direcção da política externa governamental, pouco depois de haver sido assinada a escritura notarial da Associação.

Pelos nomes envolvidos pode ter-se uma ideia do que poderá significar, no futuro, a APRI, pois é notório que os seus integrantes ou são indivíduos considerados no PS e no PSD como mais favoráveis a uma coligação governamental entre estes dois parti-

dos, grande parte dos que apontavam, em tempos ainda recentes, para a formação de um governo a três com exclusão do Partido Comunista.

Medeiros Ferreira, António Barreto, Jaime Gama e Eduardo Paz Ferreira são os nomes mais sonantes da Associação, originários do Partido Socialista. Relacionados com o PSD alinham-se bastantes dos pertencentes ao chamado «grupo de Lisboa». Sêrvulo Correia, Pinto Balsemão, Rui Machete e Figueiredo Dias, nomeadamente. Do CDS aparecem como membros fundadores o próprio ministro dos Negócios Estrangeiros, Sá Machado e Lucas Pires. Há outras personalidades sem vinculação partidária conhecida como é o caso do antigo professor de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito de Lisboa, André Gonçalves Pereira.

«A qualidade e diversidade

das personalidades fundadoras desta associação garante-nos a objectividade e a independência dos estudos a efectuar», disse à ANOP, Medeiros Ferreira, escolhido pelos seus pares para Presidente da APRI. Ainda segundo Medeiros Ferreira, a Associação está a ser organizada desde o ano passado mas só agora se terá podido concretizar. «Já era oportuno nessa altura e continua a ser oportuno o seu aparecimento agora», comentou.

Do programa da associação constam reuniões e colóquios internos e externos, estando desde já prevista a deslocação de Medeiros Ferreira a Oslo, em Setembro, para participar num encontro conjunto de associações internacionais do mesmo tipo.

E intenção dos fundadores a filiação numa organização que englobe associações similares de outros Países.

Ministro Arnaut inscreveu-se no Movimento de Saúde Comunitária

A adesão do ministro dos Assuntos Sociais, António Arnaut, destacado elemento do PS e ex-vice-presidente da Assembleia da República ao Movimento de Saúde Comunitária (MSC), que tem apoiado criticamente o anteprojecto de Serviço Nacional de Saúde da responsabilidade do gabinete do próprio Arnaut, foi tornada pública durante uma reunião em Beja daquela associação cívica.

Confirmando uma tendência que se está a evidenciar no seio da «classe política», represen-

tada pela adesão de militantes de partidos e ex-membros de Governos a fundações, associações e movimentos de índole menos marcadamente política e partidária, esta adesão do ministro responsável pelas questões da Saúde a um movimento que lhe tem manifestado o seu apoio crítico constitui mais um índice de que a actual repartição partidária dos homens de vocação política nem sempre recobre com exactidão o âmbito dos seus interesses e actividades.

Esta situação, para a qual mesmo alguns partidos, como o

PCP, têm chamado a atenção da opinião pública e dos democratas, sugere que, num futuro mais ou menos próximo, a movimentação da sociedade civil portuguesa pode vir a trazer para o primeiro plano da vida nacional algumas dessas formações e associações.

O Movimento de Saúde Comunitária agrupa no seu seio não apenas trabalhadores da saúde mas também todas as pessoas que se sintam motivadas pelo sistema de saúde português, independentemente da sua filiação partidária.

COMUNICAÇÃO SOCIAL**Conselho de Imprensa pede explicações ao FC do Porto**

O Conselho de Imprensa, na sua reunião de ontem, debruçou-se especialmente sobre duas questões actuais: a proibição pelo F.C. do Porto de certos jornais e jornalistas entrarem nas suas instalações e uma queixa do Sindicato dos Jornalistas contra o Conselho de Gerência do «Diário Popular».

Relativamente ao primeiro ponto decidiu o Conselho, «perante a gravidade dos factos e no âmbito da sua competência» so-

licitar aos órgãos directivos do FC do Porto informação completa acerca das referidas proibições. Quanto à queixa apresentada contra a gerência do «Diário Popular» o Conselho de Imprensa comunicou não haver qualquer censura a fazer sobre a questão da admissão de jornalistas mas que, ao contrário, já é merecedor de censura um corte de publicidade efectuado pelo Conselho de Gerência, o que, diz o CI, «não é da sua competência». «Cabe ao director, ouvido o

Conselho de Redacção, decidir sobre a não inserção de publicidade quando contenda com a orientação do jornal.»

Para além destas questões mais importantes, o Conselho de Imprensa concluiu a apreciação do decreto-lei que visa introduzir alterações nos artigos 37 e 68 da lei da Imprensa e apreciou uma queixa contra um jornal de Ponta Delgada que não permitiu o exercício do direito de resposta nas suas colunas.

Chefe de Redacção do «La Croix»**defende gestão colectiva das empresas jornalísticas**

Na Universidade Católica de Lisboa, o padre Lucien Guissard, chefe de redacção do jornal parisiense «La Croix» e professor de técnica jornalística na Universidade de Lovaina, proferiu ontem à tarde uma conferência subordinada ao tema «Liberdade de informação e imprensa estatizada».

Considerando a imprensa estatizada um mal em si e a imprensa gerida por um indivíduo como um mal menor, o orador defendeu que, a gestão colectiva das empresas jornalísticas, com activa participação dos jornalistas na orientação dos órgãos de

Comunicação Social, seria o desejável.

Noutro passo, afirmou que numa democracia deve haver uma liberdade de imprensa e, também, uma liberdade de leitura, o que coloca o problema do auxílio que deve prestar o Estado à imprensa em geral.

No que se refere à problemática das agências noticiosas, o conferencista salientou que nelas se encontra o ponto central do controlo da informação: na fonte e na difusão do noticiário. A «agência nacional — disse — é uma tentação permanente para o poder».

Na parte inicial da conferência,

o padre Guissard falou sobre as limitações à liberdade de imprensa, apontando nomeadamente os condicionamentos económicos que determinam a sobrevivência ou o desaparecimento dos jornais.

O chefe de redacção do «La Croix» proferiu nova conferência às 19h30 de hoje no salão-paroquial da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, versando o tema a «Nova ordem internacional da informação».

O padre Guissard encontra-se em Lisboa a convite do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais.

AOS 30 ANOS QUIS MUDAR DE VIDA

Dólares falsos e "vinho a martelo"

Depósitos cheios com 30 mil litros de «vinho a martelo» foram descobertos de anteontem para ontem em Fontelas, a escassos quilómetros da Lourinhã, por uma brigada da Direcção-Geral da Fiscalização Económica. O «fabricante» é um homem de 30 anos de idade, português, portador de passaporte canadiano, que as autoridades ligam também à impressão de dólares falsos.

José Anacleto Príncipe de Carvalho guardava os depósitos na quinta de um avô. Terá sido mediante denúncia que a Fiscalização lá foi bater ao portão, e de resto o cheiro peculiar de «vinho a martelo» não deixava grandes dúvidas sobre o rendoso negócio. Negócio que se presume não estar dissociado de uma rede mais vasta. Numa primeira abordagem um locatário da quinta autorizou a sua visita parcial, negando-se a deixar que as autoridades fossem mais longe do que a adegua convencional. Para tanto, argumentou, só com um papel do juiz. O papel (mandado de busca) aparecia pouco depois assinado pelo dr. Silva Flor, da comarca da Lourinhã, e aí começou verdadeiramente a descoberta da «fábrica», já sem ninguém à vista, pois a quinta ficara entretanto deserta.

Tudo se passava num quintal de grandes dimensões, vedado por um muro alto. Ali estavam os depósitos do «vinho», metidos terra adentro, com 30 mil litros

em fermentação. Para quem não saiba explica-se o que seja o «vinho a martelo»: água comum, neste caso de um poço, mais açúcar ou melaço, e ainda um pouco de fermento. A água saía do poço puxada por uma moto-bomba.

Uma vez pronto o «vinho» seguia (por cima do muro) para os camiões-cisternas, que o distribuíam aos interessados. O público consumidor pagava-o a 23\$00 o litro, ou talvez mais.

Cabe fazer neste passo a contabilidade dos 30 mil litros. Descontando a água, que o poço do avô de José Anacleto fornecia grátis, o «fabricante» comprava 4250 quilos de açúcar ao preço médio de 20\$50/kg, gastando nisso 87.125\$00 e juntando-lhe 2400\$00 de fermento ao preço de 16\$00/kg. Tudo somado, 89.625\$00. A venda total do «vinho» daria um apuro de 690 contos.

AÍ ESTÁ ELE

As tantas, quando a Fiscalização acabava a busca, José Anacleto deu sinal de si, surgindo na quinta com um automóvel equipado com dez faróis e um projector. Acompanhava-o um amigo. «Apertados», contou a história em pormenor. Os depósitos haviam sido construídos há seis meses pelo mesmo pedreiro que estava a erguer-lhe uma casa na quinta. Negócio rendoso? Hum... E mostrou o passaporte canadiano.

Uma nova busca seria mais tarde feita a um «Mercedes» do amigo de José Anacleto. Palpite certo: escondia 8 mil contos em dólares falsos. Segundo as autoridades, o «vinhateiro a martelo» tem também que ver com as notas, o que mostra a inten-

ção de mudar radicalmente de vida aos 30 anos.

A operação foi conduzida pelo inspector Lopes Faria e sub-inspector Marinho Pereira. José Anacleto, esse, safou-se por agora de mais complicações: permanece em liberdade.

O CONSUMO SEGUNDO DADOS DO INE
Menos para a comida
mais para a farmácia...

Preços mais elevados, compras diminuem. Esta é a conclusão imediata, e nada surpreendente, que se retira do último inquérito de conjuntura realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e referido ao primeiro trimestre do ano corrente.

Segundo o INE, 72 por cento das empresas retalhistas apresentam razões de descontentamento. Decresceu sensivelmente o volume de vendas e das encomendas aos fornecedores, registando-se quebra mais sensível nos grandes armazéns e bazares, móveis e artigos de mobiliário, têxteis, vestuário e calçado.

Tendo em conta que os últimos três meses de cada ano (Natal, 13.º mês...) correspondem ao maior volume de consumo, seguido por um período de re-

tacção nos meses seguintes, concluiu-se, no entanto, do inquérito em causa, que esta diferenciação, significativamente, não se evidenciou este ano, sobretudo, no sector dos produtos alimentares. Só o sector de produtos químicos farmacêuticos e afins não terá sofrido os efeitos da retracção, o que não deixará de ser preocupante. Comeu-se pior e gastou-se mais na farmácia, conclusão breve a tirar.

O sector retalhista, de um modo geral, alega dificuldades de tesouraria, preços de venda demasiado altos, insuficiência de encomendas e dificuldades de importação e de cobrança.

De novo
torneiras secas
na zona de Sintra

Apenas um fiozinho de água correu, no último fim-de-semana, da maioria das torneiras da «zona mártir» de Algueirão e Mem Martins. Ou rebentam canos das caducas redes herdadas pela EPAL, ou quebra a energia eléctrica no reservatório abastecedor...

Os habitantes, obrigados a andar com vasilha, de fonte para fonte, insurgem-se contra tal estado de coisas, agora, sobretudo, quando o calor decidiu abater-se «sobre a cidade», no caso sobre a região de Sintra, de há muito a mais sofredora de carências no abastecimento. A EPAL deve certamente resposta, em factos, aos consumidores de torneira seca.

Setenta
quilogramas
de carne
enterrados

Alertados por residentes do Alvito que estranhavam o mau cheiro notado num ponto da serra de Monsanto e que o atribuíam a um possível cadáver que teria sido enterrado no local, o chefe da Esquadra de Alcântara chamou ontem a atenção de agentes do piquete da PJ para o facto e estes deslocaram-se imediatamente ao local acompanhados de sapadores bombeiros, que procederam a escavações acabando por encontrar, em lugar do cadáver anunciado, carnes e peixes de várias qualidades contidos num saco de plástico. Dada a pequena quantidade das carnes encontradas — cerca de 70 kg — presume-se que tenham sido enterradas por um aprendiz de açambarcador ou por alguém que, tendo adquirido géneros em volume superior ao da capacidade do seu frigorífico, tenha resolvido «guardá-los» deste modo.

Em FARO o
Diário de Lisboa
vende-se no
CAFÉ BRASILEIRA.

ENSINO

PROFESSORES COM CARDIA

Reunião foi mais um expediente

— dizem as quatro direcções sindicais

«A audiência entre o MEC e as direcções sindicais não cumpriu sequer os objectivos que o ministro enunciara quando a convocou. Reduziu-se a mais um expediente para protelar a resolução dos problemas dos professores» — afirmam num comunicado conjunto as quatro direcções sindicais após o encontro de ontem no MEC com o ministro Sottomayor Cardia e o secretário de Estado Aldónio Gomes.

«O ministro convidou os Sindicatos» — prossegue o comunicado — «a apresentar as suas reivindicações sob a forma de projectos de textos legais. Todavia não assumiu qualquer compromisso em os adoptar, no todo ou em parte, mas apenas de os dar a conhecer ao Conselho de Ministros (...). O ministro sugeriu que os Sindicatos indicassem prioridades cronológicas nas suas reivindicações. Contudo as reivindicações dos professores, há quase um ano apresentadas ao MEC e apesar da sua urgência, nunca mereceram, por parte do ministro, uma resposta positiva». E o texto conclui: «O ministro recusou qualquer

conteúdo negocial nas relações de trabalho que propusera em 2 de Março. Certamente o ministro teme o confronto entre as suas posições arbitrárias e as propostas justas e coerentes dos Sindicatos».

De facto, segundo a opinião dos dirigentes sindicais, «não se avançou nada» numa reunião que se prolongou por mais de três horas. Mas, enquanto as direcções sindicais manifestaram o seu desapontamento e pessimismo, o ministro, através do Gabinete de Imprensa, considerou que a reunião tinha decorrido em «ambiente amistoso» e que foi possível «chegar a um consenso». Para o MEC há duas alternativas para tentar solucionar o conflito: «um escalonamento dos vários temas por prioridades, sendo os mesmos posteriormente aprofundados com o ministro e os seus requerentes», ou que «os sindicatos apresentem as suas propostas na forma de textos legais, para o que poderão contar, se quiserem, com a colaboração de técnicos altamente classificados deste Ministério». Em relação a esta última

alternativa, os Sindicatos consideram que tal trabalho não lhes compete mas, mesmo que aceitassem, isso só seria possível depois de o ministro da Educação definir a sua posição política face às reivindicações dos docentes, pois caso contrário seria apenas «apresentar as mesmas propostas com outra forma». Enquanto esta última proposta é mais do agrado do MEC, os professores inclinam-se para a primeira, na medida em que ela pode significar talvez o início de mais reuniões de trabalho, como se pode depreender da parte final da proposta.

MEC e Sindicato têm as férias para tentar pôr termo ao conflito que os opõe há cerca de um ano e que afectou necessariamente o ano lectivo.

VISCONDE
DE JUROMENHA

Os professores da Visconde Juromenha que tinham sido suspensos estão deste ontem reintegrados nas suas funções de docência naquele estabelecimento de ensino.

Efectuou-se ontem uma reunião para eleger uma comissão eleitoral que preparará a eleição do Conselho Directivo, a qual terá lugar no dia 15 de Julho. Perante o desespero e a tentativa de boicote por parte do encarregado de direcção, que tentava evitar a reunião alegando com as reuniões de avaliação que estavam a decorrer, um telefonema para o Ministério resolveu a questão — a reunião podia-se efectuar.

Entretanto o regresso dos professores suspensos foi motivo de convívio, ontem, entre aqueles professores, o resto do corpo docente que sempre apoiou os colegas suspensos e os estudantes que chegaram a fazer uma paralisação de apoio aos docentes suspensos.

DE ACORDO COM O CONSELHO DIRECTIVO
MEC reintegra Afonso Queiró

Num despacho enviado para publicação no «Diário da República», o ministro da Educação e Cultura reintegra Afonso Rodrigues Queiró, elemento da Comissão Central da extinta ANP e professor catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra.

Num circunstanciado despacho, é revelado todo o processo que levou à sua reintegração. Mandado aposentar «por conveniência de serviço» em 1974, o ministro da Educação Sottomayor Cardia viria a decidir que caberia aos órgãos competentes da Faculdade de Direito de

Coimbra optar ou não pela reintegração de Afonso Queiró. Isto, perante a contestação generalizada dos estudantes e da Associação Académica de Coimbra.

O Conselho Directivo, o órgão «competente», reuniu-se em 26 de Junho e foi peremptório: a reintegração de Afonso Queiró «corresponde a um imperativo de justiça e que é altamente conveniente para o serviço da Faculdade». A Associação Académica, «órgão competente» e representativo dos estudantes não foi ouvido. Afonso Queiró está já reintegrado.

NOTARIADO PORTUGUES

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA, A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA ESILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 21 de Abril de 1978, lavrada de fls. 4v.º a fls. 6.º, do Livro C-26 para «escrituras diversas», deste Cartório, entre Joaquim Manuel Dias Leitão e Abílio Filipe Pereira, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: — 1.º — A sociedade adopta a firma «Leitão & Pereira, Limitada», tem a sua sede na Rua de Santo António, número 5, vila e freguesia da Ericeira, concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado a partir de 1 de Maio do corrente ano. — 2.º — O seu objecto é a exploração de um bar, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. — 3.º — O capital social é de 250.000\$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de 2 quotas iguais de 125.000\$00, uma de cada sócio. — 4.º — A gerência da sociedade é dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção em conjunto dos dois sócios para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. — 5.º — Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios. — 6.º — E vedado aos sócios gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras

de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. — 7.º — Os sócios gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. — 8.º — A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso do outro sócio a cessão a estranhos, ao qual é reservado o direito de preferência. — 9.º — Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade subsistirá com os seus herdeiros ou representantes legais, se estes pretendem fazer parte dela, nomeando entre si, um que a todos represente, enquanto a quota estiver indivisa. — 10.º — Na hipótese de os herdeiros ou representantes legais do falecido ou interdição não quiserem continuar na sociedade, apenas, terão direito a receber o que lhes pertencer, apurado por balanço a dar, nessa ocasião. — 11.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

É Certidão de Teor Parcial que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. — Mafra, 27 de Maio de 1978.

O AJUDANTE
Maria Manuela Beirão Climaco
Delgado

NOTARIADO PORTUGUES

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA ESILVA

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 5 de Agosto de 1977, lavrada de fls. 44v.º a fls. 46v.º, do Livro A-105, para «escrituras diversas», deste Cartório, foram alterados o art.º 3.º e o corpo do art.º 4.º do pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «Dionísio Lopes, Limitada», com sede no lugar da Póvoa da Galega, freguesia do Milharado, deste concelho, os quais ficaram com a seguinte redacção: — 3.º — O capital social é de 2.500.000\$00, integralmente realizado nos diversos valores, correspondendo à soma de 8 quotas: ao sócio Dionísio Borges Lopes pertencem 2 quotas no valor de 320.000\$00 e 680.000\$00; ao sócio Dionísio Maria Lopes tem 2 quotas, no valor de 320.000\$00 e 680.000\$00; ao sócio Dionísio Fernandes Lopes pertencem duas quotas, no valor de 90.000\$00 e 160.000\$00, sendo de

igual valor as duas quotas do sócio João Paulo Lopes. — 4.º — A gerência da sociedade é dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por todos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária e suficiente as assinaturas em conjunto de qualquer dos sócios Dionísio Borges Lopes ou Dionísio Maria Lopes, com um dos outros sócios.

É CERTIDÃO DE TEOR PARCIAL que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. — Mafra, 23 de Fevereiro de 1978.

O AJUDANTE
Maria Manuela Beirão Climaco
Delgado

NOTARIADO PORTUGUES

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA, A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA ESILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 12 de Abril corrente, lavrada de fls. 26v.º a fls. 28.º, do Livro A-114 para «escrituras diversas», deste Cartório, entre José Fernando Oliveira Sádio, Henrique Duarte Balcia Alexandre, Carlos Manuel Vicente Alexandre e Fernando Domingos Ferreira Duarte, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: — 1.º — A sociedade adopta a firma «J. F. Alexandre, Limitada», tem a sua sede no lugar do Póbral, freguesia da Carvoeira, deste concelho e durará por tempo indeterminado a partir de 2 de Maio do corrente ano. — 2.º — O seu objecto é a indústria de móveis de cozinha e de toda a espécie, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. — 3.º — O capital é de 50.000\$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de 4 quotas iguais de 12.500\$00, uma de cada sócio. — 4.º — A gerência da sociedade é dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por todos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária e suficiente a intervenção em conjunto de 2 sócios para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. — 5.º — Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios. — 6.º — E vedado aos sócios gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras

de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. — 7.º — Os sócios gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. — 8.º — A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo do consentimento expresso dos outros sócios a cessão a estranhos, aos quais é reservado o direito de preferência. — 9.º — Verificando-se o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade subsistirá com os seus herdeiros ou representantes legais, se estes pretendem fazer parte dela, nomeando entre si, um que a todos represente, enquanto a quota estiver indivisa. — 10.º — Na hipótese de os herdeiros ou representantes legais do falecido ou interdição não quiserem continuar na sociedade, apenas, terão direito a receber o que lhes pertencer, apurado por balanço a dar, nessa ocasião. — 11.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

É CERTIDÃO DE TEOR PARCIAL que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. — Mafra, 27 de Maio de 1978.

O AJUDANTE
Maria Manuela Beirão Climaco
Delgado

CUNHAL NAS CONFERÊNCIAS "PORTUGAL ANOS 80 — O QUÊ?"

Integração na CEE seria verdadeiro desastre

«Para evitar que se vão avolumando os erros», Álvaro Cunhal recordou ontem, na série de conferências do semanário «o Jornal», que quaisquer leis de revisão constitucional «que venham a ser aprovadas terão de respeitar, entre outras importantes características do regime democrático vigente, os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, os direitos dos trabalhadores, das comissões de trabalhadores e das associações sindicais, o princípio da apropriação colectiva dos meios de produção e solos, bem como dos recursos naturais e a eliminação dos monopólios e latifúndios, a planifi-

cação democrática da economia e o sufrágio universal, directo e secreto com sistema de representação proporcional.

«Isto significa — diria então o secretário-geral do PCP — **que as conquistas fundamentais da Revolução, as grandes transformações realizadas e a opção socialista, no quadro de um regime político que reconhece amplos direitos e liberdades aos cidadãos, não podem ser postos em causa em qualquer eventual revisão constitucional a fazer pela futura Assembleia da República**».

«NÃO TEMOS A BOLA DE CRISTAL...»

Plateia, balcão, corredores, hall, e mesmo o espaço de orquestra do teatro Maria Matos, foram superlotados, a noite passada, por centenas de pessoas interessadas na intervenção do dirigente comunista, que, após uma exposição inicial, respondeu a numerosas questões postas pelos presentes (Zinha, Alegre, Miller Guerra, etc.) tendo a sessão terminado já muito para além da meia-noite.

Cunhal fez (confessá-lo-ia o prof. Miller Guerra) uma intervenção brilhante, aplaudida demoradamente no final. Muito seguro, e revelando uma documentação e conhecimento invulgares das realidades económicas e financeiras portuguesas e dos principais países da área da CEE, e (não só) o líder do PCP, avisou, de início, em ironia indirecta ao presidente do CDS, que não ia fazer «profecias, como são os magos podem pretender fazer» e mas tão só «falar de factos, de necessidades e de propósitos (...) não temos nas mãos uma bola de cristal que nos permite adivinhar o futuro».

«Temos apenas — frisou — como instrumentos e meios de previsão, a análise objectiva das realidades e a firme vontade de defender os interesses do nosso povo e da nossa pátria».

Acentuando, por outro lado, que os anos 80 (a Conferência intitulava-se «Portugal, anos 80, o quê?») são referidos «talvez, porque o primeiro ano da década 1980, será o ano das próximas eleições legislativas», Álvaro Cunhal sublinhou ainda que se do resultado dessas eleições «dependerá, sem dúvida, em grande parte, o que será Portugal» nessa década, outros factores, porém, intervirão, «de natureza objectiva e subjectiva, como a evolução da situação econó-

mica e financeira e a arrumação e correlação de forças sociais e políticas em toda a vida nacional».

PAPEL POLÍTICO DAS F.A. CONTINUARÁ...

No caminho até 1980, que será importante para o futuro, Cunhal manifestou confiança de que as forças democráticas portuguesas «não deixarão que se concretizem os planos e tentativas de desestabilização, pronunciamentos e golpes», e considerou que a defesa do regime democrático passa pelo cumprimento, pelos próprios órgãos de soberania, da Constituição, pelo exercício das liberdades e dos direitos dos cidadãos em todo o território, pela reorganização do aparelho do Estado.

A justificar esta última exigência, aquele dirigente diria dos órgãos e agentes do Estado. «... e se se torna norma forças de segurança protegerem os que violam a ordem democrática e reprimirem os que a defendem, e se se torna norma tribunais louvarem e absolverem conspiradores e bombistas quando o juiz é da mesma cor; é evidente a necessidade urgente de proceder a sérias reorganizações no aparelho do Estado».

A necessidade de atender aos planos sociais (defesa dos interesses vitais dos trabalhadores e da grande maioria da população), económico (não prosseguimento da política de recuperação capitalista e latifundista) e financeiro (défices da balança comercial sobem vertiginosamente) como medida de defesa do regime democrático e da independência nacional até aos anos 80, foram igualmente considerados pelo dirigente do PCP.

Sobre os órgãos de soberania, papel do PR, do CR e das Forças Armadas, Álvaro Cunhal disse

nomeadamente que «de nada serviria estatuir formalmente o primado do poder civil se, à partida, tal poder civil assentasse num apoio militar e não na vontade do povo e nas instituições democráticas. «Tão pouco», acrescentou, «seria de aceitar a dissolução de órgãos político-militares existentes, não para instaurar uma hierarquia do Estado democrático, mas para restaurar uma hierarquia reaccionária do passado fascista. Com tais soluções ficaria sem dúvida desimpedido o terreno para golpes ou pronunciamentos e o primado do poder civil seria uma mera cobertura duma ditadura apoiada nas armas».

«O essencial», disse ainda Cunhal sobre esta questão, «é que as Forças Armadas sejam garante da democracia e da independência nacional. E isto pode exigir que além de 1980, as Forças Armadas de forma a determinar, com direitos e deveres claramente definidos e não de forma encapotada, continuem a ter um papel específico no sistema do poder político.»

Na análise da campanha dos grupos e interesses privados contra as nacionalizações e a Reforma Agrária, a pretexto ou de gestão deficitária ou de más colheitas, o secretário-geral do PCP vinco a necessidade de «medidas a curto prazo de saneamento financeiro, de reestruturação e coordenação, de reforço da gestão democrática e do controlo de gestão», a melhoria e diversificação de culturas agrícolas, (girassol, tabaco, beterraba, algodão e pecuária) com apoio técnico e financeiro às UCP's e Cooperativas e medidas urgentes de idêntico apoio aos pequenos agricultores do Norte e Centro do País e protecção dos rendeiros contra os senhorios ricos.

A CEE PRECISA É DE QUE A AJUDEM...

Um ponto particularmente curioso e bem documentado da intervenção de Álvaro Cunhal, prendeu-se com a hipotética integração de Portugal na CEE, que, a concretizar-se nos anos 80, significaria — disse o dirigente comunista — nas condições actuais e nas condições previsíveis, um verdadeiro desastre para a economia portuguesa, para o regime democrático e para a independência nacional».

Argumentos principais apontados: primeiro, atraso português em relação aos «nove» (capitação do produto nacional e 1/4 da RFA, Holanda, Luxemburgo, França e Bélgica) que, a desaparecer as protecções

aduaneiras tiraria à nossa indústria e agricultura competitividade no próprio mercado nacional; segundo, os interesses dos grupos monopolistas desses países entrarão em conflito com o sistema não-monopolista português e, terceira razão, a integração na CEE «não é uma operação económica de interesse nacional, mas uma operação política do interesse do grande capital, com vistas a provocar o regresso de Portugal às estruturas socioeconómicas existentes antes do 25 de Abril».

E Cunhal mostrou em seguida a situação da economia capitalista mundial, a atravessar uma «crise profunda com a diminuição da capacidade utilizada, o aumento do número de desempregados (17 milhões em 1977), a quebra geral da taxa de crescimento, designadamente de 76 para 77: de 14% para 4% no Japão, de 12 para 6% nos EUA, de 8 para 2% na França e de 11 para 3% na RFA.

Ora, lembrou o dirigente comunista, em tal situação, cada país estará a lutar na premissa de resolver os seus próprios problemas «e aquilo que se chama 'auxílio' a outros países é determinado por essa premissa e esse objectivo. Isto é válido em relação ao Mercado Comum, em relação aos EUA, e em relação ao chamado mini Plano Marshall para Portugal e países do Sul da Europa».

«O Mercado Comum», disse, «pouco pode auxiliar, pois bem precisa ele de ser auxiliado». Revelou ainda a quebra de 2% do PIB em 75 no conjunto dos «nove», a baixa da produção industrial de carvão, da extracção bruta de ferro, a crise nos sectores básicos, despedimento de 32 mil operários siderúrgicos, prejuízos gigantescos na refinação de petróleo, etc.

«Tudo considerado», acrescentou Cunhal, «e respondendo ao lema deste colóquio, a integração de Portugal no Mercado Comum é tão absurda nas condições presentes que os anúncios de integração imediata foram sendo esquecidos e mesmo os mais optimistas atiram agora a integração para fins dos anos 80, para os anos 90 e mesmo para o ano 2002 (já traçado com esta precisão!)».

O líder comunista frisaria em seguida que o futuro do nosso país como nação livre, democrática e independente, exige uma política de diversificação de relações externas de forma a evitar a dependência estreita, conducente à submissão a países que nos dominam pelos empréstimos, pressão económica, militar,

etc. Concluindo que Portugal é «obra dos portugueses», que devem decidir da sua vida de maneira independente, citou importantes recursos hídricos por aproveitar, a capacidade industrial a utilizar, as reconversões necessárias e possíveis, centenas de milhares de desempregados não aproveitados, necessidade de conter a desvalorização do escudo, democratizar a cultura e o ensino, respeitar as liberdades em todo o País, etc.

«Uma questão crucial», disse a concluir, «é saber se nós os portugueses aceitamos ser reduzidos a uma mentalidade de abdicção e capitulação nacional que nos leva a ver no estrangeiro a solução de todos os problemas, ou se acreditamos em nós próprios, no nosso povo e na nossa pátria.»

O DIÁLOGO

Na parte de diálogo com a assistência, avultaram as respostas a Salgado Zenha e a Manuel Alegre. Ao primeiro (que citou as «vias» de outro partido (PCE), por exemplo, que retirou o leninismo do seu programa), Cunhal considerou que há muitas formas de falar de Lenine, recordou que o grande dirigente soviético nunca propôs um modelo ou «receita» para qualquer revolução, antes apontou a necessidade do estudo das condições concretas de cada país para qualquer solução rumo ao socialismo.

Reafirmou, por outro lado, que, na hipótese de o seu partido vencer as eleições ou vir a ser força dominante, seriam mantidas as liberdades democráticas, oposição, etc. E a afirmação que a assistência aplaudiu: «convidaríamos, nesse caso, os socialistas a formar Governo conosco».

Alegre perguntou-lhe se estas afirmações eram táticas ou estratégicas. Cunhal historiou o 6.º Congresso do seu partido, em 1965, para responder que se trata de uma questão estratégica, não de hoje, mas já antiga. Sobre o que pensava do presidencialismo e dos presidencialistas, o líder do PCP considerou que há «presidencialistas e presidencialistas», ou seja tendências negativas e positivas (neste caso quando supera incapacidade ou ineficácia do Executivo). A uma outra pergunta de Alegre sobre a hipótese da transição para o socialismo, no quadro actual das nossas instituições, Cunhal considerou haver de facto condições, desde que o actual sistema político-económico se desenvolvesse normalmente, possibilidade de uma transição de carácter pacífico.

Sentença dos bombistas antecipada para quinta-feira

A leitura da sentença do julgamento da rede bombista que se encontrava marcada para o dia 12 do corrente foi antecipada para as 15 horas da próxima quinta-feira, por decisão do juiz-presidente do 5.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa, coronel Paiva Ribeiro.

Recorde-se que o julgamento deste importante processo, que se desenrolou por setenta e oito longas sessões, teve início nas instalações do Jardim do Tabaco, em Novembro do ano passado.

GNR refere diminuição da criminalidade

De acordo com um relatório tornado público pelo Comando-Geral da GNR, relativo à actividade daquela corporação no primeiro trimestre do ano corrente, o índice da criminalidade teria diminuído substancialmente em comparação com idêntico período de 1977, sobretudo no tocante a delitos contra a ordem, a tranquilidade pública, pessoas e propriedade, bem como assaltos à mão armada.

Do registo da GNR constam, entretanto, 425 furtos de automóveis e a recuperação de 369 dos anteriormente roubados.

Jaime Gama vê instalações da Polícia francesa

PARIS, 4 (FP) — O ministro português da Administração Interna, Jaime Gama, teve esta manhã uma série de conversações na Direcção-Geral da Polícia Nacional, em Paris, seguindo à tarde para Velizy, ao sul da capital, onde visitará as instalações da 1.ª Companhia Republicana de Segurança (CRS). A noite oferece um jantar a autoridades francesas na Embaixada de Portugal.

Jaime Gama encontra-se em Paris, desde domingo, na companhia do seu chefe de gabinete, do comandante da Polícia de Segurança Pública portuguesa e do adjunto deste último, e ainda do chefe do serviço dos Estrangeiros e do conselheiro jurídico do seu Ministério.

Amanhã será recebido pelo prefeito da Polícia de Paris, antes de participar num almoço oferecido em sua honra pelo ministro do Interior Francês, Christian Bonnet, com quem conferenciará até às 15 horas. Volta para Lisboa à noite.

FOGO POSTO JUNTO A NATO?

A Polícia Judiciária deteve quatro indivíduos sob suspeita de fogo posto numa área de cerca de 100 mil metros quadrados na margem sul do Tejo, no perímetro florestal da aldeia de Belverde, próximo da Cruz de Pau.

O incêndio, considerado extinto cerca das 4 horas de hoje, foi atacado por cerca de 100 homens das corporações de bombeiros de Capilhas, Almada, Trafaria e da Cruz de Malta de Lisboa.

As chamas foram detidas a cerca de 200 metros da via rápida Cruz de Pau-Fonte da Telha, não tendo chegado a pôr em perigo as instalações militares que a NATO possui a quilómetro e meio do local do incêndio.

JULGAMENTO DOS MILITANTES DA UDP

Tribunal indefere "provas dos factos"

Na última sessão do julgamento dos militantes da UDP (Mariano Piçarra, José Fonseca, Filipa Ferreira e Fernando Costa), estudantes liceais, detidos na zona de Alvalade quando divulgavam propaganda sobre os acontecimentos do 10 de Junho, foram ouvidas as testemunhas de defesa cujos depoimentos coincidiram num ponto: todos viram a polícia disparar rajadas de metralhadora.

O declarante Paulo Jorge de Carvalho, operário metalúrgico, que se encontrava situado a meio da rua das Chagas quando se começaram a ouvir os tiros, presenciou a acção da Polícia. Luís Martins, militante da UDP, que estava na Travessa do Sequeiro, a poucos metros do local onde foi abatido José Jorge de Moraes, ouviu a vítima gritar e correu em seu socorro. Ambos desceram com dificuldade a Trav. do Sequeiro visto que José Jorge ia a sangrar abundantemente.

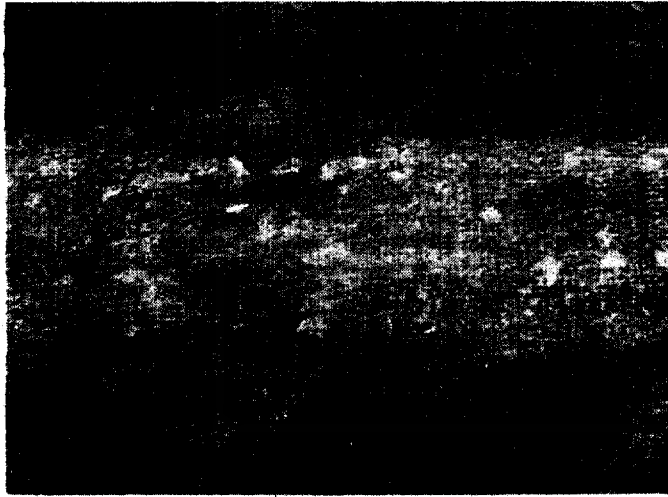
Passados uns metros cruzaram-se com um indivíduo a quem pediram ajuda. Este último, que também foi testemunha na sessão de ontem, identificou-se mais tarde como sendo um repórter do jornal «Podium» de Paço de Arcos, de nome Viana. Com Luís Martins levou o jovem estudante de medicina ferido para o elevador da Bica.

Disseram estas testemunhas ter visto um polícia surgir na embocadura da Rua das Chagas, afastar-se cerca de dez metros dos manifestantes fascistas (à sua frente) colocar a G3 em posição de fogo (à altura de cintura) e fazer uma série de disparos. Prestaram também declarações na audiência, de ontem, mais duas testemunhas, uma delas um professor de Mafra, António Melo que assistiram aos acontecimentos narrados pelos outros três declarantes.

Grande parte da manhã de

ontem foi ocupada com a formulação de requerimentos por parte da defesa. Diligências no sentido de fazer a prova da verdade dos factos com base no exame da recolha de pedaços de metal provenientes da bala que se encontram num umbral da porta do prédio n.º 26 da Rua das Chagas e das pedras existentes no pavimento fronteiro ao n.º 17-A da mesma rua, a fim de se poder determinar, laboratorialmente, se o sangue contido nas pedras é ou não do José Jorge Moraes. A defesa requereu, ainda, o exame por um perito balístico dos sinais evidentes na Rua das Chagas que, como salientou o dr. Baptista de Carvalho, até à vista desarmada parecem ter sido produzidos por balas disparadas a meia altura. Em resumo: a defesa continuou a insistir na feitura de um inquérito.

Os requerimentos foram indeferidos não só pelo delegado do



Indícios de balas na Rua das Chagas, revestidas a gesso

Ministério Público, dr. Milton Lopes de Almeida que está a substituir o dr. José Bernardo Colação, incapacitado de comparecer por motivo de doença, como ainda pelo juiz Gonçalves Pereira.

A propósito o dr. Baptista de Carvalho no seu requerimento

sublinhou: «O tribunal não pode tirar com uma mão o que dá com a outra. Se o tribunal admite que se faça a prova da verdade dos factos tem de admitir que a defesa se socorra dos meios técnicos e humanos que estejam ao seu alcance para provar que os réus estão isentos de culpa».

'PIDE' GONÇALVES: processo rearquivado

'PIDE' SEIXAS: ordem de soltura

«Um mal necessário e justificado». Assim considerou o magistrado de serviço o assassinio, faz hoje 33 anos, de Alfredo da Assunção Dinis, operário, funcionário e membro do Comité Central do PCP. José Gonçalves, subinspector da PIDE, não responderá pela proeza de ter atingido no coração, à queimadura, aquele militante comunista, na clandestinidade, de nome «Alex».

«Alex», morto por um tiro de pistola na estrada de Bucelas quando, de bicicleta, seguia para uma reunião do seu partido, seguiu, já cadáver, para o Instituto de Medicina Legal. Os médicos concluíram que a morte resultara necessariamente das «lesões traumáticas» produzidas pelo disparo, feito, conforme relatório oficial, com a «presumível» (não fora o diabo tecê-las...) «intenção de matar».

Em Julho de 1976 o processo foi reaberto, para que justiça

fosse feita, que não vingança. Aconteceu, porém, que neste País de Abril, que o «PIDE» José Gonçalves, tristemente célebre por esta e outras proezas, foi declarado «liberado» do crime que cometeu e os autos do processo foram mandados arquivar.

Esta decisão corresponderá, de algum modo, ao tal «mal necessário e justificado» a que se referia o outro em 28 de Janeiro de 1946?

Sem qualquer cinismo, no sentido filosófico do termo, se pergunta que tramas terão levado a este reaquecimento do processo do assassinio de «Alex», exactamente quando faz 33 anos que José Gonçalves da PIDE o matou.

O «SEIXAS»

A idade do réu e o estado de «doença desesperada» em que se encontra foram os argumentos com que o defensor constituído do inspector Henrique Sá

Seixas, um dos mais renomados torcionários da PIDE, conseguiu do juiz que o réu fosse condenado à pena de quatro anos de prisão maior (logo declarada expiada tendo em conta a prisão preventiva sofrida) e a 13 meses e 10 dias de multa, à razão de 25\$00 por dia, beneficiando de dois perdões por 90 dias. No acórdão do tribunal consta a passagem imediata dos mandados de soltura.

Curioso é o facto de o pro-

cesso de Seixas ter subido em recurso ao Supremo Tribunal Militar, que anulou o anterior julgamento e o mandou repetir, sem que as redacções dos jornais «cheirassem» nada do que se passava.

O tribunal esteve reunido cerca de duas horas para deliberar. Passadas essas duas horas, declarou o réu amnistiado de um dos crimes de ofensas corporais e provada toda a restante acusação.

Assassino do vidreiro deverá recolher à prisão

PORTO, 4 — O plenário da secção criminal do Supremo Tribunal de Justiça negou seguimento ao recurso interposto pelo assassino do sindicalista vidreiro, Ludgero Babo de Carvalho, que pretendia a impugnação do acórdão daquele executivo de 1 de Março deste ano, no qual foi condenado na pena única de 4 anos e meio de prisão maior e em 14 meses de multa, a 30 escudos por dia e no pagamento da indemnização de 300 contos. Tendo em conta esta decisão aguarda-se que o réu seja detido

para cumprir a pena de prisão em que foi condenado.

Recorde-se que o crime foi perpetrado na madrugada de 26 de Novembro de 1975, frente à sede do Sindicato dos Vidreiros do Norte, tendo sido assassinado António José de Almeida e Silva. Na ocasião ficou gravemente ferido outro sindicalista, José Pereira da Fonseca.

Ao longo de quase todo o processo, a defesa do assassino esteve a cargo de Leite de Faria, que foi membro da ex-ANP.

Eduardo «Corrécio» distribui em tribunal panfleto falso

BRAGA, 4 — Eduardo da Costa Oliveira, conhecido por «Corrécio» na gíria criminal, que ontem foi julgado e absolvido nesta cidade, da acusação de assaltos e roubos, aproveitou a oportunidade para distribuir em pleno tribunal, fotocópias de um documento manuscrito e de outro dactilografado, cuja origem procurou atribuir à secção de Custódias da COPRA (Coordenadora de Presos pela Reforma e Amnistia), no qual informava a população de que «cerca de 400 presos, homens e mulheres, entraram em greve de fome no domingo passado, solidarizando-se desta forma com a luta encetada pelos seus colegas de Alcoentre, para a concretização das reivindicações há muito expostas às autoridades competentes».

O documento dactilografado seria a cópia de uma carta enviada pela COPRA aos deputa-

dos da Assembleia da República, pedindo-lhes «a reforma do actual Código Penal, por considerarem que as penas nele incluídas são tão brutais e desproporcionadas que convertem um acto de justiça num mero acto de cruel vingança».

A propósito deste documento, um informador daquele estabelecimento prisional diria à ANOP que os presidiários ali detidos não se encontram em greve de fome e que, portanto, a informação divulgada pelo Eduardo «Corrécio» «não tem qualquer fundamento».

Apesar de absolvido dos crimes ontem em julgamento, Eduardo «Corrécio», que respondeu juntamente com mais dez indivíduos indicados como pertencentes à sua quadrilha, recolheu ao presidio de Custódias onde se encontra a cumprir outras penas ainda não expiadas.

Comissão averiguará causas da greve dos presos de Alcoentre

O ministro da Justiça concorda com a formação de uma comissão tripartida para proceder a uma averiguação dos incidentes que estiveram na base da greve da fome que continua a ser observada pelos presos de Alcoentre.

A comissão vai ser composta por representantes do Ministério da Justiça, Provedoria da Justiça e Ordem dos Advogados aguardando-se a constituição da comissão com a maior brevidade.

A comissão tripartida constituiu uma das principais reivindicações dos presos que não consideram satisfatório o despacho do director dos serviços prisionais. Ao tomarem conhecimento do despacho oficial os reclusos decidiram continuar a greve considerando que as suas reivindicações apenas estarão satisfeitas quando a comissão en-

trar em funcionamento.

O director-geral informou ainda que o afastamento dos guardas acusados de espancamento, outra das reivindicações dos presos, só se verificará depois de apuradas as responsabilidades, na sequência do inquérito que se vai realizar.

A direcção-geral dos Serviços Prisionais respondendo às reivindicações dos presos elaborou uma resposta de cinco pontos em que se reconhece a existência de anomalias na cadeia; o director-geral do estabelecimento foi nomeado pelo director da DGSP, dr. Carlos Meira, tendo sido nomeados dois funcionários daquele serviço para procederem a um inquérito preliminar e tendo ainda sido decidido o afastamento de determinados guardas para a periferia.

TRIBUNAL DE POLÍCIA

MÁRIO CASTRIM

História de uma gravata preta

Estava a descarregar os refrigerantes na praça Luís de Camões, é um homem entroncado, forte, de rosto endurecido pelos trambolhões na vida: guerra em Angola e Moçambique durante quatro anos, como pára-quedista, depois o regresso à Pátria, a impossibilidade de arranjar emprego, a emigração para a Inglaterra...

O auto de notícia, elaborado pelo agente, pinta cobras e lagartos: o réu chamou isto e aquilo, respondeu assim e assado, mandou-o para aqui e para acolá. Finalmente, consegue fazer-se acompanhar à esquadra e aí o réu assume atitudes agressivas a tal ponto que, enfim, não é verdade os polícias tiveram de se defender...

O réu contorce-se com dores. «Devo ter alguma coisa partida», afirma. Mostra a quem quer ver

as costas cheias de nódoas e vergões.

Conta ao juiz a sua versão dos factos. Não injuriou coisíssima nenhuma. Nem desobedeceu, apenas dissera que não ia deixar ali o camião abandonado, seguiria sim para a esquadra, mas ao volante do carro. Quanto aos documentos entregara-os logo que o agente entrou na cabina. E na esquadra? Na esquadra acatou as ordens todas. Mandaram-lhe tirar os objectos dos bolsos, ele tirou, mandaram-lhe tirar o cinto, ele tirou...

— Mas aqui — interrompeu o juiz — diz-se que o senhor se recusou a tirar a gravata...

— Isso confesso que é verdade. Foi isso o que mais irritou os agentes, queriam à força que eu tirasse a gravata, bateram-me que eu sei lá.

— Aqui no auto declara-se que o senhor disse para o agente:

«Você não é homem para mim». É verdade?

— O que eu disse, foi: «Aqui dentro, faz isso porque é polícia, mas lá fora, de homem para homem, não era homem para mim».

— Bom — torna o juiz — este ponto está esclarecido. Só não compreendo a sua teimosia na gravata. Conte lá.

— Senhor doutor juiz, a gravata era de luto pela minha mãezinha que morreu há pouco tempo. Ninguém tinha o direito de me tirar a gravata de luto pela minha mãezinha...

A voz vem molhada de lágrimas reprimidas, quantas vezes lhe terão metido na cabeça que um pára-quedista não chora? Faz-se um silêncio como um foguete de ogivas múltiplas: de pena, de protesto, de acusação pelo desprezo da humanidade

desprotegida.

O rol contra o motorista eventual é longo: injúrias, ultraje à moral pública, desobediência, ofensas corporais voluntárias. O juiz dá apenas como provadas estas últimas. Daqui, uma quantidade de dias de prisão, remíveis a dinheiro e ainda uma indemnização de 500 escudos ao guarda «ofendido».

Fica na memória dos assistentes a imagem do réu a contorcer-se com dores, e tudo porque não queria tirar a gravata de luto pela mãezinha. Muitos talvez terão pensado nas saudades de um filho mais novo, geralmente o mais amado, durante quatro anos de tropa e uma data de anos na emigração.

Mas dessas saudades não lhe pediu contas ninguém. Apenas lhe quiseram a gravata. Uma gravata preta sobre o coração.

MÓVEIS, UTENSÍLIOS, MERCADORIAS DE GR. CAFÉ — BAR BILHARES LEILÃO

AMANHÃ ÀS 15 HORAS

VENDEREMOS PELA MELHOR OFERTA E SEM BASE DE LICITAÇÃO TODA A BOA MONTAGEM, NO PRÓPRIO LOCAL. PEÇA POR PEÇA

Av. Casal Ribeiro 17-A Lisboa

BALCÃO FRIGORÍFICO • MÁQ. E MOINHO DE CAFÉ • REGISTADORAS SWEDA • 9 BILHARES COMPLETOS • GRELHADOR DE FRANGOS • FRIGORÍFICO • FOGÃO • CORTADORA • BALANÇAS • MÁQ. VENDEDORA TABACOS • VENTONHAS • ILHA CONGELADORA • FRITADEIRAS • BALCÕES • ARMAÇÕES METÁLICAS • MESAS E CADEIRAS PARA CAFÉ E ESPLANADA • MOBILIÁRIO E MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO

Grande grade em ferro forjado e latão artisticamente trabalhada para divisória de estabelecimento, escritório ou residência.

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13H.



SOC DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ N.º 1
1200-001 LISBOA
512920 51478 512446

AFRA FILHOS, Lda

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 20 de Junho de 1977, lavrada de fls. 87 a fls. 88v.º, do Livro C-21, para «escrituras diversas», deste Cartório, Honório dos Santos, cedeu a quota que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «Sociedade Auto Reprodutora Progresso Ideal de Mafra, Limitada», com sede no lugar da Achada, freguesia e concelho de Mafra, a Maria Ondina da Silva Luís Boaventura, renunciando às respectivas funções de gerência. Por esta mesma escritura alteraram os artigos 4.º, 6.º e seu § 1.º, do respectivo pacto social, os quais ficaram com a seguinte redacção:

4.º O capital social é de 75.000\$00, integralmente realizado em dinheiro, correspondente à soma de 4 quotas: 2 quotas, de 25.000\$00 e de 12.500\$00, pertencentes à Sónia Maria Ondina da Silva Luís Boaventura e 2 quotas de 25.000\$00 e 12.500\$00, pertencentes ao Sócio Carlos Manuel da Conceição Boaventura.

6.º A gerência da sociedade é dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme foi deliberado em Assembleia Geral, sendo desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de qualquer dos sócios para obrigar a sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente em actos e contratos, § 1.º

O sócio gerente poderá delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato.

É CERTIDÃO DE TEOR PARCIAL que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ao que fiz transcrever. Mafra, 22 de Fevereiro de 1978.

OAJUDANTE.
Maria Manuela Beirão Climaco Delgado

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 21 de Abril corrente, lavrada de fls. 51 a fls. 52, do Livro A-114, para «escrituras diversas», deste Cartório, foi alterado o artigo 3.º do pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «Sicisal... Sociedade Industrial e Comercial de Avicultura e Salsicharia, Limitada», com sede no lugar e freguesia de Vila Franca do Rosário, deste concelho, o qual ficou com a seguinte redacção: 3.º O seu objecto é a indústria e comércio de avicultura e salsicharia e em geral, o comércio de mercadorias e similares e a indústria

da construção civil, podendo, com prévio acordo dos sócios, ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei.

É CERTIDÃO DE TEOR PARCIAL que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que, na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ao que fiz transcrever. Mafra, 27 de Maio de 1978.

OAJUDANTE.
Maria Manuela Beirão Climaco Delgado

PUB.

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO COMUNICADO DA COMISSÃO ELEITORAL ELEIÇÕES BIÊNIO 78/80

Dá-se conhecimento público que o resultado das eleições dos corpos gerentes para o biênio de 1978/80, realizados no dia 29 de Junho, p.p., foi o seguinte:

- Lista A — 1 849 votos (72,02%)
- Lista B — 689 votos (26,85%)
- nulos — 29 votos (1,13%)
- Totais de votantes 2 567

A tomada de posse dos corpos gerentes eleitos realiza-se na sede do Sindicato — Av. Duque de Loulé, 126-3.º, no dia 4 de Julho de 1978, pelas 18.00 horas, cujo acto é público.

Lisboa, 3 de Julho de 1978

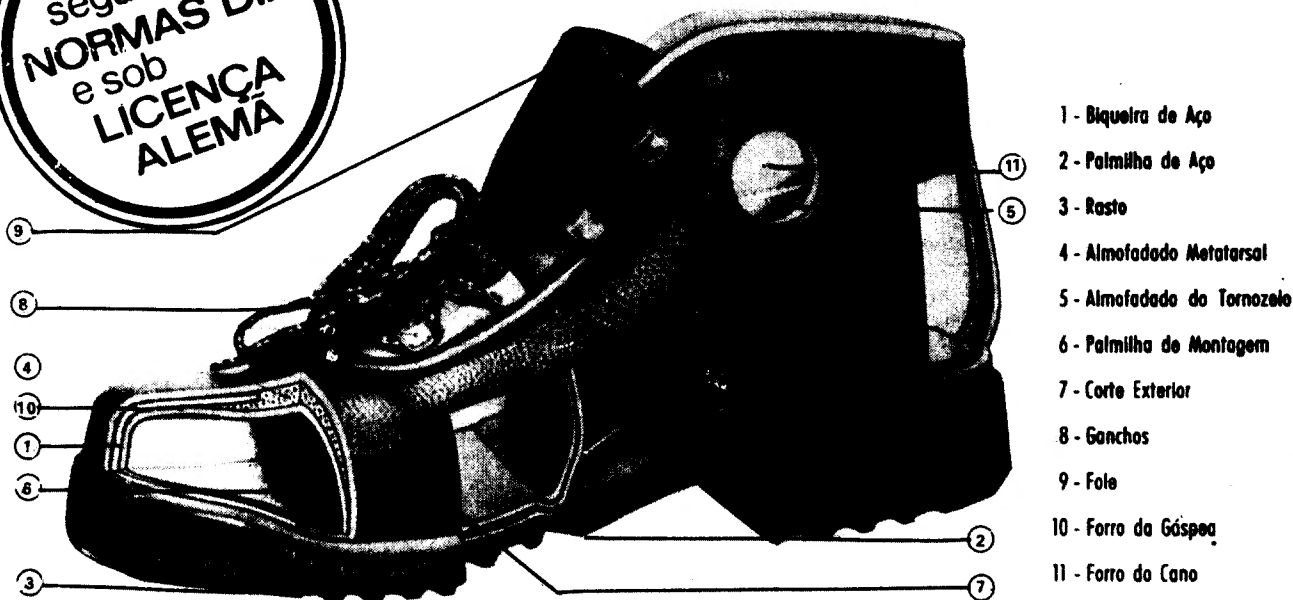
O Presidente da Comissão Eleitoral (Ilegível)

robUsta

BOTA DE PROTECÇÃO



segundo
NORMAS DIN
e sob
LICENÇA
ALEMÃ

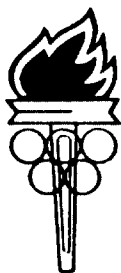


- 1 - Biqueira de Aço
- 2 - Palmilha de Aço
- 3 - Rosto
- 4 - Almofadado Metatarsal
- 5 - Almofadado do Tornozelo
- 6 - Palmilha de Montagem
- 7 - Corte Exterior
- 8 - Ganchos
- 9 - Fole
- 10 - Forro da Gáspea
- 11 - Forro do Cano

PROTEJA OS SEUS PÉS

A mais aconselhada para protecção de acidentes por queda de objectos pesados ou penetração de materiais cortantes, por incorporação, de biqueira e palmilha em aço; sola anti-estática, anti-derrapante, resistente a óleos e gasolina. O calçado indicado para quem trabalha na construção civil, siderurgia, metalurgia ligeira e pesada, indústria química, etc.. Concebida com requisitos especiais confere ao utente o conforto duma bota normal, mas de duração muito superior.

fabrico



Campeão Português

Apartado 2 Telef. 40281 / 6 — Telex 25266
GUIMARÃES

VALE MAIS UMA PAREDE SUJA QUE UMA BARRIGA COM FOME

Numa parede, no Largo de Mora «sente-se» a política da austeridade, dos sucessivos pacotes e da limpeza que se vai exigindo aos muros que falam já cada vez menos. Porém, mão sabia daquela vila alentejana encontrou o protesto e o muro falou: «Vale mais uma parede suja que uma barriga com fome»

SEGUNDO A UEDS

Não há negociações para "frente eleitoral"

A União da Esquerda para a Democracia Socialista negou, ontem, a existência de negociações para a formação de uma frente ou «bloco democrático» proposto pela UDP e anunciou nem sequer considerar a possibilidade de participação. O comunicado censura ao mesmo tempo certos Órgãos de Informação, nomeadamente a RDP, por terem referido a existência de negociações para a criação de um tal bloco, sem cuidarem, antes, de saber a opinião da UEDS.

Em documento assinado por Lopes Cardoso, em nome do Secretariado Nacional, a UEDS diz não contestar o direito da UDP de anunciar, publicamente, as suas propostas, embora considere «mais curial que quando tais propostas envolvem expressamente outras organizações a elas se dê prévio conhecimento».

O comunicado resume a posição da UEDS, perante a questão suscitada pela proposta da UDP, nos quatro pontos seguintes:

«1.º — A UEDS tomou conhecimento da proposta da UDP através dos meios de comunicação social;

2.º — Não está em estudo pela UEDS a eventual constituição de um bloco ou frente UEDS-UDP(ou PCPr)-MES nem a UEDS desenvolve quaisquer negociações nesse sentido;

3.º — A UEDS não considera que um tal bloco seja uma fórmula válida para a procura de uma alternativa para a actual situação política, nem corresponde à necessidade de constituição de um «bloco político-social capaz de levar à prática uma política identificada com o projecto constitucional» referida no documento do seu Conselho Directivo Nacional — «explicar a crise, organizar a resistência, preparar a alternativa» — de Maio deste ano.

4.º — A posição da UEDS no que respeita ao diálogo com as outras forças antifascistas e que com ela se reconhecem no projecto constitucional é a que naquele documento foi claramente definida».

MES DESMENTE A ANOP

Não há frente única eleitoral com a UDP e a UEDS

O MES desmentiu esta manhã que existam quaisquer contactos com outras forças políticas no sentido de formar uma frente eleitoral.

Durante uma conferência de imprensa organizada por aquele partido para divulgar os resultados do Encontro Nacional de Organização, realizado durante o passado fim-de-semana no Porto, Eduardo Graça, do Comité Central, desmentiu que tenha afirmado existirem negociações para a formação de uma «frente única» entre o MES, a UDP e a UEDS.

Segundo as suas palavras, as declarações divulgadas pela ANOP, que ontem reproduzimos no «DL», referiam-se apenas ao facto de durante aquela reunião partidária se terem estudado os programas dos partidos de esquerda, e principalmente da UEDS e da UDP, «tendo-se constatado que é possível desenvolver acções comuns».

Segundo afirmou ainda Eduardo Graça «o MES não foi contactado pela UDP para dis-

cutir formalmente as propostas feitas no Conselho Nacional desta, nem contactou nenhum outro partido».

Segundo ainda os dirigentes do MES «não existem de momento os instrumentos necessários que possibilitem a dinâmica unitária», sendo no entanto possível o desenvolvimento de acções concretas com outros partidos de esquerda, como recentemente aconteceu na luta contra o regresso de Tomás.

Augusto Mateus, também do Comité Central do MES, definiu a posição do seu partido em relação ao PCP, afirmando: «Pensamos que o PCP tem posições perfeitamente definidas de conciliação com a recuperação capitalista, tentando conseguir a aplicação moderada das principais leis de recuperação do capital».

Denunciou depois aquilo que considerou «a prática ultra-sectária do PCP no que respeita às forças revolucionárias e cada vez mais conciliatória em relação ao Pacto Social».

Feira do Artesanato do Estoril inaugura-se amanhã

Vai ser inaugurada, na próxima sexta-feira, a Feira de Artesanato do Estoril que este ano tem lugar no pinhal, junto do Casino.

Durante mês e meio, a feira oferece um programa variado em que se destacam as semanas gastronómicas, folclóricas, e de artesanato dedicadas a diversas regiões do País. Durante as semanas regionais, actuarão ainda bandas de música e será feita a promoção do artesanato de cada uma daqueles regiões.

Uma das inovações da feira consiste na demarcação de uma zona dedicada aos pintores populares portugueses. No local, os artistas podem exibir e executar as suas obras e vendê-las. Entre os 104 pavilhões da feira, mais 30 que o ano passado, vai registar-se a participação do Senegal.

De 14 a 20 de Agosto, terá lugar a Semana do Estoril, cujo programa mais destacado consiste num concurso gastronómico «os melhores pratos da Costa do Estoril». O objectivo do concurso é dar a conhecer pratos tradicionais da zona e estimular o aparecimento de receitas originais.

Moedeiros falsos no Elevador da Bica

Acaba de ser desmantelada, pela Polícia Judiciária, uma organização de moedeiros falsos que tinha a sua fábrica mesmo ao cimo do elevador da Bica, ao Bairro Alto.

No passado dia 28 a PJ que, há meses, dia e noite, vinha vigiando o local suspeito, entrou na fábrica, onde dois elementos foram apanhados em flagrante.

Foi apreendido diverso material, já fabricado e outro em vias de fabrico, cheques de dólares, cartas de condução nacionais e internacionais, licenças militares, passaportes portugueses e espanhóis. Grande quantidade deste material destinava-se a ser passado em Espanha. Foi apreendida toda a maquinaria e selada a casa.

A PJ não revelou se as notas pretendiam imitar as portuguesas ou as de qualquer outra nacionalidade.

Identificadas como sendo de Beirolas 11 das "G-3" do Vizela

PORTO, 4 — Segundo o gabinete de Imprensa do Quartel-General da Região Militar Norte, onze das treze «G-3» encontradas no Rio Vizela, a que ontem fizemos referência, eram de Beirolas e pertenceriam ao conjunto retirado daquele depósito «no tempo do capitão Fernandes».

Das duas restantes, segundo o mesmo gabinete de Imprensa, uma tinha pertencido ao ex-Comando Territorial da Guiné e foi desviada, no porto de Lisboa, do navio onde era desembarcada, e a outra é de origem ainda não identificada.

As armas foram encontradas embrulhadas e com massa protectora, o que tornará mais difícil a avaliação do seu tempo de permanência no local onde foram encontradas.

NO DISTRITO DE LISBOA

Sindicatos reforçam organização local

O Movimento Sindical do distrito de Lisboa tem vindo a reforçar a sua organização nos concelhos mais industrializados, devido ao incremento das uniões sindicais locais, que resultam do trabalho desenvolvido por sindicalistas que desejam superar os problemas provocados pela descentralização, descentralizando as estruturas de classe de modo a adequá-las às realidades locais.

Este movimento insere-se na linha de actuação decidida pelo Congresso de Todos os Sindicatos de Janeiro de 77, e é dinamizado pela União dos Sindicatos de Lisboa.

A nível local encontram-se já constituídas quatro uniões, (Torres Vedras, Mafra, Vila Franca de Xira e Amadora). Elas permitem uma maior ligação às populações nos problemas locais, apoio aos delegados sindicais e às lutas nas empresas, sensibilidade mais directa para os problemas nacionais, contribuição mais ampla no funcionamento do Movimento Sindical Unitário — segundo nos disse um elemento do executivo da US de Lisboa.

Na Amadora constituiu-se há dias a união local, no seguimento do trabalho desenvolvido por uma comissão dinamizadora que integrou delegados sindicais das empresas da zona, filiados em diversos sindicatos do distrito de Lisboa. Zona industrial bastante desenvolvida, a Amadora dispunha apenas de quatro delegações de sindicatos, estrutura que não possibilitava um apoio eficaz aos trabalhadores da região (cerca de 25 mil).

Com uma experiência de trabalho unitário desenvolvido por ocasião das comemorações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, a nova União resultou de múltiplas reuniões e assembleias de empresa e de zona, que permitiram a elaboração dos estatutos na base das sugestões apresentadas e da participação activa de

milhares de trabalhadores. A União permitirá uma ligação mais activa aos órgãos de poder local, nomeadamente a designação de dois representantes sindicais ao Conselho Municipal de Oeiras.

No concelho de Mafra a União local encontra-se constituída há mais tempo, enquadrando cerca de 10 mil trabalhadores, com relevância para os metalúrgicos, cerâmicos, trabalhadores agrícolas e operários da construção civil. Segundo nos declarou um dos seus dirigentes, está em curso um inventário das carências dos trabalhadores do concelho, sector por sector.

Na realidade, há situações inteiramente anómalas a que os sindicatos desejam pôr cobro. É o caso de operários rurais que há 30 anos trabalham para o mesmo patrão, sem direito a descanso e com ordenados abaixo dos que se encontram estipulados. Também no sector de hotelaria o patronato não cumpre a regulamentação do trabalho, beneficiando aliás do facto de muitos dos empregados não estarem devidamente sindicalizados.

No concelho de Mafra a União defronta dificuldades resultantes da pequena dimensão das empresas, que obsta em muitos casos à organização dos trabalhadores. A União está representada no Conselho Municipal, actuando com grande dinamismo em função das necessidades das populações da região e participando em grupos de trabalho para o estudo de problemas específicos.

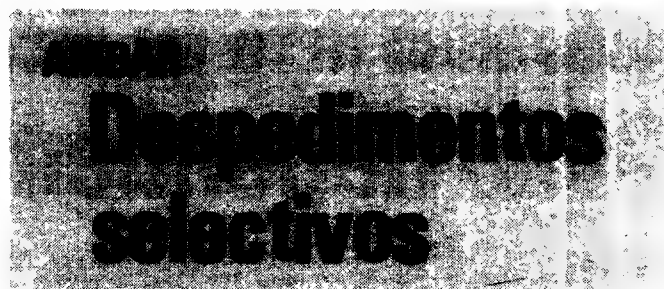
TORRES VEDRAS: MAIOR EXPERIÊNCIA

No concelho de Torres Vedras a constituição de uma união sindical remonta aos primeiros meses que se seguiram ao 25 de Abril, mas tem raízes num trabalho anterior dos sindicalistas da

região. Resultado da dinâmica dos trabalhadores e da sentida necessidade de organização, forjada em algumas lutas travadas no concelho, a União local de Torres Vedras conta com cerca de 25 mil trabalhadores, com relevo para os sectores químico, farmacêutico, metalúrgico, comercial e da construção civil.

Ligada desde o início às actividades culturais, sanitárias e desportivas das comissões de moradores e dos órgãos de poder local, a União tem procurado conjugar esforços em função de objectivos de comum interesse das populações. No plano propriamente sindical, a União tem lutado contra os despedimentos abusivos e contra as actividades de divisão, desenvolvendo um amplo trabalho de esclarecimento bem sucedido. De salientar também o apoio prestado aos sindicatos de menores recursos e aos trabalhadores agrícolas da região.

Noutros concelhos o trabalho de reforço das estruturas sindicais está já bastante avançado, baseando-se, de um modo geral, na actividade dos delegados sindicais das diversas empresas.



O problema já antigo dos trabalhadores não reintegrados da «Ámbar», na sequência do incêndio ali verificado há cerca de dois anos, continua a ser objecto de preocupação generalizada.

O respectivo sindicato (Gráficos do Porto, Braga, Bragança e Vila Real) em comunicado agora tornado público, denuncia a «manobra que a gerência pretende efectuar» com a instauração de um inquérito. Considerando tal inquérito «ilegal e repressivo» cujo objectivo, acres-

centam, é «dar cobertura às atitudes de uma gerência que sente o terreno a fugir-lhe», o comunicado afirma:

«A intenção da gerência é o despedimento selectivo, tal como nós o denunciámos, e o próprio Governo comprovou e não o excesso de mão-de-obra, como se prova pelo facto de a gerência estar a admitir mais pessoal ao mesmo tempo que faz tudo para manter os desocupados na rua».

PALMARES

Greve no golfe por causa do ACT

Os trabalhadores do campo de golfe dos Palmares em Lagos entraram ontem em greve indeterminada, para obrigarem a entidade patronal a cumprir a legislação laboral do sector hoteleiro, em vigor desde Abril de 1977.

A greve é geral. Em documento emitido pelo Sindicato da

Hotelaria afirma-se que «a responsabilidade da situação é da administração da empresa».

A administração da empresa recusa-se a cumprir o ACTV/PRT, alegando que os trabalhadores dos campos de golfe não são abrangidos por tal legislação.

pensamos

Pensamos que a nossa experiência lhe pode ser útil. Em 1969, nasceu a ADRETA PLÁSTICOS, em Portugal, baseada em conhecimentos acumulados desde 1925. Em 1977, exportámos para 71 mercados internacionais. Hoje, pensamos poder servir ainda melhor. Os nossos laboratórios estão aptos a pesquisar novas fórmulas e novos compostos. Novas telas calandradas a partir do PVC e as fórmulas, para novos produtos, em telas calandradas. Eis o que temos para lhe oferecer. Pensamos em si. Procure-nos.

ADRETA

FÁBRICA
P. O. BOX 3 — Mem Martins
Tel. 2910691
Telex 13806 Plasto P
VENDAS
Estrada Benfica, 420 — Lisboa

MUNDO EM TELAS PLÁSTICAS

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

(COLABORAÇÃO DA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL.)

De 3.ª a 6.ª às 21.45 — Sábado 21.30 e 23.30 Para Todos
Domingo: Matinée 17 horas

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL (ANTIGO CASINO)

EM

AS PROFECIAS DE BANDARRA

de ALMEIDA GARRETT

com JOÃO VASCO * MARIA ALBERGARIA * ANTÓNIO MARQUES * LUISA SALGUEIRO * CARLOS MARTINS * VICENTE BATALHA * ALEXANDRE MELO

e DIA D'ÁGUA

FORMIGA * HELENA ÁGUAS * ZÉ DA PONTE
LUIS PEDRO FONSECA * EMÍLIO ROBALO * NECAS

Coreografia: Carlos Fernandes — Assistência história: Joaquim Chagas — Dramaturgia: Tito Lívio — Música original: Luís Pedro Fonseca — Realização plástica: Maria Helena Reis — Encenação: Carlos Avilés

— Subsídios e patrocínio

Secretaria Estado Cultura. Fundação Gulbenkian. Junta Turismo Costa do Sol

2.ª feira: Descanso

PARA TODOS

BILHETES A VENDA NAS AGENCIAS NA JUNTA DE TURISMO E NO PAVILHÃO DOS CONGRESSOS — MARCAÇÕES PELOS TELEFONES 268 01 13 E 268 39 00

Em ALJUSTREL o **Diário de Lisboa** vende-se no CAFÉ ALIANÇA

AGOSTINHO NETO EM DECLARAÇÕES AO "MONDE"

"Não dependemos de Havana nem de Moscovo"

O encontro na Guiné-Bissau, a 18 e 19 de Junho, do general Eanes e do presidente Neto selou, após uma longa desavença, a reconciliação entre Angola e Portugal. Por essa ocasião, o Chefe de Estado angolano deu uma entrevista a José Rebelo, enviado especial do «Le Monde». Agostinho Neto explica nesta entrevista as orientações da diplomacia de Luanda. Embora confirme o seu desejo de abertura em direcção dos Estados Unidos — e que poderá dar origem a relações bilaterais normais desde que se baseiem numa «compreensão mútua», critica vivamente a política imperialista de Paris, na África. «A França, assegura, vai-se tomando a pouco e pouco um inimigo que em qualquer momento pode atacar Angola.»

Tais acusações são consideradas excessivas em Paris, onde se faz o possível por normalizar, nos próximos meses, as relações diplomáticas com Luanda (é um encarregado de negócios que representa a França). Este caso poderá vir a ter uma evolução positiva através das conversações realizadas em Paris pelo embaixador de Angola na Bélgica.

Afirma-se em certos meios que Angola participou nos acontecimentos do Zaire, e que os antigos «katangueses» saíram dos seu país e com o seu acordo. É verdade?

— Os ex-gendarmes «katangueses» fixaram-se em Angola depois da derrota de Tshombé no Zaire. Armados pelos portugueses, foram utilizados no combate contra os movimentos de libertação. Depois os «katangueses» mudaram de atitude connosco. Assim, estiveram ao nosso lado na luta contra forças vindas da África do Sul, contra o Zaire e contra grupos-fantoches como a UNITA e a F.N.L.A. A agressão de que há três anos somos vítimas obriga-nos a manter um dis-

positivo de segurança muito rígido. Há tropas sul-africanas ao longo da nossa fronteira meridional. O nosso espaço aéreo é violado quase diariamente por aviões sul-africanos, e o recente massacre de Kassinga mostra bem aquilo de que Pretória é capaz.

«No norte, a UNITA recebe apoio do Zaire. Mais recentemente, grupos da UNITA instalaram-se a nordeste, e daí lançam operações contra a população.»

«Por outro lado, aviões zairenses sobrevoam o país. Em tais condições não é de espantar que tenhamos autorizado a existência de alguns grupos armados como os ex-gendarmes «katangueses».

«Para mais, mais de 250 000

zairenses refugiaram-se em Angola. São contra o regime de Mobutu e organizaram-se aqui.

«É pois muito provável que tanto armas como guerrilheiros tenham entrado no Zaire por Angola. Nós vivemos a experiência das guerras de libertação. Também soubemos passar homens e material através de países que não nos apoiavam abertamente. Por isso mesmo admito que alguns elementos tenham partido de Angola para o Shaba.

«No entanto, nem o Governo de Angola nem as forças armadas angolanas nem os nossos serviços de informação estavam ao corrente do caso. Não temos nenhum interesse em combater o Zaire. Não queremos criar centros de agitação. Os incidentes do Shaba desencadearam-se dias depois do massacre de Kassinga. Mesmo de um ponto de vista unicamente lógico, é evidente que não estávamos em condições de manter uma tal iniciativa.

— O que fizeram perante a extensão do conflito?

— Tomámos a decisão de afastar da fronteira os refugiados zairenses, operação essa que ainda está a realizar-se. Foram abertos na região do Bié campos de refugiados que os jornalistas poderão, de resto, visitar. Isto para tranquilizar as autoridades

do Zaire. Esperamos da parte delas um gesto idêntico e que afastem por sua vez da fronteira os homens da FNLA, da FLEC e da UNITA.

— E os europeus que, devido aos incidentes, se refugiaram em Angola?

— Fomos contactados pelos governos belga e americano a fim de proteger a vida dos europeus que chegassem ao nosso território. Mas não entrou em Angola um único europeu. Nem um insisto. Em contrapartida, atravessaram a fronteira muitos militares da Frente de Libertação Nacional do Congo (F.N.L.C.). Foram todos desarmados e mandados para os campos da região do Bié. A ausência de relações entre nós e o Zaire tornava impossível toda e qualquer negociação neste domínio.

— Cyrus Vance manifestou recentemente a intenção de mudar de atitude para convosco, e a semana passada esteve mesmo em Luanda uma delegação americana. Como interpreta esta aproximação?

— Os Estados Unidos parecem, com efeito, querer aproximar-se de Angola. Desejamo-lo vivamente. Ainda ignoro os resultados da estadia em Luanda da delegação americana. Trata-se de um primeiro contacto. Haverá outros, a todos os níveis. Espero que em breve as nossas relações com os Estados Unidos sejam amigáveis, ou pelo menos, normais. Estamos dispostos a aceitar qualquer tipo de relações, desde que elas se baseiem no princípio da compreensão mútua.

Os Estados Unidos acham provavelmente que a presença de tropas cubanas em Angola, a nossa amizade com a União Soviética e a nossa opção pelo socialismo científico reduzem os poderes dos nossos dirigentes e limitam a independência do nosso povo. Nada mais falso. Não dependemos de Havana nem de Moscovo. O auxílio militar cubano é-nos, decerto, indispensável. Sem ele, a África do Sul já teria invadido o nosso país e os zairenses passeariam por Luanda. Espero que, graças aos contactos tidos, os Estados Unidos compreendam a situação. Enquanto as nossas fronteiras estiverem ameaçadas, enquanto milhares de soldados estrangeiros estiverem preparados para nos atacar, enquanto a política de alguns países continuar a ser-nos hostil, seremos obrigados a manter o nosso sistema de segurança e, até, a aperfeiçoá-lo. Se a tensão subsistir, assistir-se-á nesta região do mundo a uma autêntica escalada. Em vez de armas ligeiras, utilizaremos outros tipos de material. Pediremos auxílio aos países amigos, aos quais pediremos armas cada vez mais poderosas.

Toda e qualquer agressão dará



Neto ao «Monde»: «Os Estados Unidos parecem de facto querer aproximar-se de Angola».

origem a uma resposta firme da nossa parte.

— Que pensa da política francesa em África?

— A França cada dia manifesta mais o seu desejo de hegemonia em África. Ela dirige política e economicamente certos países africanos de língua francesa. Para nós, torna-se dia a dia, um inimigo e um país que, em qualquer altura, nos pode atacar. A presença de tropas francesas no Sahara, no Tchad, no Zaire — onde a França também mantém oficiais e equipamento militar —, e até mesmo no Senegal, é um factor inquietante.

Decidiu-se em Paris criar uma força «interafricana», para servir não sei que interesses. Essa força não tem nenhum valor legal. A ideia de criar um exército único vem do tempo em que N'Krumah se batia pela existência de um único governo africano e de um só exército destinado a judar os movimentos de libertação. Tratava-se no entanto, de um exército africano. Não de um exército formado fora de África e dirigido por uma potência imperialista como a França.

Quanto ao pretexto invocado por Paris para justificar a criação de uma força interafricana, ele é completamente ridículo porque não houve intervenção estrangeira

no Zaire. O que se passou no Zaire diz simplesmente respeito à política interna do país. Ninguém conseguiu provar que houvesse militares angolanos no Shaba. Mobutu diz que fez prisioneiros cubanos. E que pode mostrá-los. Talvez o faça. Não há só cubanos em Angola. Também os há na Flórida...

Mas estou persuadido de que esse exército interafricano vai acabar por se dissolver e que não será aprovado pela O.U.A. nem por nenhum dos países progressistas da África.

— Como poderão evoluir as relações entre o M.P.L.A. e a UNITA?

— A pergunta não tem razão de ser. Não conhecemos em Angola tal organização. O que há são grupos manipulados do exterior. Politicamente a UNITA só existe em França, em Portugal e em alguns países africanos.

— Mas falou-se de negociações, não é verdade?

— Posso assegurar-lhe que não. De resto, logo que a Namíbia seja independente e as nossas relações com o Zaire se tenham tornado normais, a UNITA desaparece.

(Entrevista conduzida por JOSE REBELO)
(Le Monde)

LISBOA—ALGARVE—LISBOA

Serviços cada vez melhores

Rápido Sotavento

Só 1.^a classe — ar condicionado — snack-bar
Agora ainda mais rápido, chegando mais cedo

Directos diurnos

Melhores horários e marchas
minibar

Directo nocturno

Com camas, porta-automóveis, 1.^a e 2.^a classe
entre Santa Apolónia e Algarve

Sotavento e Directos ligados por autocarro
à Área Turística de Albufeira

Sexta-feira. — Directo especial para Barlavento, com partida do BARREIRO às 19 horas e chegada a LAGOS às 23-30 horas.

Consulte os Cartazes-Horários e as Informações da C. P.

Caminhos de Ferro Portugueses

BARCOS VENDEM-SE

1 de fibra de vidro motor
Evinrude 60 HP 4,10 m. Outro
casco de madeira 4,16 m. motor
Mercury 50 HP atrelados
excepcionais. Estrada Estoril-
Sintra (junto ao Autódromo).

SALVACAR / Tel. 293 26 48

AUTOMÓVEIS

Novos — Usados — Velhos

Pronto Pagamento
Telef. 2932648

AMÉRICA LATINA

Porto-riquenhos invadem Consulado do Chile

Três homens e uma mulher, empunhando revólveres, irromperam ontem pelo Consulado chileno em S. João de Porto Rico e sequestraram o cônsul e mais três pessoas, segundo informou a Polícia.

O grupo exigiu a libertação de quatro nacionalistas porto-riquenhos presos nos Estados Unidos, desde 1954, e o cancelamento das comemorações na ilha do Dia da Independência dos Estados Unidos, que decorre hoje.

Um dos presos, que os guerrilheiros exigiram que fosse solto, é Oscar Collazo, que se acha na cadeia desde a sua tentativa para assassinar o falecido presidente Harry Truman, em 1950.

Os outros três estão encarcerados desde um ataque contra a Câmara dos Representantes, em Washington, em 1954.

O FBI revelou manter-se em contacto permanente pelo telefone com os guerrilheiros.

Um informador dessa Polícia Federal dos EUA declarou: «Tudo o que podemos fazer é aguardar e ver o que acontece».

Os guerrilheiros contactaram um posto de Rádio, que transmite noticiário e está no ar 24 horas, pedindo que uma mensagem gravada, explicando as suas exigências, fosse transmitida para os habitantes de Porto Rico.

Um dos reféns foi identificado como Ramon Gonzalez Ruiz, o cônsul chileno. Outro deverá ser o seu filho, segundo se crê. Desconhece-se a identidade dos restantes dois.

Numa curta entrevista pelo telefone com um repórter local, um dos guerrilheiros urbanos declarou que o grupo não estava ligado a qualquer organização política ou de guerrilha.

A noite, um dos porto-riquenhos leu, pelo telefone, a uma agência de Imprensa americana, extractos de uma carta enviada ao presidente James Carter.

O texto precisa que o 4 de Julho «é o dia em que os Estados Unidos prestam homenagem àqueles que combateram pela liberdade, àqueles que sofreram a perseguição e que foram presos e mortos». «Hoje, acrescenta, permite-nos recordar-vos que a poucas milhas da vossa costa, há uma ilha, Porto Rico, que foi abafada pelos Estados Unidos».

A carta indica que o presidente americano tem assim a oportunidade de «pôr em prática a sua política dos Direitos do Homem» e convida Carter «a fazer reviver os ideais de liberdade e de justiça celebrados em 4 de Julho» libertando os nacionalistas porto-riquenhos.

O texto que exige «o fim das celebrações do 4 de Julho em Porto Rico» condena por outra parte o regime chileno e os seus representantes na ilha «que contribuíram para o homicídio do povo do Chile» durante o golpe de Estado de 1973.

Um dos reféns, o cônsul-geral do Chile, o general Ramon Gonzalez Ruiz, pôde também falar pelo telefone e indicou que nem ele nem os outros reféns foram maltratados.

Oito países firmaram o Pacto do Amazonas

Ministros dos Negócios Estrangeiros de oito nações sul-americanas firmaram ontem à noite, em Brasília, um tratado de cooperação conjunta no desenvolvimento e protecção da vasta bacia do Amazonas.

O pacto foi assinado pelo Brasil, que o propôs há mais de um ano, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Surinam e Venezuela.

O documento de 12 páginas propõe iniciativas conjuntas «para o desenvolvimento harmonioso do Amazonas e distribuição igual dos benefícios».

Assevera também que os signatários do tratado, conhecido como Pacto do Amazonas, deveriam partilhar conhecimentos para preservar o meio ambiente e o emprego racional de recursos naturais desse território.

A maior parte da área da bacia do Amazonas está situada no Brasil. Os outros sete países acham-se nas fronteiras da bacia.

Círculos diplomáticos notaram que o acordo era um passo importante para a integração e solidariedade latino-americanas.

O presidente brasileiro, general Ernesto Geisel, em discurso proferido momentos antes da assinatura, salientou o desafio que vai significar para os países da bacia do Amazonas abordar a

criação de uma tecnologia própria adequada às condições da região. O ministro venezuelano dos negócios Estrangeiros, Simon Alberto Consalvi, referiu as mesmas questões ao encerrar o acto, em representação dos ministros visitantes.

O presidente brasileiro aludiu ainda, às «formas subtis» de interferência que podem adoptar países desenvolvidos, sob a aparência de «preocupações bem intencionadas de solidariedade internacional», quando duvidam sobretudo da capacidade dos países da região realizarem a criação de infra-estruturas modernas sem alterar o equilíbrio ecológico.

«Estes mesmos países que duvidam da nossa capacidade — disse Geisel — recusam depois a sua solidariedade internacional quando se trata de lutar contra o subdesenvolvimento».

«A pior contaminação que conhecemos como países em vias de desenvolvimento — sublinhou o chefe de Estado brasileiro — é a miséria».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Embaixador dos EUA volta a Santiago

O embaixador dos Estados Unidos no Chile, George Landau, que tinha sido convocado no mês passado a Washington, regressou ao seu posto, anunciou na segunda-feira o Departamento de Estado.

Esta decisão foi tomada depois da ditadura chilena se ter comprometido a mostrar-se «cooperativa» no inquérito que efectua actualmente a Justiça americana sobre o homicídio de Orlando Letelier, antigo ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, morto num atentado em Washington há dois anos.

O Chile entregou aos Estados Unidos um americano, Michael Townley, que foi acusado de participação no assassinio de Letelier, quando trabalhava por conta da Polícia secreta chilena.

Townley, depois da sua detenção, acusou três oficiais do exército chileno de estarem envolvidos no homicídio de Letelier, um dos quais, Contreras Sepúlveda, ex-director da DINA e cunhado de Pinochet.

MUNDO SOCIALISTA

China-Vietname: ruptura consumada

Consumada a ruptura entre Pequim e Hanói: ao anunciar que cessava por completo a sua ajuda económica ao Vietname, a China marcou o seu profundo descontentamento em relação ao seu aliado de ontem que «caiu» para o campo pró-soviético.

Ao anunciar que retirava também os seus peritos do Vietname (cerca de oitocentos, segundo se diz), a China, consideram os observadores, não quis apenas punir um «irmãozinho», que, «desprezando os pacíficos conselhos do Governo chinês» votou «sistematicamente» ao ostracismo os residentes chineses no Vietname.

A China estava à espera, ao que parece, da adesão do Vietname ao COMECON (Mercado Comum dos países do Leste e de Cuba). Este «passo» foi dado pelo Vietname: a China deu o outro.

Como salientavam, há semanas, alguns observadores, a nacionalização do comércio no Vietname, dominado em grande parte, no Sul, e com bons lucros, por cidadãos de origem chinesa, terá sido apenas o detonador da crise que fervilhava entre as duas capitais desde o fim da guerra entre o Vietname e os EUA.

Apesar de ter conservado até então uma linha de rigorosa neutralidade entre Moscovo e Pequim, Hanói foi levada a escolher o seu parceiro privilegiado.

A propósito, salientam em Hanói, nos círculos oficiais que a ajuda de Pequim, durante a guerra da independência do Vietname, foi igual «ou mesmo superior» à de Moscovo. As razões da ruptura suscitam nos observadores apenas hipóteses:

A primeira é que o acesso da fronteira vietnamita-cambojana terá pesado muito na balança. Para Hanói, Pequim «continua a mexer os cordelinhos» por detrás deste sangrento conflito.

A segunda é que Pequim, perante a opção cada vez mais pró-soviética de Hanói, terá restringido a sua ajuda económica, mas nos círculos oficiais não indicam nenhum número.

Terceira hipótese: A «política de independência» que Hanói pretende seguir — tendo de parte toda e qualquer quereia ideológica — nesta região da Ásia deve encontrar as suas raízes em aliados afastados do mar da China (URSS, países europeus e, por que não, os EUA?), dado que a China, diz-se em Hanói, há quatro mil anos que é um «vizinho embaraçante».

Seul quer reabrir diálogo com Pyongyang

A Coreia do Sul (governo de direita) pediu hoje à Coreia do Norte (comunista) que reabra o diálogo a fim de «ajudar a afrouxar a tensão entre as duas Coreias» e eventualmente «reunir a dividida península».

O governo de Seul fez o apelo numa declaração que assinala o sexto aniversário do comunicado conjunto Sul-Norte de 4 de Julho de 1972, renunciando às hostilidades na península e pedindo conversações sobre a unificação.

A declaração disse que o Comité de Coordenação Sul-Norte foi estabelecido no

mesmo ano para resolver problemas entre as duas Coreias, mas desde 1973 que não está em actividade.

Por outro lado, a declaração pede à Coreia do Norte que aceite a recente proposta do presidente sul-coreano, Park Chung-Hee, para que seja criado um corpo consultivo económico que ajude a facilitar as trocas comerciais entre as duas Coreias.

A Coreia do Norte recusou esta proposta de Park, dizendo que isso visava a divisão da península para sempre.

EUROPA

Córsega: 30 explosões em três horas

Elevou-se hoje de manhã para trinta explosões o balanço dos atentados cometidos durante a tarde de ontem na Córsega. Foram descobertas além disso, duas outras bombas que não explodiram.

Doze atentados foram come-

tidos em Bastia e 11 em Ajaccio, as duas cidades principais da ilha, tendo sido visadas tesourarias de Finanças, sucursais de bancos, edifícios administrativos, empresas pertencentes a não corsos e uma esquadra da Polícia.

MÉDIO ORIENTE

Líbano: noite calma

A calma reinou em Beirute-Este (bairros cristãos direitistas) durante esta noite passada depois do anúncio de um acordo de cessar-fogo ao fim da tarde de ontem.

A brusca explosão da situação no domingo à tarde e o súbito fim dos combates ontem à noite deixa porém céptica a população. Toda a gente pergunta durante quanto tempo durará esta trégua e sobre o que incidem as negociações entre as partes interessadas, porque não há dúvida que o cessar-fogo foi decidido para permitir conversações políticas.

A Síria teria exigido três condições das quais as duas primeiras deverão ser satisfeitas num prazo de 48 horas: que as forças sírias ocupem posições em áreas que os cristãos direitistas considerem bastiões seus; que os oficiais libaneses que cooperaram com os israelitas a quando da invasão do Sul do Líbano sejam demitidos e as milícias direitistas sob o seu comando recebam ordens dos seus líderes cristãos em Beirute para abandonarem as áreas fronteiriças com Israel, que passariam para o controlo da ONU; a reconstrução do exército libanês, de modo a assegurar o equilíbrio entre muçulmanos e cristãos, e o estabelecimento de um Conselho Supremo de Defesa que superintendesse nessa reestruturação, bem como no planeamento da segurança e defesa, com colaboração da Síria.

IEMEN DO SUL RECUPERA ALDEIAS INVADIDAS

Entretanto, tropas sul-iemenitas recapturaram duas vilas fronteiriças que se alegou terem sido tomadas por soldados do Iemen do Norte, afirma hoje o jornal libanês «As-Safir».

Diz o jornal, numa notícia datada de Aden, a capital sul-iemenita, que as vilas foram reconquistadas ontem.

O ministro das Comunicações de Aden, Mahmoud Oshaish, declarou em Beirute que forças norte-iemenitas tinham ocupado ontem as vilas e começado a bombardear a área da fronteira.

«As-Safir» cita hoje «fontes bem informadas de Aden como afirmando que ambos os países continuam a concentrar forças militares ao longo da raia».

SADATE ACEITA REINÍCIO DE NEGOCIAÇÕES

O presidente Anwar Sadate, do Egipto, aceitou uma proposta de Washington para recomenciar negociações directas de paz entre o seu país e Israel, que se acham num impasse, há seis meses.

Sadate revelou ontem numa conferência de Imprensa em Alexandria que o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros Mohammed Ibrahim Kamel, se deslocaria a Londres para se encontrar com o seu homólogo israelita Moshe Dayan e o secretário norte-americano de estado, Cyrus Vance.

O semiofício «Al-Ahras» diz hoje que o encontro se efectuariá em 18 de Julho e seria dedicado a debater as últimas propostas de paz egípcias para o Médio Oriente.

Sadate declarou que entregara as propostas ao vice-presidente dos Estados Unidos, Walter Mondale, durante as conversações que com ele travou em Alexandria, mas recusou-se a divulgá-las.

Ao mesmo tempo anuncia-se que Shimon Peres, dirigente do partido trabalhista israelita que contesta Menahem Begin, encontrara-se com Anwar Sadate, na próxima semana, em Viena.

Pensa-se que Peres e Sadate abordarão em particular as negociações de paz em curso.

Julgase saber que este encontro foi organizado pelo chanceler austríaco Bruno Kreisky, que tinha sido aliás, no princípio do ano, o promotor dum encontro idêntico.

URSS

Ministro do Azerbaijão morto a tiro no gabinete

Um jovem armado matou a tiro o ministro do Interior da República Soviética do Azerbaijão e, em seguida, voltou a pistola contra si, suicidando-se, revelaram hoje viajantes estrangeiros que regressaram da área.

Disseram que foram informados que o ministro, o tenente-general, Arif Geidarov, um veterano da KGB, a polícia de segurança soviética, fora morto no seu gabinete, na quinta-feira passada, por um jovem que disparou primeiro contra dois colaboradores da vítima. Ambos ficaram apenas feridos, mas o ministro Geidarov teve morte instantânea.

Não há informações acerca dos motivos do acto.

O «Bakinsky Rabochy», o principal jornal oficial da República, noticiou apenas que o ministro «morrera tragicamente

quando cumpria os seus deveres oficiais».

Um dos subsecretários, Vasily Vysochenko, que foi contactado hoje pelo telefone em Baku, a capital do Azerbaijão, declarou à Reuter que uma comissão fora criada para investigar a morte do tenente-general Geidarov.

«O caso foi confiado à procuradoria da República», disse. Contudo, Vysochenko recusou-se a fornecer detalhes do caso, explicando que fora tomada uma decisão para utilizar apenas a fraseologia publicada na Imprensa.

O tenente-general Geidarov, tinha 52 anos. Trabalhava na polícia secreta há mais de 25 anos antes de ser ministro do Interior, a partir de 1971.

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO-VERIFICAÇÃO

Sistemas IBM e UNIVAC

Início dos cursos: 6-7-78

DACTILOGRAFIA

Este curso tem início todos os dias

Informações e inscrições no

EXTERNATO CONTINENTAL

Rua do Arsenal, 100-1.º

Telef. 36 42 72

W.P. TOURS

FÉRIAS NA PRAIA

VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP

P. MAIORCA desde 6.390\$

CANÁRIAS " 8.870\$

PEÇA O NOSSO LIVRO DE FÉRIAS

AO SEU AGENTE DE VIAGENS E

FAÇA AS SUAS RESERVAS JÁ!



Tribunal condena "Ici Paris"

Carlo Ponti, Sophia Loren, e os filhos do casal vão receber uma indemnização de 20 mil dólares, que lhes será paga pelo semanário «Ici Paris».

Caracterizado pelos temas de sensação e escândalo, o jornal publicou um artigo sobre a vida dos Ponti, consi-

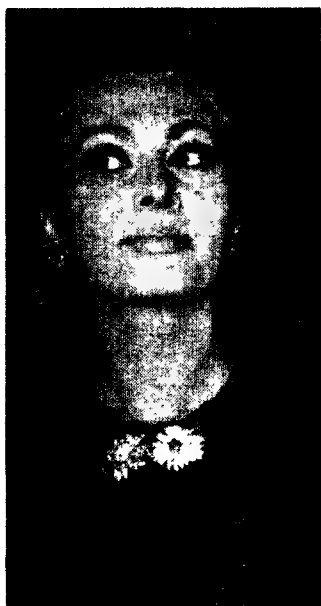
derado atentatório da sua honestidade.

O tribunal não hesitou em fixar uma indemnização equivalente a 20 mil dólares, que será repartida em partes iguais pelo produtor, pela actriz e pelos filhos, já que cada um deles foi atingido pelo artigo do «Ici Paris».

"Amor, Shimmy, Lugano, Tarantelas e Vinho"

Mais um título longo para um filme de Lina Wertmüller: «Amor, Shimmy, Lugano, Tarantelas e Vinho».

Trata-se de uma película a iniciar dentro de dias, protagonizada pelos actores Sophia Loren e Marcello Mastroianni, que formaram casal em «Um dia muito



Sophia Loren: meu Deus, como trabalha!

especial», considerado um dos melhores filmes do ano passado.

A nova realização conta uma história de emigrantes italianos na Suíça e deverá ser filmada em Lugano, devido aos problemas de Sophia Loren com a Justiça, que impedem a actriz de trabalhar em Itália.

Este «Amor, Shimmy, Lugano, Tarantelas e Vinho» contará ainda com a participação de Giancarlo Giannini.

"A REVISTA DEPOIS DO 25 DE ABRIL"

Ah, se a RTP quisesse...

Luiz Francisco Rebello encerrou com a sua conferência sobre «A Revista depois do 25 de Abril» o ciclo sobre a revista à portuguesa organizado pela Sociedade Portuguesa de Autores e em que intervieram vários especialistas, autores e críticos. Antes de dar a palavra ao presidente da SPA, quero sublinhar o interesse apaixonante desta realização que levou ao seu auditório, infelizmente pequeno, um público não tão atento como participante, numa prova de que a revista é de facto, um género teatral que continua a entusiasmar os espectadores portugueses. Na última sessão esteve presente o dr. António Reis, secretário de Estado da Cultura, além de escritores, actores e muito público vivamente interessado.

«Vinte e sete revistas assinadas por trinta e quatro autores e dezanove compositores (...) atestam uma riqueza que essencialmente ficou dever-se à abolição da censura. Mas não é só a quantidade que impressiona: é sobretudo a qualidade de grande parte desses espectáculos, a sua acutilância crítica, a sua saudável irreverência, a sua impetuosa juventude, em consonância com os novos tempos que estamos a viver (...) As excepções a esta regra são exactamente isso, tristes, lamentáveis, excepções, tentativas de ludibriar o povo e mistificá-lo, constituindo um espectáculo que é por natureza do povo e para o povo e que a Revolução de Abril devolveu à sua dignidade perdida».

Estas palavras, com que Rebello terminou a sua comunicação constituem uma notável síntese do itinerário percorrido pela revista pós-25 de Abril. Foi exactamente esse itinerário que ele traçou com o apoio precioso de alguns artistas que ilustraram da melhor maneira a força, o carácter de actualidade, a dinâmica da revista à portuguesa. O caminho sinuoso, percorrido pelo processo revolucionário foi acompanhado e até, por vezes, precedido pelo espectáculo revistei-



Artur Semedo



Luiz Francisco Rebello com Bernardo Santareno



José Viana numa pose de relax



Francisco Nicholson

ro. E foi-o de tal maneira, como o demonstrou Rebello, que é possível discernir as principais linhas de força desse processo pela análise desses espectáculos.

Desde o tempo exaltante da fundação do Adoque que reuniu alguns artistas que haviam iniciado anteriormente no «ABC», a renovação do género e construíram naquela cooperativa alguns dos mais belos e significativos momentos do teatro português revolucionário, até ao aparecimento tão importante de José Carlos Ary dos Santos, que trouxe à revista uma acutilância e por vezes, um nível literário que muito o valorizaram, e à passagem infelizmente breve, de Bernardo Santareno e Mário Castrim, e ainda à renovação de José Viana e César Oliveira; desde a revelação de novos valores no campo da música, da cenografia e sobretudo da interpretação, valores que viabilizaram o indispensável rejuvenescimento do espectáculo e sobretudo dos elencos, até à «tração» de alguns autores e intérpretes em relação ao espírito popular e progressista da revista (de que são exemplos as últimas revistas do «Maria Vitória» e sobretudo do «ABC») a última sessão do SPA conseguiu exprimir a riqueza, a importância, a capacidade de intervenção, a força comunicativa, o poder crítico da revista em liberdade, sem deixar de denunciar os lamentáveis equívocos. Isto bastaria para justifi-

car o trabalho de Luiz Francisco Rebello.

Este trabalho foi, no entanto, altamente valorizado pela intervenção de vários artistas que conseguiram ilustrar ao vivo as referidas constantes desse espectáculo.

José Viana num número da revista «O Pá Pega na Vassoura», de José Viana, Mário Castrim e Rolo Duarte, em que evocava o papel das forças populares, e do Copcon, recordando ainda o 28 de Setembro; e, no final, cantando a nova versão do «Fado do Cacilheiro», da revista «Atira o Barrete ao Ar», de sua autoria.

Artur Semedo, numa intervenção especialíssima em que substituiu com muita graça Ivo Silva; impossibilitada de comparecer, no número «Olvia, Olvia», da revista «Pra Trás Mija a Burra» de César de Oliveira, Rogério Bracinda e Bernardo Santareno e Carlos Oliveira, número que continua a ser sensacional.

António Montez, num admirável número de homenagem a Vasco Gonçalves («tem ferrugem a muralha d'áço») da revista «A Cia dos Cardeais», da equipa do Adoque. Ainda da mesma equipa, Maria Tavares e Nicholson respectivamente em «Alentejana no Rossio», e «O Guarda de Alcoentre», outros dois excelentes números da mesma revista.

Henrique Viana, no número ferozmente crítico «A Volta do Desejado» de «A Grande Cegada», de Nicholson, Gonçalves

Preto César de Oliveira, Ary e Ferro Rodrigues; Ermelinda Duarte na que foi talvez a melhor revista do pós-25 de Abril «A Paródia», ainda do Adoque, com um admirável número sobre a Justiça de antigamente que começava então a levantar a cabeça e de que maneira.

Finalmente, Rosita Afonso cantando muito bem «Cantiga da Primavera», de Ary e Fernando Tordo, da revista «Uma no Cravo, Outra na Ditadura», de César de Oliveira, Rogério Bracinda e Ary; «Os Riód Correm para o Mar», de Anibal Nazaré e Jorge Machado, da revista «Força Força, Camarada Zé»; e ainda «Angelina Deputada», com música e Thilo Krassmann. Com um fio de voz muito agradável, inteligência interpretativa e boa presença; é pena que Rosita Afonso não apareça com frequência nos nossos palcos. É ainda de referir a colaboração do actor Vasconcelos Viana. Referirei por fim a comovedora evocação de José de Castro num número gravado da revista «Uma no Cravo Outra na Ditadura».

A palestra de Luiz Francisco Rebello bem como os números que a ilustraram foram acompanhados com muito interesse e, nos casos das canções, participados pelo público que enchia a transbordar o auditório da SPA. Como já aqui disse o Daniel Reis que belo programa aqui estaria... se a RTP quisesse.

C.P.

SÉRGIO AZEVEDO
apresenta no

TEATRO
ABC
Tel. 36 07 44

HOJE 2 SESSÕES
Às 20.30 e 22.45

AOS DOMINGOS:
«Matinéas» às 16 h.
Folga às 2.ªs-feiras



A REVISTA
QUE CERTOS
DEMOCRATAS
JÁ NÃO
PRETENDEM
FAZER CALAR...



ANABELA
Ótima interpretação
em «O Espantalho»

- FLORBELA
- OCTAVIO DE MATOS
- ANABELA
- ANTÓNIO CALVÁRIO
- VERA MÓNICA
- NINA FLORES
- VICTOR NORTE
- JOÃO LUIS
- LIA SARA

A frente de uma
grande companhia

TRINDADE
INATEL

Apresenta
Hoje, às 21.30 e só até
ao dia 9 de Julho

«OS CÓMICOS»
com a peça

O EDEN CINEMA

original de
Marguerite Duras

Domingo (espectáculo único)
às 16 horas
Segunda-feira (descanso)
(Não acons. a men. 18 anos)

GTH

GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 - Tel. 875626

PORTA
FECHADA
(HUIS-CLOS)

de JEAN-PAUL SARTRE

ANNA PAULA • JOAQUIM
ROSA • J. M. ROSADO • LIA
GAMA

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD
DIARIAMENTE 21.45 ■ DOMINGO:
SÓ 18.00 ■ SÁBADOS MATINEES:
16 H ■ FOLGA 2.ª-FEIRAS



CABELEIREIRO
EVA

Em ALJUSTREL o **Diário de Lisboa**
vende-se no CAFÉ ALIANÇA

TEATRO
A CENTELHA

APRESENTA

Quatro dias de Viagem

Desde aqui até à terra do Homem Novo

Todas as noites às 21.30 h

a partir de 27 de Junho

no Auditório da Feira - Viseu

(Subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura)

A BARRACA



Rua Alexandre Herculano, 70
Telefone: 68 63 00 - (M/13)
3.ª a SÁB.: 20H30 - 22H30
DOMINGO: 16H00 - 21H30



Lia Gama dá rosto e voz para uma peça de Sartre

Lia Gama é uma das quatro figuras do elenco de «Porta fechada» (Huis-clos), de Jean-Paul Sartre, peça ontem estreada pelo Grupo Teatro Hoje, no Teatro da Graça.

«Porta fechada» apresenta no elenco também Ana Paula, J.M. Rosado e Joaquim Rosa. Sobre uma tradução de Fiamma Hasse Pais Brandão trabalharam o encenador Jorge Listopad e o cenógrafo José Rodri-

gues: a aposta era recriar, num espaço necessariamente concentrado, toda a pungente severidade do texto de Sartre, que fez época à data da «première» francesa e continua a ser uma obra fundamental do teatro deste século.

O Teatro da Graça é na Travessa de S. Vicente, 11, e tem espectáculos todas as noites, menos no dia de folga da companhia, às 21 e 45.

Farenses vêem Festival de "Jazz"

Na Esplanada de S. Luís, em Faro, começa no próximo dia 22 o I Festival Internacional de «Jazz» do Algarve/78. O espectáculo de abertura está marcado para as 21 e 30, apresentando-se «O Quarteto» e a All Star Band de Buddy Guy e Junior Wells («Chicago Blues»).

No dia 23, domingo, o festival prossegue no mesmo local e à mesma hora com o trio de Mike Ross, Clark Terry/Illinois Jacquet e Eddie Winson com o trio de Hank Jones.

Os bilhetes, ao preço único de 150\$00 para o fim-de-semana, estarão à venda, segundo informação da Comissão Regional de

Turismo do Algarve, nos postos provinciais desta Comissão e também em Lisboa nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho.

A CRT do Algarve pretende, com a realização do festival, «ir ao encontro das preferências das camadas jovens», aliás mais atraídas por formas menores da música moderna — «rock» e derivados dos anos 60 e 70. Honra-lhe seja feita em teimar com a divulgação do «jazz», cujas raízes afro-americanas, prolongadas em diversos caldeamentos culturais, inclusive europeus, estão na origem de uma das mais apaixonantes expressões musicais deste século.

"Rolling Stones" voltam ao "TOP"

Os «Rolling Stones» atingiram durante a semana passada o sexto lugar dos discos mais vendidos nos Estados Unidos, com o single «Miss You» — segundo a revista Cash Box.

No primeiro lugar do «top ten» aparece Andy Gibb, com «Shadow Dancing» e, no último, Carly Simon, com «You Belong To Me».

Do segundo ao nono: «Baker Street» (Gerry Rafferty) It's a Heartache» (Bonnie Tyler) «You're the one that I want» (John Travolta e Olivia Newton-John) «Take a Chance on Me» (Abba) «Miss You» (Rolling Stones) «Use ta be my girl» (O'Jays) «Dance With Me» (Peter Brown) e «Two out of three ain't bad» (Meat Loaf).

TAS dedica festival a Jorge de Sena

Dedicado a Jorge de Sena, realiza-se nos claustros do Convento de Jesus, em Setúbal, de 7 a 16 do corrente, o III Festival de Teatro daquela cidade, organizado pelo TAS (Teatro de Animação de Setúbal).

«Pensamos que a partir deste ano o Festival deveria ser dedicado a um escritor que tenha algo a ver com o Teatro», disse à ANOP Carlos César, director do TAS.

A «Seiva Trupe», Companhia Teatral do Porto, abre o festival com a peça «Contos Cruéis», baseada em textos de Jorge de Sena, encenados por Norberto Barroca.

Para o ano que vem, explica Carlos César, o IV Festival será dedicado a um escritor português vivo, e em 1980, quando se comemorar o quarto centenário da morte de Luís de Camões, o certame será dedicado a este épico, que também es-

creve teatro.

Segundo revelou Carlos César, o TAS vai convidar vários actores para, no decorrer do Festival, lerem textos de Jorge de Sena, tencionando também fazer uma montagem de obras musicais portuguesas, para o que vai solicitar a colaboração da RDP.

Este III Festival promovido pelo TAS é o primeiro que, desde que a companhia foi criada em 1976, se realiza com a cola-

boração da Câmara de Setúbal, a qual cedeu para o efeito os claustros do Convento de Jesus, intervindo também na organização do certame.

Os festivais anteriores decorreram no Largo da Cidade de Setúbal (o Largo do Sapalinho), o que não permitia a realização «séria» de um festival, tornava-se por isso necessário arrumar e desarrumar diariamente o local das representações.

Hoje



Uma imagem de «Escrava Isaura»

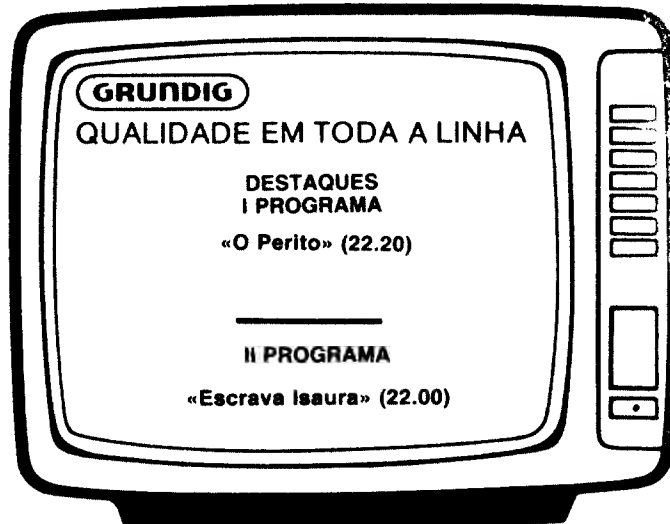
I PROGRAMA

- 18.26 Telejornal — 2.ª edição.
- 18.32 Lições de Basquetebol — 7.ª lição.
- 18.55 Um Mundo para Descobrir
- 19.25 Colectividades
- 20.00 Telejornal — 2.ª edição.
- 20.35 «O Casarão» — episódio n.º 132 da telenovela de Lauro César Moniz.
- 21.10 O Tempo
- 21.20 Forum — doenças do coração.
- 22.20 «O Perito» — 9.º episódio: «A Hora da Serpente».
- 23.05 Telejornal — 4.ª edição.
- 23.15 Fecho

TUDOR BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
- 22.00 Telejornal
- 22.30 «Escrava Isaura» — repetição do episódio n.º 94.
- 23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; 12.10: Falemos de Agricultura; 12.45: «Escrava Isaura» — episódio n.º 97; 13.15: Telejornal — 1.ª edição; 18.25: Telejornal — 2.ª edição; 18.37: «Issi Noho» — 1.º episódio; 18.40: «Filopat e Patatili»; 18.50: «A Corrida do Ouro» — 2.º episódio; 19.20: Tempo de Desporto; 19.45: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: Telejornal — 3.ª edição; 20.35: «O Casarão» — episódio n.º 133; 21.06: O Tempo; 21.10: A Escola Naval; 21.40: Concurso 31 de Boca — última sessão; 22.50: Este Portugal que Somos; 23.10: Telejornal — 4.ª edição; 23.20: Fecho

II PROGRAMA

19.00: Ano Propedêutico; 22.00: Telejornal; 22.35: «Escrava Isaura» — repetição do episódio n.º 95; 23.05: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

TEATRO ABERTO

grupo 4 APRESENTA

3as, 4as, 5as e 6as FEIRAS: ÀS 21.45
SABADOS: 20.30 e 23 HORAS
DOMINGOS: 16 e 21 HORAS

3.º MÊS

a sátira musical

O caso da
MÃOZINHA MISTERIOSA

UM CASO SÉRIO DE MORRER A RIR, COM:

HENRIQUETA MAYA	PAULO DE CARVALHO	FERNANDO TORDO	RUI MENDES
MORAIS e CASTRO	LUISA BASTO	OSÓRIO	HELENA ISABEL
FERNANDA COIMBRA	CARLOS GONÇALVES	ALVARO FARIA	ADELAIDE FERREIRA
PAULO GODINHO		MANUEL MENDONÇA	



ESPECTÁCULO PARA ALÉM DE 15 ANOS

SUBSÍDIO do S.F.C.

VEJA NOVAMENTE O FILME QUE INAUGUROU ESTE CINEMA

UMA COMÉDIA ALUCINANTE!



Barbra Streisand
Ryan O'Neal
em
QUE SE PASSA DOUTOR?
(What's Up Doc?)

Uma produção PETER BOGDANOVICH

BARBRA STREISAND · RYAN O'NEAL · WHAT'S UP DOC? A Peter Bogdanovich Production
Co-Starring KENNETH MARS · AUSTIN PENTLETON · SORRELL BOOKE · MICHAEL MURPHY
And Introducing MADELINE KAHN · Screenplay by Buck Henry and David Newman & Robert Benton
Story by Peter Bogdanovich · Directed and Produced by Peter Bogdanovich · TECHNICOLOR®

From Warner Bros. A Warner Communications Company

Pela 1.ª vez versão integral
2.ª SEMANA DE ÊXITO

CASTIL



"Alfredo Vaz Pinto" leva ténis ao Jamor

Sob a organização do Clube de Ténis do Jamor e apoio da federação da modalidade, realizaram-se, nos «courts» do Jamor, as finais nacionais do «I Troféu Alfredo Vaz Pinto». Esta prova, inédita em Portugal, permitiu pôr em contacto os nossos melhores jogadores juvenis (menores de 16 anos), de Norte a Sul do País, descobrir e revelar novos valores para a prática da modalidade. A larga repercussão conseguida muito contribui para a animação e fomento do ténis nacional.

O torneio, que foi dividido em três fases (local, regional e nacional) movimentou elevado número de concorrentes (220), não só de clubes da especialidade, mas ainda de escolas, centros ou instituições com instalações próprias, mesmo empregados e «apanha-bolas» desde que já praticantes.

Apurou-se (assim) após as

respectivas eliminatórias o grupo de finalistas provindo de diversos pontos do País, ao qual coube o direito de disputar a fase final, tendo sido cobertas pela organização todas as despesas de deslocação e estadia.

Os jogos da final decorreram nos «courts» do Estádio Nacional perante numerosa assistência, verificando-se os resultados seguintes:

Meias-finais: Pedro Cordeiro v. João Guedes 6-1 e 6-3; Miguel Moncada v. Rui Cunha 6-2 e 6-3. Final: Pedro Cordeiro v. Miguel Moncada 6-3 e 7-5.

Foram distribuídos valiosos prémios e troféus, sendo ainda proporcionada aos finalistas um estágio em Espanha, onde assistiram a um torneio internacional de relevo.

Esta iniciativa foi patrocinada em exclusivo pelos concessionários da Coca-Cola em Portugal.

MUNDIAL DE 1982

Quantas equipas em Espanha?

A Espanha ainda não decidiu se no próximo «Mundial» de 82 poderão estar presentes 24 equipas na fase final — anunciou o presidente interino do Comité Organizador do Mundial de Espanha, Pablo Porta. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) autorizou já o aumento para 20 ou 24 do número de equipas finalistas nos mundiais, de acordo com a capacidade do país organizador.

Pablo Porta, afirmou que ainda não tinha sido tomada nenhuma decisão quanto ao aumento de finalistas, acrescentando que, na sua opinião, a qualidade deve sobrepor-se à quantidade. Adiantou, no entanto, que uma decisão será tomada na reunião da FIFA a efectuar em Novembro próximo. Em resposta a um jor-

nalista, que comentava que a Espanha poderia ganhar mais dinheiro com o aumento do número de finalistas, Porta assinou que «a Espanha apenas deseja organizar um bom Mundial» dizendo também que «se pudermos conjugar a qualidade com a quantidade, muito bem. Se não, preferimos a qualidade».

Entretanto, Raimundo Saporta, presidente em exercício do Real Madrid, aceitou a presidência do Comité Organizador do Campeonato do Mundo de Futebol de 1982 que se disputa em Espanha — anuncia o diário «El País». A decisão foi tomada durante um encontro de Saporta com o ministro da Cultura, Pio Cabanillas. Saporta anunciou já que deixará a presidência do Real Madrid no próximo dia 3 de Setembro para se dedicar à preparação da equipa olímpica de basquetebol e à organização do Torneio Mundial de Futebol.

MINIMUNDIAL

A Associação de Futebol do Uruguai anunciou ter solicitado à FIFA autorização para organizar um torneio de selecções campeãs do mundo, em 1980. No torneio, conhecido já por «mini-mundial», participariam as selecções de futebol dos seis países que conquistaram já o campeonato do mundo: Argentina, Alemanha Federal, Brasil, Inglaterra, Itália e Uruguai.

A competição teria por objectivo comemorar o cinquentenário do primeiro campeonato do mundo, realizado no Uruguai, em 1930.

No Rio de Janeiro, um porta-voz da Confederação Brasileira de Desportos anunciou que o Brasil aceitou o convite que lhe foi dirigido pela Associação de Futebol do Uruguai. A autorização da FIFA poderá ser concedida quando o organismo internacional se reunir, em Novembro próximo.

Judo: progresso ou marcha a passo?

Decididamente, pelo menos um entusiasta do judo (Hugo Assunção) contesta o ponto de vista pessoal expandido por Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção, no «DL» do passado dia 25 de Abril, quando incluiu a modalidade nobre das que **passam a vida a aprender**, cingindo-se (logicamente) ao comportamento extrínsecas dos melhores atletas e, simultaneamente, à expansão do judo para cá dos limites territoriais.

Numa longa missiva, Hugo Assunção expõe um ponto de vista antagónico. Das suas palavras retiramos algumas afirmativas que, sofrendo embora frontal contestação no optimismo que revelam, merecem arguimento por serem o depoimento de um verdadeiro apaixonado pela modalidade. Hugo Assunção escreve:

«Algo se tem vindo a fazer na modalidade, mormente a partir da «Revolução dos Cravos». E sabido que, até ao 25 de Abril, o judo era positivamente rejeitado pelas entidades governamentais que, embora forçadas a assegurar-lhe oficialmente um certo apoio (muito discreto), consequente da receptividade que vinha demonstrando desde a sua oficialização como modalidade desportiva em 1959, multiplicavam entraves à sua expansão. A partir de 1975, dispondo de apoios económicos dez vezes superiores aos que anteriormente recebia, elaborou a Federação Portuguesa um plano de acção a cinco anos, no qual gozou o desenvolvimento possível para a modalidade, a diferentes níveis.

Foi o acesso das classes economicamente mais desfavorecidas a um desporto que, pelos seus encargos económicos (e só por isso) apresentava certo carácter elitista, que se procurou prioritariamente assegurar. Para isso, isentaram-se de taxas os centros onde o ensino fosse ministrado gratuitamente e a aceitou-se a filiação dos seus atletas sem quaisquer encargos; subsidiou-se a presença dos representantes regionais às provas nacionais, permitindo assim selecções com base no nível técnico e não no económico; ofereceu-se total colaboração em meios técnicos e humanos ao sector dos núcleos de desenvolvimento da DGD, em que o ensino é ministrado gratuitamente; encorajou-se a autoconstrução de áreas de treino e a confecção de «judogis» (fatos para o treino).

Procurou-se uma descentralização, criando infra-estruturas regionais, estando já legalizadas (ou em vias de o fazerem) as Associações de Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Viseu, Lei-

ria, Santarém, Lisboa, Setúbal, Évora, Portalegre, Beja, Algarve e Açores, quando anteriormente nada havia.

Obteve-se uma relativa massificação como se observa da evolução dos números de praticantes e centros de aprendizagem: n.º de colectividões 71 (em 1973); 135 (em 1977); n.º de praticantes 1982 (1973); 8170 (em 1977).

Verificando-se a saturação das estruturas humanas disponíveis, em parte responsável pelo fraco crescimento verificado na última época, iniciaram-se em 1977, de colaboração com o sector de formação do DCD, cursos de instrutores (até à data já foram realizados três, outros se seguindo em breve) o que permitiu, praticamente, quadruplicar o número de agentes de ensino oficialmente conhecidos e prever a satisfação das necessidades a curto prazo. Salienta-se que o judo não pode nem deve ser iniciado sem o acompanhamento de agente de ensino devidamente habilitado, o que torna a sua expansão bastante mais difícil do que a de outras modalidades desportivas.

Tudo este esforço em prol dum desporto válido e dignificante passa necessariamente despercebido aos órgãos de Informação, os quais têm a atenção polarizada nas grandes proezas internacionais dos atletas. Investindo menos de 20 por cento das suas disponi-

bilidades orçamentais em contactos internacionais (que englobam não só competições como estágios de aperfeiçoamento de atletas, árbitros e treinadores), não pode a modalidade tornar-se credora das grandes parangonas da Imprensa, embora vá conseguindo arrecadar medalhas nos 2 ou 3 confrontos anuais que realiza além-fronteiras.

Restringindo a análise dos resultados internacionais apenas aos 5 últimos anos, temos:

1973 Campeonato Internacional de Espanha Júnior: António Roquete medalha de prata, Carlos Paixão medalha de bronze, João Coutinho medalha de bronze.

1974 Campeonato Internacional de Espanha Júnior: António Roquete medalha de ouro, José Gomes medalha de ouro, Campeonato Aberto de Inglaterra: Fernando Almada Medalha de bronze.

1975 Taça Latina: António Roquete medalha de bronze, José Gomes medalha de bronze. Campeonato Internacional da Roménia: António Roquete medalha de bronze. III Campeonatos Ibero-Americanos: Fernando Almada medalha de bronze.

1976 Jogos Olímpicos de Montreal: José Gomes atingiu os 1/4 de final, António Roquete eliminado, apenas por

decisão pelo campeão olímpico.

1977 Campeonato Internacional da Roménia: Hugo Assunção medalha de bronze.

Considerando que para além dos 5.ºs lugares (que não foram aqui referidos por não darem direito a medalhas) não há classificação oficial, não há de espantar que os judocas que em competição atinjam os 1/4 de final (logo situados entre os oito melhores atletas em prova) não sejam objecto da publicidade que tanta falta faz ao nosso judo e que permite que em países como a Holanda se alcance os 400 000 praticantes ou que na França, rondando o milhão, só sejam superados pelos praticantes de futebol.

Hugo Assunção, consciencioso, é o primeiro a saber que a modalidade continua com perfeito carácter elitista, que não é praticada em escolas ou liceus, que não teve ainda acesso à esmagadora maioria das colectividades portuguesas (praticando-se quase exclusivamente em centros próprios e muito restritos) que (enfim) viveu, em cinco anos, dos êxitos internacionais de escassos seis praticantes (e apenas homens...), o que fala suficientemente pela expansão de uma olímpica disciplina que, desculpem os que se contentam com pouquinho, ainda por cá vive em semianonimato.



Carlos Lopes: uma casa às suas ordens

Carlos Lopes no seu estabelecimento de artigos desportivos: «Olimpiada 76», no 18-A da Calçada do Povo dos Mouros (em Lisboa) vale uma citação pelo que significa na vida de um atleta que, ainda na fase áurea, acautela o futuro num trabalho que está intimamente ligado à sua história.

MODALIDADES EM DESFILE

ANDEBOL

Apoiada pelo Comité Olímpico Português, a Federação de Andebol organiza, no próximo dia 8, um torneio de encerramento das actividades.

Para que a «pequena festa seja a expansão dos objectivos fundamentais por trabalhar» (afirma-se num comunicado da Federação) este organismo decidiu organizar dois torneios relâmpago, um em iniciados e outro em juniores femininos, procurando assim exprimir o seu apoio a estes escalões.

Os dois torneios realizam-se, a partir das 15 horas, no ginásio do Liceu D. Pedro V.

Em juniores femininos, actuam equipas do Passos Manuel, Paço de Arcos, Maria Amália e São João do Estoril

e, em iniciados, jogam turmas do Belenenses, Maria Amália, Ferreira Borges e Passos Manuel.

Sorteio dos jogos de andebol para os quartos-de-final da «Taça de Portugal», a realizar no próximo sábado. Belenenses-Sporting (às 18 horas, no Restelo), Oriental-Gaia, Académico do Porto-Sporting de Espinho e Académica da Amadora-Passos Manuel (todas pelas 21 e 30, nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar).

HÓQUEI PATINADO

Esta noite (21 horas) no pavilhão de Cascais, jogos Associação Portuguesa de Joanesburgo Dramático de Castais e Juventude Salesiana-Paredes.

XADREZ

O xadrezista soviético (exilado) Victor Korchnoi sofreu

um primeiro revés na previsível «guerra de nervos» que rodeará a sua tentativa de alcançar o título mundial de xadrez em confronto com o campeão Anatoly Karpov, quando foi rejeitado o seu pedido para que o horário de início dos jogos sofresse uma antecipação de duas horas. O presidente da Federação Internacional de Xadrez, Max Euwe, informou um dos organizadores filipinos de que o pedido de Korchnoi não poderá ser satisfeito, devendo os jogos, conforme combinado anteriormente, iniciarem-se nunca antes das 17 horas locais.

Korchnoi pretendia que as partidas do «match» a iniciar em 17 de Julho, na cidade de Baguio (a 200 quilómetros a norte de Manila), comessem às 15 horas locais. Na carta em que fazia este pedido,

Korchnoi tomou outra acção surpreendente, ao comunicar que a Federação Internacional poderia escolher uma de quatro bandeiras para colocar, como é hábito, a seu lado durante as partidas.

AUTOMÓVEIS VENDEMOS

Material novo, preço saldo grelhas, pára-choques, painéis, «charriots», guarda-lamas, portas, transmissões, embaladeiras e todos os bocados já feitos para carroçarias apodrecidas. Vendemos quase, quase tudo para todas as marcas. Entregamos em dias certos no local.

Brevemente, servil-o-emos em Lisboa, na nossa Filial, Rua de São Bento, 344-346. Para o ajudar, ligue Salvacar 2932648

FÉRIAS EM PORTUGAL 1978

TRÓIA-ESTÁDIAS
ALGARVE-ESTÁDIAS E COM TRANSPORTE
MADEIRA-FINS DE SEMANA
E UMA SEMANA
AÇORES

Ilhas Terceira-Faial-S Miguel

Preços desde

1.975\$00

1 SEMANA

Peça-nos programa

CONSULTE
BUISON
VIAGENS - TURISMO

RUA BRAAMCAMP 15 D
Tels 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg BUISTOUR Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

cadernos do terceiro mundo

Já saiu!

cadernos do
terceiro mundo

BOMBAS
SOBRE
ÁFRICA

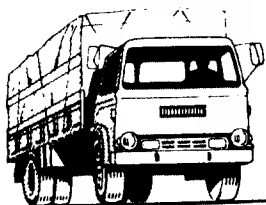
BRASIL: A
RESISTÊNCIA
AUMENTA

Uma cobertura completa sobre as intervenções francesas em África. Uma reportagem especial sobre o massacre de Kassinga. O Brasil e as grandes greves de Maio em São Paulo. Futebol e política com a multinacional Pelé.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º Juízo Anúncio (a) 2ª Publicação

Por este Tribunal correm editos de citação das partes para comparecerem a contar se a publicação do segundo e último anúncio do processo TRANSOLOR-ARTIGOS DE CONSUMO E TURISMO LIMITADA - para no prazo de dez dias findo o dos editos contestar querendo a arcação na qual o Autor pede a condenação da Ré ao pagamento da quantia de 11.885\$00, titulada por duas letras de câmbio de que é dono e legítimo portador, e das juros de mora vencidos e vencíveis até integral pagamento e a taxa de 2% ao ano, os quais os primeiros totalizam 1.525\$40. Acção Sumária nº 9.534/2 - Sentença do J.º Banco de Angola, com sede na Rua da Prata, 10, em Lisboa.

Lisboa, 9 de Junho de 1978
O Juiz de Direito
a) António Rodrigues Simão
O Escrivão de Direito,
a) Eurico Antonio de Ornelas



Sr. Camionista

Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga. Respeite sempre os limites.

circula e vive

Roteiro Cultural

«As profecias de Bandarra» de Garret e «Dia d'Água», estão em cena no Pavilhão dos Congressos do Estoril (antigo casino) numa encenação de Carlos Azeite. Trata-se da mais recente das iniciativas do Teatro Experimental de Cascais, que luta com dificuldades financeiras (quem é que não luta?) e que tem um longo passado a atestar a qualidade das suas produções. Se está interessado na iniciativa pode adquirir bilhetes nas agências, na Junta de Turismo e no próprio Pavilhão dos Congressos. Caso prefira, pode marcá-los pelos telefones 2680113 e 2683900.

Iniciaram-se hoje as comemorações do Dia da Marinha com uma cerimónia evocativa do render da guarda, que teve lugar no largo da Torre de Belém.

Como ontem noticiámos, estreou-se no Teatro da Graça (Travessa Gil Vicente, 11, junto à Voz do Operário), a peça «Porta Fechada» («Huis-Clos»), de Jean-Paul Sartre, numa encenação de Jorge Listopad. O elenco é constituído por Anna Paula, Lia Gamá, Joaquim Rosa e José Manuel

Rosado. Porque não aproveita uma destas noites para ir até lá ver esta peça que é considerada uma das principais do autor e cuja leitura é necessária a qualquer pessoa medianamente culta do nosso tempo?

Se o leitor é dos que gostam de se deitar tarde (ou dos que podem, já que a maioria das pessoas começa a trabalhar cedo e tem de chegar ao trabalho num estado relativamente «funcional»), tem muito por onde escolher hoje em matéria de filmes. No Apolo pode ver o «Kazablan», de Menahem Golan; no Cinebolso (Rua Actor Taborda) pode deliciar-se com «Reviver»; no City-Cine (Rua Tomás Ribeiro) pode divertir-se vendo «O fantasma do paraíso», de Brian de Palma; no Europa pode tremervendo «A queda do Império Romano» e no Londres pode desejar «As belas mulheres dos outros». Não se pode dizer que a selecção destes filmes seja notável do ponto de vista artístico, mas estamos no Verão e toda a gente sabe o que isso quer dizer. De qualquer forma todos eles são para noctívagos, já que são projectados a partir das 23 e 45 ou da meia-noite.

Os amadores de «ballet» também têm onde ir hoje, apesar de estarmos à beira do Verão, que também afecta os artistas e os criadores. As 18 e 30 no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian estarão em cena os bailados «Pouco menos que Tê ponto Bê ponto Gê ponto sete barra sete oito ponto final parágrafo» (colagem coreográfica de Pedro Coelho, música de Kraftwerk, Katada, Johu Filled, Tachaikovsky, Beethoven e Carl Orff), «Círculo de quatro lados» (coreografia de António Laginha, música de Strauss), «Dois homens, duas mulheres» (coreografia de Stephen Ward, música de Vaughan Williams) e «Soirée Musical» (coreografia de Marta Ataíde, música de Benjamin Britten).

Se está perto de Viseu vá até essa cidade ver a exposição de pintura de Henrique Tavares, patente ao público na sala da Comissão de Turismo da Câmara Municipal. Não se trata de uma exposição em que figuram muitas obras mas, como é sabido, nem os homens se medem aos palmos nem as exposições se avaliam pelo número das obras que nela figuram.

O grupo de «jazz» Magikyce actua hoje, às 22 horas em Coimbra, integrado nas Festas da Rainha Santa. Se está no centro do País e gosta de «jazz», não perca esta actuação, já que o grupo está cotado e não se poupa a esforços.

Já demos a notícia da exposição de pintura de Sérgio Pombo na SNBA e ontem referimo-nos à de Manuel Baptista na Galeria 111. Sabemos que o sol é uma tentação e que Lisboa está rodeada de praias mas... hoje, que o dia está «assim assim», porque não vai ver as obras que estes artistas expõem?

Romeu Correia teve ontem a certeza absoluta de que os esforços que vem desenvolvendo pelo concelho de Almada não passaram despercebidos e interessam à população da sua terra. Numa significativa homenagem que teve lugar no salão nobre da Incrível Almadaense o conhecido dramaturgo recebeu o galardão do concelho, que lhe foi atribuído pela Câmara Municipal. Trata-se de uma justíssima homenagem a que o Roteiro Cultural se associa, aproveitando a ocasião para lembrar ao povo de Almada que Romeu Correia acaba de publicar um livro sobre a gente do seu concelho intitulado «Homens e mulheres vinculados às terras de Almada» (edição da Câmara Municipal), que não pode deixar de figurar nas bibliotecas de todos os que se interessam pela vida de Almada.

Integrada na «Semana de Presença Libertária» tem lugar hoje, às 18 horas, no anfiteatro da Faculdade de Letras, um colóquio-debate sobre marginalidade, delinquência e prisão, que será orientado por Serge Livrozet.

EDUCADORAS DE INFÂNCIA CONVOCATÓRIA

Convocam-se todas as Educadoras de Infância sindicalizadas para um Plenário a realizar no próximo dia 6 de Julho, quinta-feira, pelas 21 h 30 m no Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa — Largo da Trindade, 16 - 1.º

O.T.

— Ponto único — Equiparação para todos os efeitos do Curso de Educadoras das Escolas particulares aos das oficiais.

Pela Direcção

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	21º
BRAGANÇA	16º
V. REAL	19º
PORTO	18º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	21º
LISBOA	19º
ÉVORA	18º
SINES	19º
BEJA	19º
SAGRES	17º
FARO	21º
P. DELGADA	18º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

F. DE C. RODRIGO	Máxima	27,5º
MONTALEGRE	Mínima	9,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.24 3,6 m 7.53 1,3 m	
14.43 3,8 m 20.21 1,2 m	
Dia 5	
3.04 3,6 m 8.28 1,2 m	
15.21 3,9 m 20.57 1,2 m	
Dia 6	
3.42 3,7 m 9.04 1,2 m	
15.57 3,9 m 21.31 1,1 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco soprando durante a tarde moderado de Norte na Faixa Costeira a Sul do Cabo Carvoeiro; pequena subida de temperatura.



NASCEM AS 6.18
OCASO AS 21.05



DIA 5 DIA 13 DIA 20 DIA 26

rádio

1.º Programa

18.10: Hoje respondemos por música, por António Vitorino d'Almeida — orquestras; 19.00: Poemas e poemas — música portuguesa; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Conjuntos; 21.00: Trailer do folhetim «A Roça» de Fernando Reis, numa adaptação de Judite Navarro; 21.20: Contraponto; 24.00: Último jornal; 00.20: Jazz; 00.30: Vozes na noite; 01.00: Música na noite (RDP/Centro).

2.º Programa

17.00: Música sinfónica; 18.25: A cravista Wanda Landowska; 19.00: Música portuguesa; 20.00: Música de câmara; 20.25: Ópera; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical; 23.45: Música sinfónica; 00.35: Árias de concerto de Mozart; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294m)

18.00: Vertical; 18.20: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilides; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30: Vertical-tránsito; 20.15: Vertical-filatélico, por Carlos OLIVEIRA; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Suplemento — quando o telefone toca; 23.05: Novas de alegria; 24.00: Suplemento (continuação); 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15: Dia a dia com o passado; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa Local (187,5m)

18.00: Convite; 18.00: Compasso; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 18.45: O que não leu; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong; 19.00: Em órbita; 20.00: Fórum, realização de Jorge Lopes; 22.00: Auditório; 00.00: Prisma, realização de Fernando Quinas — o homem no tempo, programa de antropologia, produção de João David Nunes; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

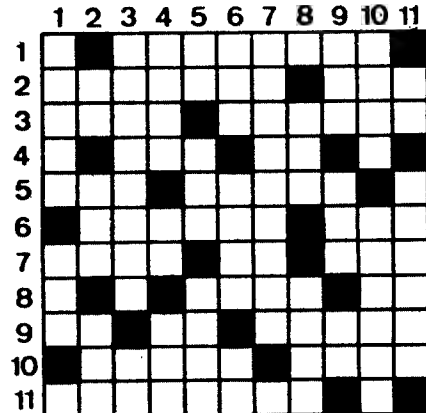
18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Curso de Língua alemã; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Tamas vivos; 23.30: Dicionário de economia; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12080

HORIZONTAIS:

- 1 Cauchu
- 2 Aguçais Agarre
- 3 Vela Desse mios ou mados (o gato)
- 4 Distrito da ex-Índia Portuguesa O lado do vento
- 5 Oasis Uma das ilhas Jonas
- 6 Flutuais Composição poética
- 7 Navio Reis Textualmente
- 8 Madres Pronome pessoal
- 9 Satellite de Jupiter Plutónio (s q) Extrair
- 10 Fronteiras Palmeira da Amazônia
- 11 Urinias por casamento



VERTICAIS:

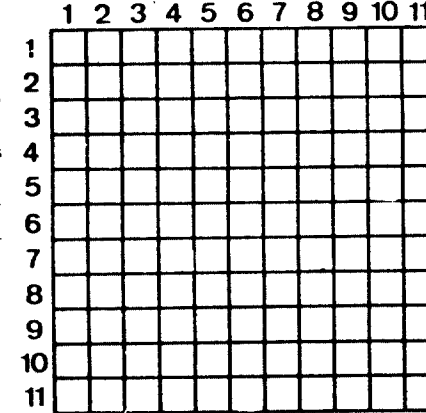
- 1 Despovoad Recusa
- 2 Certo (s q) Ilha do Estado da Bahia (Brasil) Colera
- 3 Cidade de Inglaterra Ateia Serenissima
- 4 Cidade da Argélia Preposição Piedosa
- 5 Balraquio Camareira Que e da raça dos mus
- 6 V scera dupla Extrair Nota musical
- 7 Alberjasses por esmola
- 8 Filtra (s q) Vais para fora
- 9 Tens Preposição e artigo (pl) Centiare
- 10 Tosto Inspira (s q)
- 11 Hospedaria oficial na China Sede (s q)

Resoluiu completamente es e problema?
Procure agora, em segundo, o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8140

HORIZONTAIS:

- 1 Desordem Conquista
- 2 Puia Medida de líquidos da Holanda
- 3 Apellido Saudavel Prefixo de privação
- 4 O mesmo que tres Remunera
- 5 Governador ou chefe entre os Arabes Açoiar
- 6 Molestarem Guarneco de asas
- 7 Antes do meio-dia Ave pernalta
- 8 Rio de Moçambique Saliva viscosa
- 9 Estrepito de desmorramento Prefixo de negação Idem
- 10 Lugar Ilusao
- 11 Suba ao cume Ecoas



VERTICAIS:

- 1 Alcarde Nota musical
- 2 Equipem Zombas
- 3 Osmio (s q) Aqui esta Pronome possessivo (pl)
- 4 Saudavel Balraquio Letra grega
- 5 Pelos de certos animais Corngi
- 6 Prendo Grao que se semeia
- 7 Deus dos pastores Mamifero carnívoro da America do Sul afim do leao
- 8 Rio da Suíça Rio do Estado do Espírito Santo
- 9 Atormentava Porco
- 10 Freguesia do concelho de Ponte de Lima Duna na Suecia Dança do interior alagoano (Bras i)
- 11 Amachucados

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12079

HORIZONTAIS:

- 1 CUIDAR. AC.
- 2 Abra. Omar.
- 3 Não. Ames. Es.
- 4 Cr. E. Tara.
- 5 Bati. Erro.
- 6 Ari. Já.
- 7 Estalaras.
- 8 Mais. Mr. Avô.
- 9 Or. SABER. IV.
- 10 Salema. Iola.
- 11 Somas. Muar.

VERTICAIS:

- 1 Lançaremos.
- 2 Bar. Saras.
- 3 Cró. Bati. Lo.
- 4 Ua. Parassem.
- 5 Til. Ama.
- 6 Domei. Ambas.
- 7 Ame. Arrei.
- 8 Rasteja. Rim.
- 9 Ar. Sa. Ou.
- 10 Erra. Vila.
- 11 Casão. Sovar.

Provérbio: Cuidar não é saber

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8139

HORIZONTAIS:

- 1 Os. Avós.
- 2 Cair. Estala.
- 3 Arad. Tus. Em.
- 4 Atsaram. Ab.
- 5 Elras. Ida.
- 6 Rã. Rod. Amor.
- 7 Miro. Asa.
- 8 Ara. Ba.
- 9 Mo. Ganias.
- 10 Assara. Sol.
- 11 Rossi. Calos.

VERTICAIS:

- 1 Oca. Armamar.
- 2 Sara. Airoso.
- 3 late. Re. SS.
- 4 Ordeiro. Gas.
- 5 Aro. Sari.
- 6 Letrada. Na.
- 7 Suas. Sai.
- 8 Atam. As. Asa.
- 9 Va. Imã. Sol.
- 10 Oleado. Lo.
- 11 Sambarias.

Programas

Programas de Cinema e Televisão

Lisboa

Turno 21

Até às 22 horas

ALENTEJO — Av. da Igreja, 28-B. Tel. 892682; **ALGARVE** — Av. de Roma, 7-B. Tel. 801478; **ASCENSO** — Praça Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tel. 311216-310172; **AVIS** — Av. de Roma, 56-B. Tel. 895370; **BAIRRO AZUL** — Av. Ressaio Garcia, 7-A. Tel. 571451; **BARRAL** — Rua Augusta, 225. Tel. 361534-361535; **BENFICA** — Estrada de Benfca, 678-E. Tel. 702532; **CAMPO PEQUENO** — Av. Júlio Dinis, 10. Tel. 771661; **CENTRAL DE CAMPOLIDE** — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304; **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480; **CONFIANÇA** — Av. Almirante Reis, 46-B. Tel. 821653; **CRUZ NUNES** — Praça Duque de Saldanha, 14. Tel. 41845; **FERNANDES BORGES** — Rua C. Benqueira, lote 30. Tel. 311091; **GRUO** — Rua do Grilo, 25. Tel. 385264; **LA RANJEIRA** — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; **LOBEL** — Rua Infanta, 16, 98-B. Tel. 688807; **MARLUZ** — Calça. Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-720395; **MODERNA** — Largo Dr. António Macedo, 7-A. Tel. 608896; **NOVA LISBOA** — Rua Guilhermina Suggia, 12. Tel. 727721; **S. NUNES SIMÕES SUCR.** — Rua do Quelhas, 1. Tel. 661275; **REMISIO** — Rua Jerónimos, 14-C. Tel. 631699; **ROSA E VIEGAS** — Rua S. Vicente, 31. Tel. 864351; **S. JORGE** — Largo do Leão, 3-A-B. Tel. 734027; **SILMAR** — Rua S. Lázaro, 128. Tel. 42829; **VIEIRA BORGES** — R. Alexandre de Gusmão, 28-30. Tel. 40536; **VITEK** — Estrada de Benfca, 373-B. Tel. 780548.

PERMANENTE — **CENTRAL CAMPOLIDE** — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304; **ALENTEJO** — Av. da Igreja, 28-B. Tel. 892682; **CONFIANÇA** — Av. Almirante Reis, 46-B. Tel. 821653; **FERNANDES BORGES** — Rua C. Benqueira, lote 30. Tel. 311091; **CRUZ NUNES** — Pr. Duque de Saldanha, 14. Tel. 41845; **SILMAR** — Rua S. Lázaro, 128. Tel. 42829; **LA RANJEIRA** — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; **NOVA LISBOA** — Rua Guilhermina Suggia, 12. Tel. 727721; **VITEK** — Estr. de Benfca, 373-B. Tel. 780548; **SEPOL** — Calça. da Boa-Hora, 94-A. Tel. 631958.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A. Tel. 2750076; **COVA DA PIEDADE** — Morgado — R. Cabo da Boa Esperança, 25-A. Tel. 2767356; **LARANJEIRO** — Moderna — R. de António Elvas, 84. Tel. 2490305; **COSTA DA CAPARICA** — Carlos — Av. do Mar, 34-A. Quinta de St.º António; **SEIMBRA** — Lopes — R. Cândido dos Reis, 21. Tel. 2233028; **BARREIRO** — Pimenta — R. Cons.º Joaq. Ant.º de Aguiar, 259. Tel. 2073012; **SEIXAL** — Godinho — L. da Igreja, 51. Tel. 2218580; **MONTUJO** — Higiene — R. José Joaq. Marques, 142. Tel. 2310370; **MOTA** — Silva Rocha — P. da República, 16. Tel. 239029; **ALHOS VEDROS** — Portugal

Linha de Cascais

ALGES — Dias & Saraiva, Ld.º; **ALCABIDECE** — Carvalho — Até às 21 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas; **CARCAVELOS** — Central — Até às 22 horas; **VILAR** — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Sábola, 29-B. Tel. 260085; Até às 21 horas; **PACO DE ARCOS** — Pargana — Av. Eng.º Bonneville Franco Tel. 2435147; Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS** — Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro Tel. 2430485; Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas; **PARADE** — Macau — R. Elias Garcia, 60-C. Tel. 2471785; Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** — Junqueiro Mendes — Até às 21 horas; **S. JOAO DO ESTORIL** — S. João — Quinta da Carreira, 29-A. Tel. 261186; Até às 21 horas; **AMOREIRA** — Amoreira — Tel. 262313 e 267314; Até às 22 horas; **CASCAIS** — Nova — Est. de Alvide — Fontainhas Tel. 281044; Até às 21 horas; **Marginal** — Av. Marginal Tel. 280078; Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA — Helena — R. Elias Garcia, 2. Tel. 933613; Permanente; **Gil-Rosol** — R. Elias Garcia, 17-C. Tel. 974161; Até às 22 horas; **DAMAIA** — Confiança — Estr. Militar, lote D. Tel. 9710231; **QUELUZ** — Correia — L. do Mercado, 3. Tel. 950906; **CAMARATE** — Batalha — R. Avelino S. Oliv.º, 6. Tel. 2518669; **CACÉM** — Guerra Rico — Entre Lotes, 6 e 7 — Freixo Capitão Tel. 2944002; **MEM MARTINS** — Miranda Garcia — Est. de Mem Martins, 173-B. Tel. 2914103; Permanente; **AGUALVA** — CACÉM — Mira Sintra — P. N. Torre, 310 — Até às 20 horas; **MERCES** — Claro Russo — Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Mont.º Torres, 8. Tel. 2960194; Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim — Tel. 980456; Permanente; **COLARES** — Abreja — Tel. 299088

Porto

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380 — Foz. Tel. 680127; **ALRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 430593; **MAGALHÃES** — Rua de Serralves, 566. Tel. 63561; **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148. Tel. 490889; **CORREIA** — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869; **CORUEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473. Tel. 551928; **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106. Tel. 311965; **LUSO FRANCE-SA** — Rua Sá da Bandeira, 140. Tel. 26134

(De dia e só até às 22 horas)

LAPA — Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697; **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348. Tel. 23420; **CENTRAL** — Rua de Santo António, 203. Tel. 21684

Coimbra

FERRAZ — Rua do Brasil, 70. Tel. 71326; **MACHADO** — Rua Bernardo de Albuquerque Tel. 23767

ALVALADE

Av. de Roma

As 15.15, 18.15 e 21.30
VIVA KNEVEL
Com Evel Knievel, Gene Kelly, Lauren Hutton, Red Buttons
Colorido — Não acons. men. 13 anos

APOLLO

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
A obra prima do cinema alegre!
HA FESTA NA ALDEIA
um filme de Jacques Tati
Para todos
Hoje às 23.30 horas (6 anos)
A Música em Cinema
KAZABLAN
De Menahem Golan

AVIS

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
VIVA KNEVEL
Evel Knievel joga os seus nervos de aço e as suas rodas num desafio impossível!

BERNA

Av. Marquês de Tomar

Hoje às 15.00, 18.00 e 21.15h
Peter O'Toole, George C. Scott, Richard Harris em
A BIBLIA
um filme de John Huston
Technicolor
Não acons. men. 13 anos — 70m/m

CALEIDOSCÓPIO

Campo Grande

Sessões às 14.00, 17.30 e 21.00h
DOCTOR JIVAGO
Omar Sharif, Geraldine Chaplin, Julie Christie
um filme de David Lean
Technicolor
Não acons. men. 13 anos

CASTIL

Rua Castilho

15.30, 18.30, 21.30
Uma comédia alucinante de Peter Bogdanovich, com Barbara Streisand e Ryan O'Neal
QUE SE PASSA DOCTOR?
(What's up, doc)
Não acons. men. 13 anos
Agora em versão integral

CINEBOLSO

Rua Actor Taborda, 27-B

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
As doces fénas de uma inocente jovem de 16 anos
FELICIA
Interdito a menores de 18 anos
As 24 horas. Não acons. men. 18 anos
REVÓLVER
Com Oliver Reed e Fabio Testi

CINE CITY

Rua Tomas Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
Divertimento total!
O GOSTO DA AVENTURA
Michel Piccoli, Sylvia Kristel e Gerard Depardieu
As 23.45. Encontro — (18 anos)
O FANTASMA DO PARAISO
De Brian de Palma

CONDES

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30h
ADEUS AMIGO
com Bronson-Delon
Int. men. 13 anos

DOIS MIL

Av. Bombeiros Voluntários

Lote 113 — Alges
As 15.30 e 21.30
Interdito men. 18 anos
AS SERPENTES DO MAL

D. JOÃO V

Praça Centro Comercial — Damaia

As 21.15 horas
Não acons. men. 13 anos
OURO DE MACKENNA

EDEN

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30h
AS AVENTURAS BREJEIRAS DE TOM JONES
um filme de Cliff Owen — Technicolor
Não acons. men. 18 anos

ESTUDIO

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. de 18 anos
O assassino é a sua religião
É tudo o que verá e a realidade!
O CASO SHARON TATE

ESTUDIO 444

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30
A NOITE DE IGUANA
Um filme de John Huston baseado no célebre romance de Tennessee Williams
Com: Richard Burton, Ava Gardner
Filme de qualidade
Comis. Classif. Espectáculos
Não acons. menores 13 anos

EUROPA

R. Almeida — Sousa, 35

As 21 horas — Grupo B-10 anos
Um dos mais espetaculares filmes!
A Queda do Império Romano
Com Stephen Boyd, Sophia Loren, Omar Sharif e James Mason
As 15.15 h. Últimas (Para todos)
O GRANDE RESTAURANTE

IMPERIO

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia às 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
Bekim Fehmi, Curd Jürgens, Rossana Schiaffino em
CAGLIOSTRO
um filme de Daniele Pattinani

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
Jane Fonda, Vanessa Redgrave e Jason Robards
14.ª Semana
Galardoado com 3 Oscars e 2 Globos de Ouro
JULIA
Real. Fred Zinnemann

MONUMENTAL

P. Duque de Saldanha

As 15, 18.15 e 21.30 horas
SINBAD E O OLHO DO TIGRE
Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL

R. Martens Ferrao, 12-A

15 e 21 horas
7.ª semana
CLEOPATRA
em 70 m/m
Elizabeth Taylor, Richard Burton, Rex Harrison
Não acons. m. 18 anos
O filme começa a projectar-se logo após o início das sessões

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

15, 18 e 21.15 horas
NASHVILLE
de Robert Altman
Int. menores de 13 anos

NOVOCINE

Av. General Rôçadas, 7

Hoje às 15.15 e 21.45 horas
Um Cocktail de relações em delírio!
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Com Karin Weill e Robert Wood
Não acons. men. 18 anos

ODEON

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.15 h
Não acons. men. 13 anos
DUAS ALMAS — DOIS DESTINOS
Com Ramesh Khanna
Amritabh Bachchan, e Rekha
(filme projectado no início da sessão)

OLYMPIA

Rua Condes, 11 a 23

Sessões contínuas a partir das 14.00 horas
LOUCURA SEXUAL
Com Sandra Julien
Interdito a menores de 18 anos
Contem cenas event. chocantes

PATHE

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Sathana, Sanjay, Balraj Sahni em
O FILHO DO PECADO
um filme de Devendra Goel
Eastmancolor
Não acons. m. 13 anos

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão

As 15.15, 16.30, 19 e 21.30 horas
O VINGADOR SOU EU
C. Robert Wood
Não acons. men. 18 anos

QUARTETO

R. Flores do Lima, 16

SALA 1 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23 horas
N. ac. m. 18 anos
BONNIE E CLYDE
SALA 2 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 horas
Int. men. 18 anos
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Real. Gilles Carle
SALA 3 — As 15.17, 19, 21 e 23 h
OH, SERAFINA!
N. ac. men. 18 anos
SALA 4 — As 15.17, 19, 21 e 23 h
CONTOS MORAIS
Int. men. 18 anos

RESTELO

Av. Torre de Belém

As 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
O grande classico da aventura!
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
Com Richard Widmark, Henry Fonda, Anthony Quinn e Dorothy Malone

ROMA

Av. de Roma, Lote JRB

As 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos — M/6 anos
O SOBE E DESCE
Com Cantinflas
Um poema de hilaridade constante!

ROXY

Av. Almirante Reis, 20

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 horas
OS MAIS SELVAGENS DO OESTE
Com Lee Marvin e Charles Bronson
Int. men. 13 anos

SÃO JORGE

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª semana
Spencer Tracy e Mickey Rooney
O MUNDO MALUCO
A Comédia louca de Stanley Kramer
Grupo B — 10 anos

SATÉLITE

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

15, 17, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
com Ulla Jacobsson e Harnet Andersson
N. B. — Projectação do filme cinco minutos após o início do espectáculo

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

3.ª semana
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
Uma comédia deliciosa
O GOSTO PELA AVENTURA
Michel Piccoli, Sylvia Kristel e Gerard Depardieu

TERMINAL (CINE-ESTUDIO)

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
12.ª semana
NÃO HA DOIS SEM TRÊS
9.ª semana
Richard Dreyfuss
Não acons. men. 13 anos

TIVOLI

Av. da Liberdade, 188

Sessões às 15.15 e 21.00 horas
OS DEZ MANDAMENTOS
Charlton Heston, Yul Brynner, Anne Baxter
um filme de Cecil B. De Mille
Technicolor — Grupo B (10 anos)

VOX

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 679

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
O SUCESSO
Com Vittorio Gassman
Int. men. 13 anos

PALÁCIO FOZ

P. Restauradores

Ciclo "Juventude Juventude", 2.ª série
OS HOMENS DE AMANHA
Realização de Stanley Kramer
Para maiores de 18 anos
As 15.15, 18.15 e 21.15 horas
Iniciativa da Direcção Geral da Acção Cultural

OUTROS CINEMAS

Lisboa

ABC — «Põe-te na Bicha», 20.30 e 22.45 (18 anos)
S. LUIS — «Jesus Cristo em Lisboa», às 21.15 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA — «Porta Fechada», às 21.30 (13 anos)
TEATRO A CENTELHA — «Quatro Dias de Viagem», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO — «O Caso da Mãozinha Misteriosa», às 21.45 (13 anos)
BARRACA — «Ze do Telhado», às 20.30 e 22.30 (13 anos)
TRINDADE — Os Comicos «O Eden Cinema», às 21.30 (18 anos)

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITOLIO — «Marilyn e o Senador», às 19, 21 e 23 (18 anos)
CINEARTE — «O Fugitivo da Ilha do Diabo», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR — «Algemas do Passado», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «A Mulher e o Amor», às 21.15 (18 anos)
PARIS — «Viagem ao Inferno», às 21.30 (18 anos)
ROYAL — «Vale Tudo. Até Isso», às 21.30 (18 anos)
JARDIM — «A Dama do Prazer», às 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

PARADE — Royal Cine — «A Ensanguentada Nova de Dracula», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL

Palácio — «A Pantera Volta a Atacar», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL — Casino — «Malucos a Solta», às 17 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS — Impala — «Vendedor de Sonhos», às 21.30 (6 anos)
CASCAIS — S.

RENAISSANCE GRAPHICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-1-1
TELEFONES 654531-2/3
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3
320228, 327181/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21h)
PORTEIRO 321154 PUBLICIDADE 360740
MENSAGENS GRAVADAS 320228
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBDA, TELEX 12363
LISBOA - PORTUGAL

AMANHÃ EM ALGÉS Eugénio Rosa fala de Economia

O economista Eugénio Rosa estará amanhã à noite nas instalações da Comissão de Moradores do Bairro de Santos Martas, em Algés, para falar da actual situação económica portuguesa. A sessão é uma iniciativa da Cooperativa União de Algés, que assim assinala a passagem do 16.º aniversário da sua criação.

Deputados socialistas em Londres

Esta manhã os deputados socialistas Salgado Zenha, Manuel Tito de Morais e Manuel Alegre, que na capital britânica vão participar na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. Salgado Zenha e Manuel Alegre, respectivamente presidente e vice-presidente do Grupo parlamentar socialista na AR, são membros efectivos da Comissão Política do Conselho da Europa, enquanto que Manuel Tito de Morais, vice-presidente da Assembleia da República, faz parte daquela Comissão como membro suplente. O regresso dos três deputados deve verificar-se no próximo dia 7.

Dia da Marinha no próximo sábado

Com a realização de diversas cerimónias, entre as quais se destaca um desfile militar na Praça do Império, em Belém, seguido por uma alocução do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Souto Cruz, comemora-se no próximo sábado o Dia da Marinha, aniversário da partida de Vasco da Gama para a Índia. Nesse dia vários navios serão abertos ao público, bem assim como o planetário «Calouste Gulbenkian» e o Aquário Vasco da Gama, onde decorrerão sessões de divulgação. Pelas 22 horas, a banda da Armada dará um concerto junto ao Museu da Marinha, em Belém.

BULGÁRIA
VIAGENS DE TURISMO
COM VISITAS SOCIAIS
partidas a 10/7, 7e 21/8
4/9 (Festa Nac.) e 2/11 (Comemorações do 7 de Novembro)
SOFIA e outras cidades
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições
das 10 às 19,30h na
ASSOCIAÇÃO
PORTUGAL-BULGÁRIA
R. S. NICOLAU, 119-2 LISBOA-TELEF. 323963
ORGANIZAÇÃO DA **MUNDIRAMA**

Medalha de Ouro de Almada para Romeu Correia

Na Incrível Almadense o escritor Romeu Correia, autor do recentemente publicado «Levantamento Cultural» do concelho, recebeu ontem das mãos do

dora do sector de Cultura e Desporto, dos presidentes de Juntas de Freguesia e muitos amigos. «Procurei fazer um levantamento cultural das pessoas



Medalha de ouro para o autor de «O Vagabundo das Mãos de Ouro»

presidente da Câmara Municipal, José Martins Vieira, a medalha de ouro da cidade de Almada. Com o galardão estavam na mesa representantes das Assembleias Municipal e Popular, e bem assim do Secretariado das Colectividades, além da vereaa-

nascidas ou não aqui pela margem sul do Tejo e que se destacaram nas Artes, nas Letras, nas Ciências, no Jornalismo. Até meados do século passado os habitantes destas paragens eram poucos e viviam da agricultura. A proletarianização começa

com o «Entreposto», em finais do século. Unidades fabris corticeiras e moageiras atraem o campesinato, sobretudo o do Sul-Alentejo e Algarve. Os operários cedo se entendem com tanoeiros e calafates. Com a passagem do Arsenal da Marinha de Lisboa para o Alfeite, surge a indústria metalúrgica pesada. Aumenta a população operária, ao mesmo tempo que aumenta a sua consciência de classe. O isolamento provocado pelo rio, pelo estuário amplo, havia entretanto dado motivo ao largo movimento associativista. E em pleno fascismo, é de não esquecer que os operários corticeiros estiveram entre os que se levantaram em apoio dos seus camaradas vindreiros da Marinha Grande. Apesar da brutal repressão o operariado aqui da região de Almada esteve, e estará de certo, sempre na vanguarda da luta».

Estas são palavras soltas, desprendidas, de uma recente conversa com o autor de «O Vagabundo das Mãos de Ouro», ele próprio membro da Assembleia Municipal da sua cidade, escritor desportista, funcionário bancário que preferiu a reforma porque «gostava mais de andar na corrança, sempre era o ar mais livre, do que ficar amarrado a uma secretária».

Alargamento da CEE divide políticos em França

O alargamento da Comunidade Económica Europeia provocou uma nova clivagem na vida política francesa entre «gaullistas» de Jacques Chirac, dos que apoiam a acção do Presidente da República e também comunistas e socialistas. Giscard d'Estaing deverá receber, ainda hoje, os dirigentes dos partidos da maioria e amanhã os do Partido Comunista e do Partido Socialista, isto a alguns dias do encontro de Bremen (6/7 de Julho) e de Bona (16-17 de Julho). Mas as posições de cada um já são conhecidas. Para o presidente da República, a entrada da Espanha no Mercado Comum é um assunto resolvido pelo Governo em sentido favorável. Tal não é a opinião de Jacques Chirac que qualifica de «erro crucial» um alar-

gamento da CEE e que se preocupa com «a invasão da França pelas produções de fruta, de vinhos, de legumes... provenientes de Espanha. O desacordo é portanto bastante nítido entre as duas «tendências» da maioria, que também estão em conflito sobre outros temas, tais como a eleição do Parlamento Europeu e sobre outras questões económicas e sociais. Por seu turno, comunistas e socialistas, empenhados há já alguns meses, num conflito doutrinal exacerbado pelo fracasso eleitoral do mês de Março - cada um rejeitando sobre o outro as responsabilidades encontradas, quanto à Europa, em posições radicalmente diversas. Para o PCF, não se trata de aceitar a entrada da Espanha na comunidade, nem a de Portugal

nem a da Grécia. Segundo este partido, uma tal decisão «teria consequências desastrosas para a França». É o que vai dizer Robert Ballanger, presidente do grupo comunista na Assembleia Nacional, ao chefe de Estado. Além disso, os comunistas interrogam-se sobre a utilidade de tais encontros no Eliseu. Alguns dos seus dirigentes, nos últimos dias, falaram de «conversas de salão» salientando que as propostas feitas por Georges Marchais, secretário geral do PCF, logo a seguir às eleições de Março, quando foi recebido por Giscard d'Estaing, não tinham recebido qualquer seguimento concreto. Aliás, o secretário-geral do PCF, que se encontra em férias na Roménia, não interrompeu a sua viagem para responder ao convite.

«Mação Democrático» anima a sua região

O jornal «Mação Democrático» (da localidade de Mação, Beira Baixa, próximo de Abrantes) está a levar a cabo algumas iniciativas de animação cultural em Mação e pensa desenvolver no mês de Setembro aquilo a que chamou o I Festival do Diapositivo Rural. Pegando neste poderoso meio de animação que é fazer «slides», pensam abrir à escala nacional um concurso sobre dois temas rurais: um seria uma aná-

lise ao concelho a que chamaram «Mação - a terra, a gente e o futuro» e um segundo tema mais à escala nacional que seria «As vidas da vida nos campos». Dentro em breve sairão uns cartazes a anunciar estas iniciativas e os trabalhos deverão ser entregues até 15 de Agosto para a Rua do Adro, n.º 20, em Mação (esta é a morada da Redacção do jornal «Mação Democrático»). Foi pedido apoio à Secretaria de Estado da Cultura.

MOBÍLIAS USADAS
Vendo mobílias sala jantar e quartos, modernas, Rústicas, Quenn Anne, Século XVII, D. Maria, Inglês, estantes, roupeiros, etc.
Rua Luís Pinto Moutinho, 7, r/c esq.
(defronte Igreja dos Anjos)

3 tomes
COMO AS CEREJAS...
Há dias referimos aqui um exemplo da lista telefónica de Lisboa... das «informações» que se prestam ao público, como se não tivesse havido o 25 de Abril. Agora, um nosso leitor envia-nos fotocópias de

páginas da «Agenda Fermus» para 1978, editada pela Papelaria Fernandes, onde, para nosso espanto, ainda referem como obrigações fiscais, para os portugueses, impostos tais como «Imposto de Defesa e Valorização do Ultramar», e ainda aludem a contribuições para «Organismos Corporativos».

O nosso leitor fala de «desconsideração» pelos utentes da agenda, de «ofensa», «descuido» e «desprezo absoluto» pela realidade democrática do nosso País. Sem dúvida e não só, diremos nós!

AAEE do Porto consideram «ridícula» a «Mini-Queima»

PORTO, 4 - Terminada já em 1971, na sequência de uma longa e vitoriosa luta que levou muitos estudantes a tribunal por boicotarem sucessivamente uns «festes» onde o ridículo e a falta de imaginação dava uma triste ideia das verdadeiras preocupações da grande massa estudantil da cidade, as chamadas «queima das fitas» têm vindo a ser tentadas este ano por alguns grupos de estudantes do Porto.

Na passada sexta-feira foi a vez de uma «serenata» que não chegou a ser, não só porque a aparelhagem sonora proporcionou fartos motivos de riso, à mistura com ovos com que outros estudantes brindaram os saudosos das capas, batinas, cartolas e bengalas, mas também porque as corridas dos piquetes da PSP pelas ruas das zonas da Sé, em perseguição dos estudantes, fez daquilo tudo um burburinho em que a própria serenata, como diria um nosso colega nortenho, acabou «na melhor... desordem». Depois foi uma sessão no Coliseu, com algumas capas e cartolas, que um comunicado da RIA, do Ensino Médio e Superior do Porto disse não ser apenas uma manifestação, como antigamente, de «mediocridade, exibicionismo ou estreiteza de vistas» mas uma parte dum movimento «organizado com claras implicações fascistas» a par de um semanário de direita a fazer a

apologia da restauração da «praxe». Para hoje está previsto um «cortejo».

Em nota de Imprensa distribuída ontem, as associações de estudantes denunciavam estas iniciativas feitas «sob a égide de pequenos sectores dos mais retrógrados das Faculdades de Medicina e Letras (elementos afectos ao MIRN, CDS e PPD) e acrescentam não aceitarem que a pretexto da legítima alegria do terminar do curso «se tente dar à opinião pública uma imagem distorcida e falsa dos estudantes universitários como vaidosos, exibicionistas, membros superiores de uma elite ou de uma corporação cultural, ou então de bêbados irresponsáveis com os olhos fechados para a realidade nacional».

Referindo que em RGA de Letras e Farmácia os estudantes daquelas faculdades se desvincularam e condenaram esta chamada «mini-queima» e que em Medicina nem sequer houve RGA para decidir do apoio a tais saudosismos, a nota da RIA do Ensino Médio e Superior termina: «É por isso que não admitiremos que esses colegas das fitas falem em nome das maiorias como têm feito em entrevistas oficiais e que queiram denegrir a nossa academia com serenatas ou cortejos com o sabor amargo dos tempos idos».



Emigrantes portugueses radicados na República Federal Alemã prestaram esta manhã no cemitério do Alto S. João, uma homenagem aos antifascistas mortos no Tarrafal. Uma lápide de bronze, entregue pelos emigrantes assinala, a partir de agora, o facto

(Hoje 28 páginas)

U.R.S.S.
VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS - 1 SEMANA
Partidas incluindo MOSCOVO e Jul. 18 KIEV-VOLGOGRADO
25 KIEV
Ago. 1 TALLIN-LENINEGRADO
8 ODESSA-KIEV
15 LENINEGRADO
22 LENINEGRADO-KIEV
22 KIEV
29 LENINEGRADO-KIEV
Set. 5 LENINEGRADO
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das 15 às 20h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-U.R.S.S.
R. S. CAETANO, 30-TELEF. 801099-801199-801124
ORGANIZAÇÃO DA **MUNDIRAMA**

ROMÉNIA
espera por si...

pensamentos viagens em 1978

CIRCUITO DO IMPERADOR TRAJANO
OS MOSTEIROS DA MOLDAVIA
PRAIAS DO MAR NEGRO E BUCARESTE
CIRCUITO DA ROMÉNIA - BULGÁRIA
TRATAMENTOS GERIÁTRICOS

1 ou 2 SEMANAS
PENSÃO COMPLETA
partidas todos os Domingos de Junho a Outubro

5 ALTERNATIVAS
A MESMA QUALIDADE

EUROPE
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. da Liberdade 233 - LISBOA - Tel. 536121
Rua Rosa Araújo 19 - LISBOA - Tel. 561141
Av. Tomas Cabreira - VVenda Santa Ana
Praça da Rocha - ALGARVE - Tel. 23377
membro WATA em Portugal

Cerca de mil contos roubados numa ourivesaria

PORTO, 4 - Segundo o relato do proprietário da ourivesaria «Viões», sita na Rua de Costa Cabral, 10, sr. Ilídio Nogueira Pimenta, o roubo ali praticado, na madrugada de ontem, está calculado em cerca de mil contos, em objectos em prata.

Os assaltantes penetraram no estabelecimento por meio de um buraco que abriram no primeiro andar onde está instalada uma casa de móveis. Neste estabelecimento, os assaltantes arrombaram ainda um cofre, donde furtaram cerca de 8000 escudos.

Basílio Horta visita a Torralta

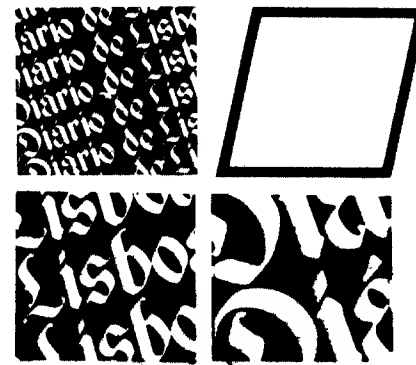
O ministro do Comércio e Turismo, Basílio Horta, visita hoje à tarde as instalações da Torralta em Tróia. É acompanhado pelo secretário de Estado do Turismo, Baltasar Gonçalves.

De manhã Baltasar Gonçalves visitou a Pousada de Palmela antes de empossar o presidente da Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida.

Maio de 68 — O que significou?

Ecuador — A revolta de um índio educado nos EUA

Peru — O balanço das eleições



A VIOLÊNCIA DO REGIME DE PINOCHET

CONFISSÕES DE UM AGENTE DA DINA ANTES DE SER MORTO

Todas as ditaduras fascistas de que se tem notícia cometeram o mesmo erro de cálculo: fortes, acreditaram que seriam eternas e que as barbaridades praticadas jamais seriam descobertas.

A um passo do fim, poucos dias antes de passar definitivamente ao caixote do lixo da História, a Junta Militar chilena, presidida por um facinoroso chamado Augusto Pinochet Ugarte general, cerra os dentes ponteados e, já impotente, vê o mundo tomar conhecimento de mais um dos «segredos» que pensou guardar para sempre. Juan René Muñoz Alarcón falou antes de morrer.

Quem é Juan René Muñoz Alarcón?

Poucos dias depois do golpe de 11 de Setembro, os presos do Estádio Nacional tremiam de pavor ao ver chegar «o encapuçado». Este, acompanhado por soldados, limitava-se a apontar as pessoas. Aquelas, para as quais o seu indicador se virava, nunca mais eram vistas. Por trás do capuz estava um ex-militante socialista, que havia pertencido à direcção do Partido e ao Comité Central da Juventude

Socialista. Agora, no verdadeiro campo de concentração em que o Estádio Nacional de Santiago estava convertido, denunciava os seus ex-camaradas e a sua indicação equivalia a uma sentença de morte.

Manchado pelo sangue daqueles que denunciou, Muñoz Alarcón passou a fazer parte da DINA, o monstro tentacular que Pinochet criou para policiar o seu regime. Este sangue colou-se-lhe ao corpo, queimou-lhe a carne, roeu-lhe os ossos e sufocou-lhe a consciência. Dizendo-se arrependido e

tendo já o conhecimento de que a sua vida mais nada valia, em Outubro do ano passado procurou a «Vicaria de La Solidariedad», organização católica que luta pelos verdadeiros Direitos Humanos no Chile e contou tudo o que tinha feito e sabia. Pouco depois, como previra, apareceu morto num terreno baldio, com 15 punhaladas.

No passado dia 19 de Junho, a ANOP transmitia um telegrama procedente de Santiago do Chile, no qual dava conta de que a Justiça chilena havia «arquivado» o processo aberto sobre o assassinio

de Alarcón. O juiz-instrutor Osvaldo Faundez, declarou-se incompetente para avançar no caso, apesar do cadáver ter sido encontrado com visíveis marcas de tortura e queimaduras de cigarro. O assunto então passava as mãos das autoridades militares. Esta decisão serviu ainda, como mais uma prova das intenções da «amnistia» com que Pinochet pretendeu iludir os incautos. Até agora só foram «amnistiados» polícias e «órgãos de segurança» da ditadura, envolvidos em violências contra presos e perseguidos políticos.

Aqui está, na íntegra, a confissão de Juan René Muñoz Alarcón, gravada com a sua permissão durante a entrevista que manteve com a «Vicaria de La Solidariedad». Morte, prisões, campos de concentração, nazis, câmaras de tortura, métodos para produzir «desaparecidos», tudo foi revelado.

Se esta sua tentativa de se limpar do sangue que derramou e que fez derramar não o absolve, pelo menos fornece mais alguns dados para serem utilizados no julgamento de uma Junta Militar que esmagou um país sob o tacão da sua bota.

A fita gravada com a confissão de Juan René Muñoz Alarcón pertence, por vontade da «Vicaria de La Solidariedad», à Resistência Chilena. A sua versão integral foi obtida pelo «Exclusivo» com a colaboração da agência Novosti.

LER NAS PÁGINAS
CENTRAIS



MAIO MAS... MAS MAIO...

1 — A ESFINGE

Edgar Morin

LE MONDE

Evocou-se Maio 68 como se se tratasse de um acontecimento claro e evidente no seu significado ou na sua insignificância. Ideólogos, estudiosos da política, sociólogos, inclinaram-se logo em Junho de 68 sobre o cadáver e eliminaram o essencial: a surpresa que causou a toda a gente actores e espectadores a incongruência que apresentava, em relação às teorias e às doutrinas da nossa sociedade. Eliminaram o enigma de uma Comuna de Paris não proletária mas estudantil, de um movimento gigantesco que paralisou subitamente o Estado, de uma luta de classes em que os filhos da burguesia arrastam consigo a classe operária, de um fenómeno político total que se jogou fora dos quadros políticos.

Depois, muito rapidamente, sob o fluxo dos estudos necrófagos, houve a saturação de Maio. Como tudo voltasse à ordem, Maio foi afastado esquecido. Dez anos depois ele-lo que ressuscita graças ao número decimal. E parece emergir de um passado abolido, sob a forma de múmia ou de momie.

Maio 68 surgiu no fundo internacional das revoltas estudantis de 67-68: uma onda de choque varre o planeta em todos os sentidos, agita as universidades nos Estados Unidos, na Alemanha, na Polónia, no próximo Oriente, na América Latina. Mas, em todos esses países, as revoltas limitam-se a ser estudantis sem contaminar a sociedade. Em França e só em França, e que a revolta estudantil se torna amplamente juvenil, arrastando consigo alunos de liceu, jovens operários, agitando a «intelligentsia», arrastando o mundo do trabalho numa grande greve geral, paralisando o Estado durante um mês.

Em suma, o Maio 68 francês distingue-se pelo seu carácter de deflagração social generalizada, e isto numa sociedade que nenhuma crise económica ou política agitava.

Mas este acontecimento enorme é reabsorvido num mês, e, no fim de Junho desaparece, limitando-se a deixar alguns resíduos nas seitas trotskistas e maoístas. A ordem social estava restabelecida. A vida política normal, restaurada antes do Verão. No Outono, a economia (que os peritos julgavam exangue) está boa. O país voltou ao trabalho, ao descanso, à produção, ao consumo.

O que é preciso, pois, compreender é a enormidade e a insignificância de Maio 68. Mas para tal temos de ressuscitar o seu carácter acontecimento-esfinge.

A GRANDE FESTA

Maio foi ao mesmo tempo totalmente político e totalmente lúdico. Foi um conflito violento, com batalhas, barricadas, árvores arrancadas, carros incendiados, matracas, tiros lacrimogéneos. E no entanto durante as rudes batalhas parisienses de Maio não houve tiros. Embora o combate se desse aos gritos infantis e raivosos de «CRS-SS», nenhum exaltado nenhum provocador, nenhum fanático fez o gesto que podia desencadear o morticínio. E de crer que essa formidável excitação colectiva trazia em si a recusa da morte. E essa recusa está certa com o outro aspecto de Maio: uma explosão de alegria, uma abertura à comunicação, uma fraternidade generalizada. De facto, a violência conflitual e a não violência fraternal de Maio são indissociáveis até ao endurecimento e ao azedume dos últimos dias.

Só se considerou significativa um dos dois componentes. Para uns, a verdade de Maio está na sua



agressividade e trata-se de encontrar e organizar essa agressividade para a tornar na verdade «revolucionária». Para outros, intelectuais aos olhos de quem a autenticidade das revoluções se mede pelo sangue vertido, Maio 68 não foi mais do que um banzé estudantil indigno de entrar no grande matadouro da história. Ora, se reflectirmos no caso, a violência de Maio foi fecunda não por instituir a sua lei, mas por destruir a lei universitária, social e política, abrindo as portas à grande festa.

Este aspecto de festa é (tanto para o pensamento tecnocrata como para o pensamento marxista-leninista), agora irremediável que revela a falta de seriedade política. Mas a festa foi a consequência quase automática da justeza da fronda de David que marcou o Estado na frente.

Desde então a tetanização da autoridade, a paralisia do super-ego, libertavam de súbito o que era inibido e reprimido. As férias do poder de Estado desencadearam as férias grandes de toda a sociedade e esta encontrou-se em greve. Tudo o que funcionava «normalmente», legalmente, institucionalmente, parou, e então surgiram as palavras, não só dos anti-teatros, mas da rua, das oficinas, dos escritórios. Tudo aquilo que não falava pôs-se a falar e, através das barricadas e do fumo, a alegria e a festa desceram sobre Paris.

Durante as primeiras semanas, os consultórios médicos esvaziaram-se: os ansiosos, os biliosos, os que sofriam de enxaquecas, estavam subitamente curados. Claro que os campos e as pequenas cidades mostravam-se inquietos. Mas Paris esteve em festa durante as duas primeiras semanas. Depois, lentamente, a acumulação do lixo nos passeios, a falta de gasolina, depois a dos alimentos, começaram a inquietar as pessoas. A atmosfera mostrou-se preocupada. O discurso do grande catalizador transformou de súbito, essa angústia difusa em energia de recusa. A partir daí a ordem estava restabelecida, o super-ego restaurado, e, de novo, as úlceras, as dores de cabeça, o eczema a fa-

liga, a irritabilidade afluiram às salas de espera dos consultórios.

A festa de Maio era muito mais do que um divertimento: ela era como que o aparecimento de uma necessidade de existência até

zado por Cohn-Bendit. Ela provém desse espontaneísmo falador, alegre, agressivo, inocente, excitado, audacioso.

De facto, a animação, a verdadeira «alma» de Maio 68 está no

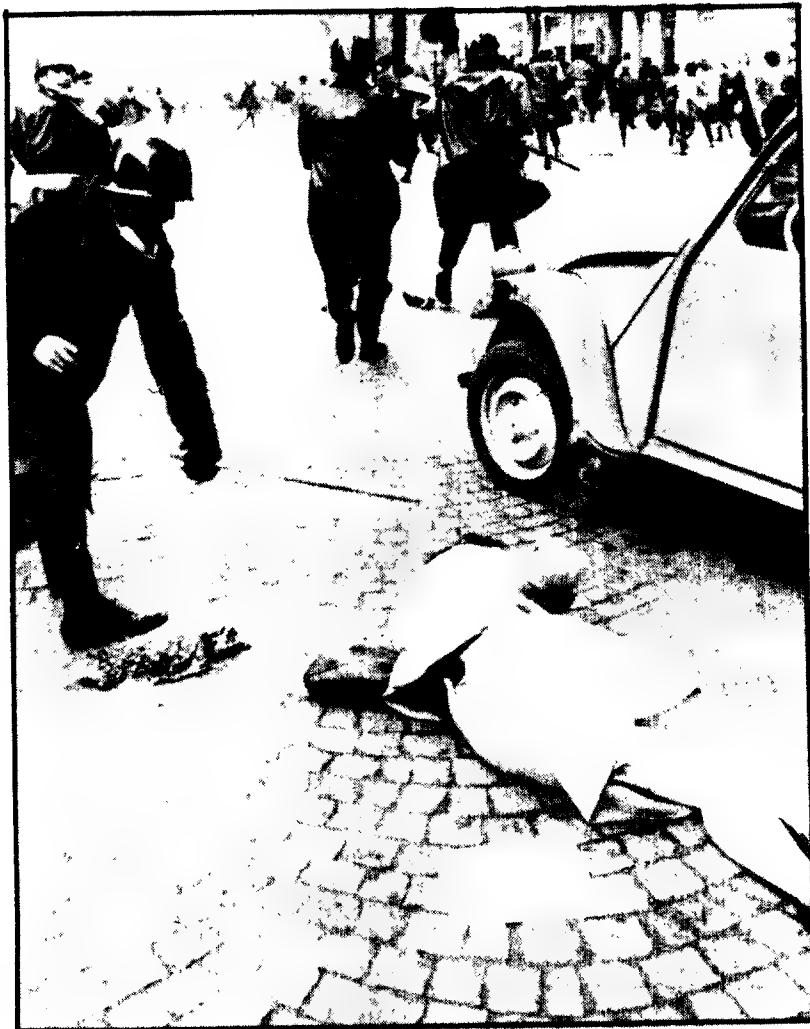


então sufocada na sociedade normal e por ela própria, pela política normal. Mas, ao mesmo tempo, Maio foi plenamente político.

Com efeito os grupúsculos microscópicos que desencadearam o movimento em Nanterre e o animaram ao longo de Maio eram todos eles movidos por uma vontade e uma recusa políticas. Eles constituíam um autêntico microcosmo que reunia em caldo de cultura as variantes múltiplas e antagónicas da ideia socialista, desde a libertária à disciplina. A primeira consequência do Maio, e durável, foi fazer passar este poliesquerdismo, do seu estado microscópico, invisível, a olho político, para o estado macroscópico, agora observável na rua, na oficina, e, claro, está, nos salões. O que é notável é que as correntes heterogêneas e antagonistas do liberalismo, do trotskismo, do maoísmo, do situacionismo, estão então em simbiose. Mas a dinâmica, essa vem de 22 de Março, do neoliberalismo simbólico

carácter metamarxista, metapartidário dos inspirados de 22 de Março. Em todo o caso, na «mayonnaise» de Maio, o marxismo está «em suspenso», e os micro-aparelhos leninistas e maoístas estão activos. Há complementaridade entre os antagonistas potenciais que são os neoliberalistas, os maos, os trotskistas. E é esse o grande equívoco político de Maio: a unidade real de antagonismos não menos reais.

Logo que Maio se desintegra, o fluxo libertário, espontaneísta, também se desintegra e só subsistem os centros mais duros: o aparelho trotskista e o mito maoísta. O que se desintegra no primeiro refluxo é a originalidade poética, lúdica sincrética de Maio, a sua infinita aspiração a outra vida, a sua abertura. O que se mantém são as estruturas mitológicas e fontes da doutrina de Mao. Então os sobreviventes organizados de Maio, todos



Balanço das eleições no Peru

□ PRENSA LATINA

O prestígio crescente do Socialismo como opção política é a mais notável revelação das eleições para a Assembleia Constituinte peruana, realizadas no passado dia 18.

Embora as sondagens efectuadas por técnicos especializados de uma empresa privada, em 10 por cento dos 29.000 círculos eleitorais, tenham dado à esquerda pelo menos 30 por cento, dos votos, outras indicações permitem prever que esse índice se eleve a mais de 35 por cento.

Em qualquer caso, a APRA, o social-democrata partido vencedor, insistiu durante uma bem montada campanha na sua filiação à esquerda, o que lhe permitiu obter um terço das preferências eleitorais.

Por seu lado, o Partido Popular Cristão, de direita, conseguiu 25 por cento dos sufrágios válidos, enquanto que outras organizações, também partidárias do capitalismo e da propriedade privada empresarial, desapare-

ceram praticamente do espectro eleitoral peruano.

Entretanto, enquanto se aguardam os resultados da recagem oficial dos votos, pode contribuir-se para uma melhor análise do eleitorado se nos detivermos nas seguintes premissas:

Em primeiro lugar, estiveram oficialmente marginalizados do acto eleitoral 1.500.000 analfabetos, predominantemente camponeses, cujas ancestrais lutas pela terra lhes proporcionaram alta consciência política.

A propósito, comentou-se em muitos círculos que o não reconhecimento do direito de voto a esses camponeses foi uma concessão às pressões exercidas por velhos políticos da APRA e da extrema direita.

Por outro lado, as últimas três semanas de campanha eleitoral estiveram vedadas sobretudo aos partidos sem recursos económicos (todos os da esquerda), que sofreram deportações dos seus principais dirigentes, bem como perseguições e detenções de muitos militantes.

Mas apesar destas difíceis condições, a força da esquerda

surpreende actualmente todos os dirigentes políticos «moderados e de direita», a maioria dos quais reconheceu publicamente esse facto.

Finalmente, por outra parte, na sequência da formação da Assembleia Constituinte, no próximo dia 28 de Julho, vão ficar confrontadas três correntes políticas definidas: o bloco de esquerda, em igualdade numérica ou ligeiramente superior ao «populista» e eclético APRA, e o bloco minoritário de direita.

Entretanto, são já conhecidas intensas diligências desenvolvidas por destacados dirigentes «apristas», como o secretário-geral Armando Villanueva, que depois de proclamar o triunfo da esquerda, iniciou tentativas de aproximação com o FOCEP, o mais votado dos grupos da esquerda, e terceiro partido peruano.

Por seu lado, o dirigente do Partido Popular Cristão, Luis Bedoya, declarou-se pronto a actuar em conjunto com a APRA na elaboração da próxima Constituição, «em tudo o que não envolva divergências fundamentais».

QUATRO ANOS DE COOPERAÇÃO SOVIÉTICO-PORTUGUESA

□ NOVOSTI

O estabelecimento de relações diplomáticas entre a URSS e a República Portuguesa teve lugar em Junho de 1974.

Apesar de quatro anos ser um período relativamente curto, o balanço do que foi realmente feito no domínio da aproximação entre os dois países não pode deixar de se reconhecer certos êxitos alcançados nas relações políticas, comerciais e económicas, científicas e técnicas, culturais, turísticas e desportivas. Numa palavra, pode constatar-se um avanço notável, embora em diferentes graus, em todas as esferas.

O estabelecimento das relações diplomáticas soviético-portuguesas e o desenvolvimento de uma cooperação mutuamente vantajosa tornou-se possível depois da vitória da revolução de Abril de 1974, que derrubou o fascismo em Portugal. Em 9 de Junho do mesmo ano foi assinado o primeiro documento político elaborado por

ambas as partes.

No Outono de 1974 desloçou-se a Moscovo uma delegação chefiada por Álvaro Cunhal, ministro do governo provisório, que estabeleceu vários acordos de cooperação. Posteriormente, as relações aprofundaram-se e ampliaram-se, particularmente com as visitas de Mário Soares, no início de 1975, e de Melo Antunes, em 1976, que ocupavam, naqueles períodos, as pastas de Negócios Estrangeiros.

A visita oficial à URSS de Costa Gomes, Presidente da República Portuguesa, em Outubro de 1975, desempenhou um papel de relevo na consolidação das relações amistosas entre ambos os países. As conversações então realizadas foram concluídas com a assinatura de uma declaração conjunta soviético-portuguesa que determinou os princípios das relações mútuas entre Portugal e a União Soviética.

O intercâmbio comercial entre a URSS e Portugal tem aumentado gradualmente e atingiu, em 1977, cerca de 120 milhões de rublos (cada rublo vale

cerca de 64\$50).

Recorde-se que ainda há pouco tempo foram lançados à água, nos estaleiros de Viana do Castelo, dois navios do tipo «rio-man» encomendados pela União Soviética.

Já em 1978, realizaram-se sessões da comissão mista soviético-portuguesa para a cooperação económica e científico-técnica; da comissão mista de trabalho para as questões do comércio externo; foi assinado o protocolo sobre cooperação desportiva e encerraram-se as negociações para a preparação do acordo intergovernamental sobre as relações mútuas no sector da pesca.

O intercâmbio de delegações oficiais da Assembleia da República Portuguesa e do Soviète Supremo da URSS, realizado em 1976 - 1977, contribuiu igualmente, como reconheceram ambas as partes, para o estabelecimento de um ambiente de confiança entre os membros dos parlamentos dos dois países e, por conseguinte, entre os povos soviético e português.

A BOMBA NO PALÁCIO DE VERSAILLES



Uma dezena de salas foram destruídas ou danificadas em consequência de uma violenta explosão que, recentemente, provocou importantes prejuízos na ala sul do Palácio de Versailles. As peças que se observam nesta foto da Keystone pertenciam ao conjunto chamado «Do Consulado e do Império», há pouco inaugurado pelo presidente Giscard. O atentado foi reivindicado por numerosos grupos ditos «revolucionários», um dos quais explicava tratar-se da luta «contra a opressão do povo bretão».

FOTO
EXCLUSIVO



A lei das compensações? A necessidade de protecção? Seja como for, esta senhora liliputiana (com 99 centímetros de altura), tem sido vista com um seu amigo gigante de (1 metro e 99 centímetros de altura) a passear-se nas ruas de Hamburgo (Foto Keystone)



Na caravela «Santa Maria», fundeada no porto de Barcelona, Gunter Noris e a Grande Orquestra das Forças Armadas Germânicas, realizam um concerto para comemorar o 10.º aniversário das emissões da Rádio Marítimo em língua espanhola (Foto EFE)



A princesa Carolina do Mónaco e Philippe Junot, acabados de se casar, encontram-se presentemente a passar a «lua-de-mel» a bordo de um iate, «insignificante» oferta dos pais da noiva. Vidas... (Sipa Press)

A VIOLÊNCIA DO REG



Chamo-me Juan René Muñoz Alarcón, bilhete de identidade 4.824.557/9 de Santiago. Tenho 32 anos. Sou casado. Vivo em Sargento Menadier, 311, em Puente Alto, povoação Maipo.

Sou ex dirigente do Partido Socialista, membro do Comité Central da Juventude, ex-dirigente da CUT, e pertenci à Confederação Nacional de Trabalhadores do Cobre.

No ano de 1973 renunciei ao Partido Socialista. Sai porque não estava de acordo com algumas coisas. Fiz denúncias na imprensa, na TV e na Rádio. Isto aconteceu quatro ou cinco meses antes do golpe militar, o que significou ser perseguido pela gente do partido que estava acoçada. Queimaram até a minha casa e perdi a minha família. Neste tempo era casado e tinha seis filhos.

As pessoas de direita recolheram-me. Para ser mais exacto: Carlos Aston, que hoje é conselheiro do Chile na África do Sul. Esconderam-me, alimentaram-me, porque me encontraram praticamente nas últimas.

Logo veio o pronunciamento militar. Fui levado ao estádio nacional para reconhecer pessoas. Fiz isso voluntariamente e isso porque então tinha um espírito de «révanche» contra os que haviam sido meus antigos companheiros, por causa da perseguição de que havia sido objecto por parte deles.

Sou eu o «Encapuçado do Estádio Nacional».

Os serviços de segurança «encapuçaram-me» e me levaram às diferentes secções em que estavam os presos. Reconheci muitos deles. E sei que muitos morreram. Fui eu o responsável pela sua morte, apenas pelo facto de os haver reconhecido e de os ter acusado de serem meus ex-companheiros, seja como membros do Comité Central ou como membros do aparelho de segurança do partido.

Posteriormente foi-me pedido que, com alguns grupos de militares, saísse para as ruas para reconhecer gente pelas praças. Desgraçadamente houve o caso de Miguel Plaza. Hoje ele está vivo graças a mim. Não o quis reconhecer. Mas infelizmente existia uma fotografia na qual aparecíamos os dois e só pelo

facto de ter mentido estive preso três meses. Recebi o mesmo tratamento que os outros presos, ou seja, não se tomou em conta que eu já não pertencia ao partido e que não estava mais metido em coisa alguma.

Fui posto em liberdade com a condição de «cooperar».

Levaram-me à Colónia Dignidad, no interior de Parral, mais ou menos a uns 40 quilómetros. Aí funcionava o centro de treinamento da «inteligência» nacional, dirigido por alemães, nacionalizados chilenos. São antigos alemães que fugiram no fim da guerra, chegaram aqui jovens, alguns de ascendência judia e têm um verdadeiro regimento na Colónia Dignidad, onde há um hospital que tem todos os equipamentos que qualquer hospital de Santiago gostaria de ter, entre os quais aviões-ambulância, aviões-correio e até cárceres subterrâneos.

Aí fui preparado para fazer interrogatórios e executar tarefas de contra-informação. Explico-me: foi-me pedido que em in-

corporasse ao partido na clandestinidade e aparentasse ser um deles. Infelizmente, digo, afortunadamente, não pude fazer isso porque estava muito «queimado». Toda a gente sabia que eu havia saído do partido e isso não surtira efeito. Posteriormente foi-me dada a tarefa de caçar pessoas, interrogá-las, torturá-las e matá-las. O meu chefe directo, neste caso, era o actual director de Assuntos Cívicos da Junta do Governo, Alvaro Puga Cox, com o coordenador do Canal 9 da TV da U. de Chile, Jorge Shilling Rojas, estudante de Direito da Universidade. O

outro é chefe de pessoal do diário «El Cronista», de apelido Zalaquett. Outro mais é o chefe de área, coordenador nacional de Impostos Internos, Aníbal Maturana Contreras, familiar do general Contreras da DINA.

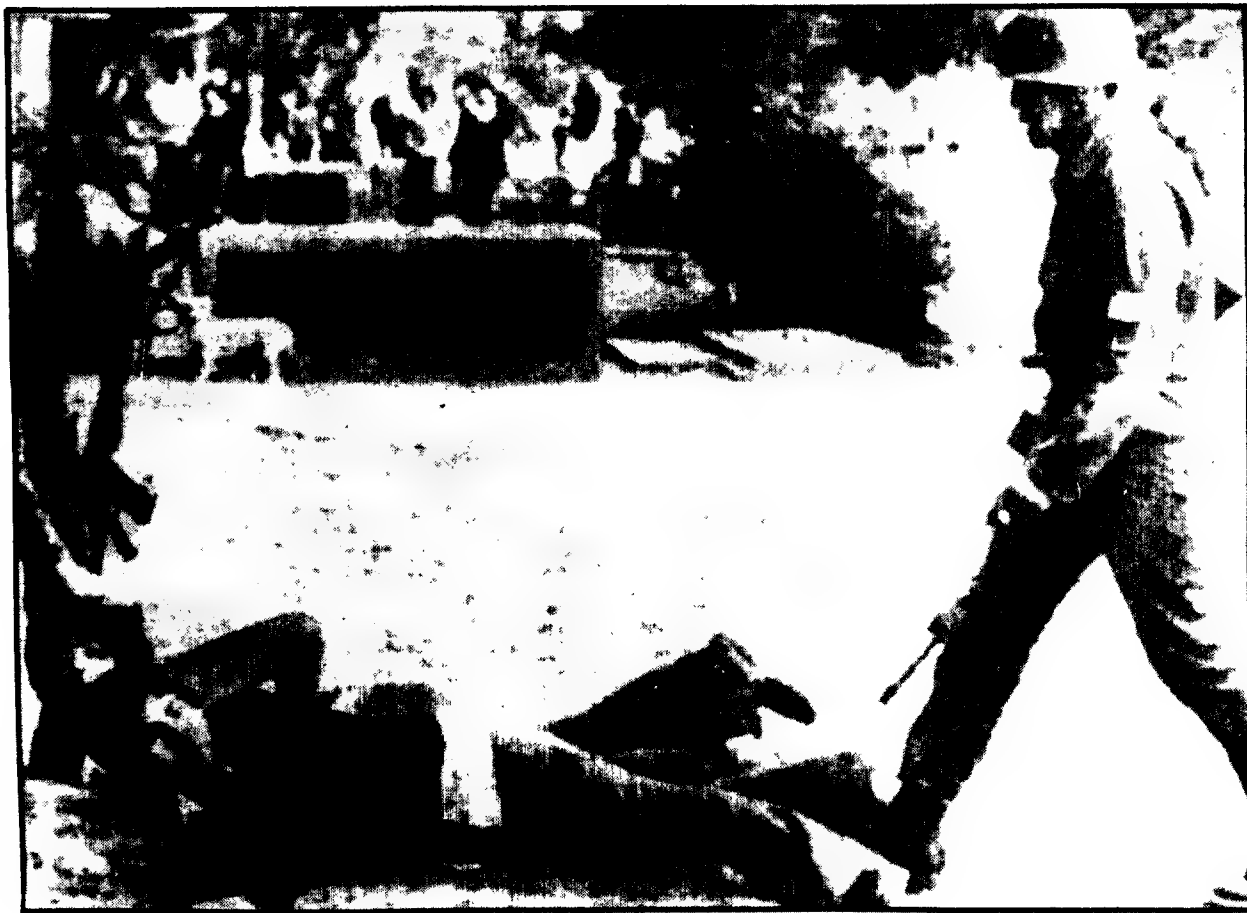
Geralmente acredita-se que a DINA é o único organismo que faz desaparecer prisioneiros. Isto não é verdade. Existem sete serviços de «inteligência» operando no país. O maior de todos, indubitavelmente, é a DINA onde estão de 70 a 80 por cento dos seus componentes, na sua maioria militares e carabineiros.

Os outros 20 por cento são alguns civis e marinheiros e aviadores. Estes dois últimos participam muito pouco porque dão mais importância aos seus próprios serviços de informações. Além disso, existem cinco serviços de contrainformação, com aparelhos clandestinos como a SIFA, SICAR, RIE SIEBE, EL DIGET e o departamento de informações da polícia política.

Trabalhei com todos eles, sem excepção. Reconheço que quando comecei o fiz por «révanche», com ódio e com alegria por me estar a vingar. Mas posteriormente, devido à situação em que vivia e ao que tive que fazer, reagi e tratei, em reiteradas oportunidades, de sair, coisa que não foi possível porque se entra mas nunca se sai.

O meu objectivo, nesta denúncia, não é buscar o perdão e a reconciliação comigo mesmo pelo que fiz que, sinceramente, não tem nome. Eu mesmo, agora me desconheço. Não me explico como pude chegar a limites tão incríveis. Mas no meu desabafo digo que é muito difícil escapar, quando não se tem nenhum apoio, e quando os serviços de segurança pegam alguém.

Participei no «desaparecimento» de algumas pessoas que estão na Colónia Dignidad. Lá existem, neste momento, 112 pessoas: alguns antigos dirigentes dos diferentes partidos da Universidade Popular... em Santiago, aqui, em Penalolén en Colina, está o resto. São à volta de 145. Os outros estão todos mortos. Foi-lhes dada baixa em Peldehue, pelo aparelho executor da DINA, comandado por Fernando Cruzat. O seu quartel é em Ahumada 312, 6.º andar. E uma empresa de compra e



GIME DE PINOCHET



AGENTE DA DINA SER MORTO

venda de ouro. Aliás, 90 por cento da compra e venda de ouro que existe no centro de Santiago é propriedade da DINA. As oficinas de gravação e onde fazem chaves pertencem à DINA. Posso dar alguns exemplos: Moneda 1061, Bandera, 121. Outros não vêm ao caso porque estas são as mais importantes. É aí onde se prende um homem no centro. E aí onde se prende preventivamente e depois leva-se numa ambulância para Tobalaba, ao campo número quatro, que não é em 4 Alamos (toda a gente já conhece 3 Alamos e 4 Alamos). Existem seis lugares de prisão e já nomeei alguns.

Outra coisa importante: usa-se «chapa» (nome falso) quando se prende um homem. Por exemplo, quando fui preso, Juan Muñoz Alarcón, eles fizeram uma «chapa» e colocaram o nome de Francisco Lopez Aguirre. E por essa razão que, quando se faz um recurso judicial nunca se encontra o nome do preso que está realmente detido. Queima-se toda a sua documentação verdadeira e colocam-lhe a «chapa». Nalguns casos, alguns figuram como tendo saído do país. Claro que saíram do país. Foram levados para a Argentina e trazidos de volta de avião. Outras vezes, quando alguém se nega a colaborar — quero deixar bem claro, que, dentro, todos colaboramos, mouros e cristãos — fazem uma «chapa» a um homem da DINA que sai com a documentação oficial do preso. Assim fica registada oficialmente a sua saída do país e, posteriormente, o matam.

Realmente, estive a preparar-me para fazer esta declaração. Mas estou um pouco nervoso, porque sei o que é isto para mim. Já estou morto por um dos dois dados. Isto tenho

bem claro. Por isso não peço ajuda nem protecção. Porque tanto me vão matar os que foram meus antigos companheiros como outra gente o fará. Quando alguém não serve mais, é melhor deixar os testemunhos silenciados, pois não falando é muito mais seguro.

Quanto ao próprio desenrolar do sistema, prende-se em Santiago, leva-se a Tobolada, a lado de Grimaldi (refere-se ao centro de tortura de Vila Grimaldi). Ali.

Existe um enorme edifício onde estão presos. Chama-se «Dignidade». E aí que se encontra uma estação de rádio que

permite estabelecer contacto, em poucos segundos, com qualquer parte do mundo. E o receptor central de toda a informação do aparelho exterior da DINA.

Actualmente estão a trabalhar na Venezuela, Colômbia, França, Suécia e Itália, cerca de 90 por cento dos elementos da DINA. São oficiais do quadro permanente, não elementos civis. Estes últimos estão a substituir os oficiais ausente do país.

De quem dependem estes grupos?

...Gruzat foi o autor do assalto à Confederação dos Empregados Fiscais, com o grupo 1, bandeira 121. Quero dar um dado

que me parece importante sobre Gruzart. E meio irmão do capitão Jorge Sunilo, chefe da secção de trabalho do regimento Tacua, departamento 11. E ele que tem a seu cargo todas as indústrias de Santiago e arredores. Esse organismo está preparado para perseguir, fazer desaparecer, despedir e aterrorizar qualquer trabalhador. E secundado pelo chefe de pessoal da indústria metalúrgica, Ivonne Rios Talledo, assistente social e pela gerente do pessoal da Cilta, Carmen Schmidt. A secção de trabalho possui um verdadeiro exército de «bufos», que permite à polícia política deter, interrogar, torturar e, como já o referi por diversas vezes, matar aqueles que demonstraram qualquer tipo de descontentamento em relação ao Governo. Para perder o emprego basta pronunciar uma palavra contra o Governo.

Mas o mais importante de tudo é preciso dizê-lo para que a justiça volte a este país — é constatar que o Governo violou claramente todos os possíveis limites da legalidade. E um Governo totalmente ilegal.

Há actualmente neste país um esquadrão da morte que é comandado pelo capitão Rolando Larenas, oficial de artilharia. Este homem tem contactos com as polícias políticas brasileira, argentina e uruguaia, que actuam indiscriminadamente no interior do nosso país. Cerca de metade dos veículos com matrícula argentina que entram pelos diversos postos fronteiriços como turistas são, na realidade, viaturas pertencentes à polícia política argentina que trabalham em colaboração com a polícia política chilena. O seu trabalho consiste em «caçar» homens no exterior e em trazê-los para cá, onde são liquidados. Também se trocam prisioneiros. Isto é permitido e avalizado pelo presidente da República que dirige directamente todas estas actividades na medida em que o chefe da DINA é directamente responsável perante ele. O ministro do Interior e da Justiça não interferem em tais assuntos.

Outro nome que me esquecia e que é muito importante é o de Daniel Galleguillos, casado com Silvia Pinto. Trabalham ambos para a CIA. São dirigidos

por James Jahn Blayton, da embaixada norte-americana, pela secretária chilena do embaixador, Sheila Sorcocon, é também como colaborador imediato um ex-socialista como eu, que goza actualmente de toda a confiança do PS, mas que é de facto um traidor. O seu nome é Hugo Vincenzo. E responsável pela prisão de Exequiel Ponce como pela de muitas outras detenções recentemente verificadas.

E esta, em traços gerais, a minha confissão.

Dou a minha autorização para que faça com ela aquilo que pense ser mais conveniente e que, para segurança própria, a divulgue sob esta forma, pouco importando as consequências que daí me possam advir pois estou ameaçado de morte e sei que vou morrer mais tarde ou mais cedo. Não vou levar um tiro porque não sou idiota. Mas irei certamente sofrer um ataque cardíaco e tropeçar quando estiver à espera do autocarro. Ou então cairei de algum sítio. Não se morre só com balas. Repito que isso deve ser feito como medida de segurança, para que esta confissão possa ser usada em benefício de tanta gente de cujo sofrimento sou responsável. Não talvez directamente, mas pelo menos em última análise. Faço-o também para esclarecer a verdade. Estou disposto a comparecer diante dos tribunais ou onde quer que seja para proceder às denúncias necessárias e ratificar todas estas afirmações. Declaro que profiro todas estas afirmações em pleno uso das minhas faculdades mentais, até porque nunca sofri de qualquer doença, excepto constipações, e sem pressão de qualquer tipo, mas apenas porque penso que era necessário dizê-lo.

Creio que estão reunidas as condições para enfrentar esse monstro que é a DINA. Quero também deixar o meu testemunho, jurar se necessário for, que parte dos presos estão vivos, embora em más condições físicas e à beira da loucura devido ao modo como foram tratados. Refiro-me particularmente a Carlos Lorca e a Ponce, chefe da frente interna do Partido Socialista e secretário-geral no



EQUADOR

A REVOLTA DE UM ÍNDIO EQUATORIANO
EDUCADO NOS ESTADOS UNIDOS

■ Oscar Perdomo Marín

□ PRENSA LATINA

«Os missionários são os piores inimigos da minha nação» — afirma Ceantu, índio auca baptizado com o nome de Samuel Padilla, que estudou nos Estados Unidos e voltou para a sua selva com um profundo desprezo pela sociedade de consumo.

Ceantu é a antítese da alienação cultural a que são diariamente submetidos pelos missionários norte-americanos os aborígenes das vastas selvas do Equador. Os enormes arranha-céus e as luzes de néon só provocaram nele a sensação de um mundo bárbaro que pretende devorar a sua tribo.

O auca Ceantu, que fala fluentemente o espanhol, o inglês, a sua língua nativa e o quechua, conta que Dayuna, sua mãe, abandonou a tribo conjuntamente com outros nativos atraídos pelas promessas de comodidades que lhes foram feitas por missionários norte-americanos.

Mas sublinhou que essa emigração apenas levou à criação de falsas necessidades para o grupo e à aquisição de um sentimento monetário mesquinho. Actualmente os seus membros habitam em cidades onde quase necessitam de recorrer à caridade pública para sobreviver.

A TÁCTICA
DA PENETRAÇÃO

Ceantu falou-nos em seguida do Instituto Linguístico de Verão, organização missionária dos Esta-



Auca do Equador

dos Unidos que exerce uma considerável influência nas comunidades existentes nas selvas do Equador.

Nas povoações como Limoncocha e Tiheno, que ficam situadas nas proximidades da comunidade auca, instalada em pleno coração da selva existente no nordeste do Equador, os missionários exploram os indígenas, afirma Ceantu.

Ali são construídas bodoqueiras e outros instrumentos que os missionários pagam por uma bagatela e exportam para os Estados Unidos onde são vendidos a altos preços como «souvenir» da «feroz» região auca onde o Instituto Lin-

guístico de Verão leva a cabo o seu «trabalho evangelizador».

A bodoqueira arma primitiva com a forma de um cilindro largo, é um instrumento complementar de caça no qual são colocados pequenos projecteis que são disparados através do sopro. Mas, de qualquer modo, é também encarado como o símbolo de um grupo étnico indómito que resiste à dissolução e encontrou em Ceantu um porta voz que fala o mesmo idioma que os novos colonizadores.

Estes últimos (os missionários) não criam nem rendas nem manufacturas. Mas colonizam a consciência de um povo que vive em

plena idade da pedra, conhece o fogo e cobre simbolicamente o sexo com uma tira colocada abaixo do umbigo.

UMA PRETENSA
FEROCIDADE

Nas vizinhanças daquilo que resta dos antigos domínios aucas erguem-se as torres petrolíferas cujas luzes isoladas parecem pirilampos brilhando na espessura da selva. Há algum tempo três trabalhadores das explorações de petróleo foram mortos pelos indígenas e a notícia correu como um rastilho de pólvora pelo mundo inteiro.

Em 1959 tinham igualmente succumbido cinco missionários dos Estados Unidos quando realizavam uma incursão em território auca. Os grandes meios publicitários norte-americanos falaram então, tal como agora, dos ferozes índios da selva do nordeste do Equador, a quem só o Evangelho cristão pode salvar da barbárie.

Exploradores de diversos países têm, no entanto, conseguido aproximar-se dos aucas e conviver com eles.

Existe uma vasta literatura gráfica que põe em causa a alegada ferocidade auca. A própria presença do Instituto Linguístico de Verão é um desmentido a tais afirmações.

UMA PROGRESSIVA
DESCULTURIZAÇÃO

O Instituto realiza sessões de doutrinação com aucas vestidos e

calçados. Mas a outra nação, a verdadeira, a aborígena, traça no interior da selva, provavelmente com árvores que só ela conhece, a linha divisória que procura manter a sua sobrevivência. Ceantu afirma a tal respeito. O que os missionários fazem é aprisionar-nos nas roupas que usamos, porque os homens acostumados à selva, habituados a estar nus na natureza, sentem-se prisioneiros com as calças que lhes põem.

Não contentes com isso tiram-lhes a bodoqueira e as flechas e dão-lhes uma espingarda, lêem-lhes a Bíblia e impõem costumes e criam necessidades que antes não existiam. Os missionários — diz Ceantu — fizeram muito mal aos meus companheiros (Ceantu avalia-os em cerca de 500). Procuram incutir-lhes ideias estranhas. Dizem-lhes para não fazerem isto e aquilo porque é pecado. Nas suas consciências simples e límpidas foram introduzidas barreiras e dúvidas que não existiam antes.

Ceantu recorda que viajou pela primeira vez para os Estados Unidos quando tinha oito anos a pedido de sua mãe que se encontrava naquele país para onde fora levada pelos missionários.

A sua educação foi feita em Quito e nos Estados Unidos. Depois de uma curta estadia neste último país voltou para a selva regressando pouco depois para o país do Norte, quando contava 14 anos. Após vários anos de vida e educação norte-americana Ceantu regressou à nudez primitiva... Os arranha-céus ficaram para trás.

CONFISSÕES DE UM AGENTE DA DINA

5

momento da sua detenção. Estão na colónia de Dignidad, no segundo pavilhão.

Quero também referir-me a Tolosa, das Juventudes Comunistas e do Comité Central, que delatou meio mundo, embora se deva dizer, em sua defesa, que foi terrível e barbaramente torturado.

Existe uma agenda amarela onde tomei algumas notas. Nela estão escritos números e alguns nomes. Marquei os que estão vivos e os que estão mortos. Os primeiros não são mais de 150. Mais exactamente são cerca de 140. Essas pessoas estão presas com esse nome no arquivo oficial. Mas no arquivo da DINA, e que se encontra na rua Vicuña Mackena, e no arquivo do Estado-Maior das Forças Armadas, estão os nomes e as fotografias de todos, tiradas no próprio local da detenção.

Se for conveniente pode tomar-se uma iniciativa sobre essa questão. Há uma testemunha que os viu e interrogou e pode portanto confirmar a sua presença em Dignidad. Não vou agora dizer qual o seu nome mas quando for oportuno aparecerá. (Aqui refere-se à instituição que recebeu a denúncia

à qual recomenda que a torne pública. Mas por razões óbvias não interessa nomear a instituição).

Esses presos não têm, até agora, nenhuma garantia de que vão sair vivos das prisões. Creio que não vão de facto sair delas com vida porque se se desconhece a sua detenção é porque eram homens importantes no trabalho clandestino que só estão vivos para serem utilizados em novas prisões. Os locais fixos são os de Dignidad, Colina e Penelolen. Em nenhum outro sítio é possível encontrar presos desaparecidos. E possível encontrar presos ocasionais em muitos outros locais. Mas os desaparecidos estão nestes três locais fixos. As mulheres estão em San José de Maipo onde encontram também os que sofrem dos pulmões. E um local incrível mas excelente para interrogar pessoas.

E certo que nestes últimos dias ou nestes últimos meses foram presas mais pessoas. Mas algumas estão vivas como é o caso de Contreras Maluje.

O Supremo Tribunal deliberou no sentido da sua libertação imediata. E por isso necessário denunciar o tenente Fuentes, do serviço da contra-espionagem da FACH, por não cumprir a ordem emanada desse tribunal, na me-

dida em que o mantém preso.

O único serviço que procede a interrogatórios e entrega depois os presos à DINA é o aparelho de contra-espionagem da FACH, que destruiu quase totalmente o MIR com a ajuda do famoso comandante Raul, cujo nome real é Raul Romo.

Isto é tudo o que tenho para dizer. Só quero acrescentar que estou disposto a fazê-lo de forma legal perante o notário, nos tribunais, para que seja possível acabar com a injustiça neste país e para que um cidadão possa sair à rua descansado e andar pelo país de um modo livre e não vergado pelo medo e aterrorizado com a ideia de que o vizinho o pode acusar de ser comunista ou socialista. Estou à vossa disposição, quando e onde quiserem se isso lhes puder vir a ser útil. Podem contar comigo incondicionalmente. Que ninguém pague por mim. Devemos ser responsáveis pelo que fazemos e assumir as consequências quando chega o momento disso.

Se existe alguma pressão contra mim é apenas do lado do governo. Prestei todas estas declarações voluntariamente e sem estar submetido a qualquer pressão. Tenho a consciência tranquila porque disse a verdade.



CARTER E A COOPERAÇÃO NUCLEAR COM A ÍNDIA

■ Michel Tatu
□ LE MONDE

WASHINGTON — Desai, primeiro-ministro indiano, terminou há dias a sua visita aos Estados Unidos. No momento em que a melhoria das relações com a Índia é considerada um dos principais objectivos de Washington, o problema dos fornecimentos de urânio enriquecido dominou esta viagem, tanto quanto a que Carter fizera há seis meses a Nova Deli, com a circunstância agravante de os Estados Unidos terem entretanto feito uma nova lei que confere a todo o caso um carácter de maior urgência. Desai espera sem dúvida obter um novo contingente de umas cem toneladas de urânio enriquecido para a central de Tarapur: a comissão dos assuntos internacionais da Câmara acaba de aprovar essa venda. Mas o processo agora exigido para uma transacção deste tipo (voto favorável da comissão de energia nuclear, autorização do presidente do Congresso se os dois primeiros estiverem em desacordo), deixa planar uma ameaça para o futuro.

O objectivo procurado pela lei é submeter o máximo de instalações do país recipiente, ao controlo do fornecedor. Ora o Governo indiano, que assinou com os Estados Unidos em 1963 um contrato válido por trinta anos, reage contra essa mudança de atitude de Washing-

ton. A declaração publicada limita-se a indicar que Carter se comprometeu a fazer todos os esforços no quadro das leis americanas, a fim de manter os fornecimentos de urânio a Tarapur e continuar a cooperação nuclear com a Índia.



Morarji Desai

Um problema análogo opõe os Estados Unidos à Comunidade europeia. Os europeus, que haviam assinado em 1958 um acordo de fornecimentos válido por vinte e cinco anos deverão renegociar esse acordo, num prazo de dois anos.

O processo foi considerado

tanto mais violento quanto o velho continente aceitaria, no passado Outono, tal como a Índia, e a pedido dos Estados Unidos, abrir uma discussão dita de «exame do ciclo nuclear que devia levar, num prazo de dois anos, à adopção de novas regras. Quando da abertura desse exercício foi admitido que não se faria nada que pudesse pôr em perigo as políticas respectivas dos países participantes, nem a cooperação internacional, acordos e contratos que têm em vista o uso pacífico da energia nuclear, desde que se apliquem as salvaguardas decididas pelos acordos mútuos segundo um comunicado comum. Ora são agora exigidas salvaguardas decididas por uma única das partes.

Em Abril a Comunidade europeia deixou passar, a pedido da França, a data antes da qual os compradores de combustível nuclear americano deviam declarar-se dispostos a abrir uma negociação para a renovação dos acordos. Paris estaria agora pronto a dar um pequeno passo aceitando negociar, mas só sobre os assuntos incluídos no programa de exame do ciclo nuclear. O Governo americano ainda não parece ter respondido a essa sugestão, mas procura maneira de sair do véspeiro.

Entretanto é natural que os países compradores de urânio enriquecido procurem fora dos Estados Unidos fornecedores mais seguros.

SEMANA INTERNACIONAL O FOLHETIM

Até esta manhã a Itália ainda não tinha um presidente para suceder ao demissionário Giovanni Leone. Marchas e contramarchas impediram a resolução do caso com o Partido Socialista a não arredar pé da sua exigência fundamental: o próximo inquilino do Quirinal deverá ser um «laico». Em todo o caso, uma coisa é certa: a opinião pública italiana está farta de jogos de gabinete e não tem demonstrado muito interesse pelo desfecho de mais este que terá, entre outras coisas, reflexo directo e fundamental no tão falado «compromisso histórico». Aliás, dando conta disso, no domingo, o principal jornal italiano, o «Corriere della Sera», de Milão, perguntava: «Não seria suficiente encontrar um presidente que não seja ladrão nem vigarista e pôr termo ao assunto?»

O «congelamento»

Entretanto, o leme do Sul passou a enfrentar desde domingo um incómodo isolamento político imposto pela maior parte do Mundo Árabe, sob pressão do leme do Norte e da Arábia Saudita, após o término da reunião da Liga Árabe, na qual foi aceite a tese de que o assassino do presidente Al Ghashmi era um enviado sul-ienita. A resolução de «congelar» as relações com o leme do Sul tomada pela Liga Árabe, equivale a um corte de relações e teve a adesão de todos os presentes. Não se fizeram representar na reunião a Síria, o Iraque, a Argélia e a Líbia, o Djibouti e a OLP. Os quatro primeiros e a Organização para a Libertação da Palestina decidiram boicotar todas as actividades da Liga Árabe enquanto Sadat, o presidente egípcio, insistir nas suas privadas «iniciativas de paz» junto de Israel. Entretanto, caso estivessem presentes, pensa-se que votariam contra o «congelamento».

O fogo

Contudo, não é somente este o problema actual do Médio Oriente. No fim da semana passada, o martirizado Líbano ouviu novamente o trooar dos canhões e o matraquear das metralhadoras. Em Beirute uma paz podre chegou ao fim com as tropas da força árabe de manutenção de paz, essencialmente formada por sírios, a abrir fogo sobre bairros ocupados pelas milícias da falange direita, como forma de responder pela força às provocações de que vinha sendo alvo. Fim e início de semana violenta onde não faltou bombardeamento de um hospital e o afundamento de um cargueiro dinamarquês que estava fundeado no porto da capital libanesa, atingido por obuses. Até ontem, um primeiro balanço indicava 80 mortos e mais de 300 feridos.

A aproximação

Pelo seu lado, numa entrevista concedida ao diário francês «Le Monde», o presidente angolano, Agostinho Neto, disse que o seu país estava disposto a manter, dentro em breve, relações amistosas, ou pelo menos normais, com os Estados Unidos. Esta até certo ponto surpreendente declaração do presidente de Angola segue-se à visita efectuada há dias a Luanda de uma delegação de diplomatas norte-americanos destinada a «sondar as hipóteses de aproximação» e à reunião que manteve com o Presidente Ramalho Eanes, em Bissau. Entretanto, na mesma entrevista, manteve pontos de vista já conhecidos, negou qualquer envolvimento angolano no problema do Shaba e atacou duramente a França, que chamou de «potência imperialista que manifesta cada vez mais o seu desejo de hegemonia em África».

A frente

No Brasil a grande maioria dos opositores ao regime dos generais encontrou-se sob a bandeira da Frente Nacional pela Redemocratização, lançada na passada sexta-feira em acto que decorreu na Assembleia Legislativa de São Paulo, com a Rádio e a Televisão proibidas de mencionar o assunto. Tendo à frente o general Euler Bentes Monteiro, a Frente Nacional pela Redemocratização, que reúne inclusive ex-apoiantes dos generais, agora «desiludidos», promete fazer a vida negra ao regime de Brasília, a começar pelo lançamento do seu candidato à presidência da República, o próprio Bentes Monteiro, em oposição ao candidato oficial, o general Baptista Figueiredo, que pelas suas declarações, e por ser quem é, está cada vez mais isolado, não só junto à opinião pública, como entre os seus próprios camaradas de armas.

MAIOMAS... MAS MAIO

2

eles marxistas dogmáticos, fazem-se seus porta-vozes e exégetas. Eles explicam que a explosão não é obra do movimento revolucionário estudantil que o desencadeou, mas do movimento reivindicativo operário que se lhe seguiu. Demonstra-se que, o que faz a virtude de Maio, o seu carácter libertário, existencial, infra e supermarxista, era, de facto, o seu vício. Mostra-se que, o que fez o êxito de Maio, o seu carácter espontâneo e improvisado, foi também o seu fracasso. Demonstra-se não que a revolta tenha sido um êxito mas que a revolução falhou devido à ausência do partido leninista da classe operária (segundo os trozkistas), ou da insuficiência de contactos com as massas (segundo os maoístas). São, enfim, os sobreviventes organizados de Maio que «unidimensionalizam» Maio, remodelam o acontecimento segundo a sua teoria, fazem dele um borrão a recomençar segundo as regras.

Tanto num caso como noutro, era preciso vincar o facto de os animadores e actores do movimento serem estudantes, e os jovens — categorias vagas e «mistificadas» — não terem lugar nos tratados de sociologia nem nos de marxismo.

A primeira pergunta: «Qual foi a consequência mais importante de Maio 68?» pode responder-se: «Antes de mais o desfazer e o retrocesso de Maio 68.» As ideologias talharam e retalharam o acontecimento para o aproveitarem. Tudo entrou na ordem, a ordem



leninista, a ordem maoísta, a ordem dos partidos, a ordem das instituições, a ordem burguesa, para que Maio se tornasse um acidente, como a maré negra do Torre-Canyon ou do Amoco-Cadiz em 1978. A ordem social, política, ideológica, julgou ter expulsado esse ingrediente de difícil digestão.

Daí a necessidade, antes de toda e qualquer comemoração, de ressuscitar Maio nas suas ambivalências, nas suas contradições, na sua complexidade, para tentar interpretar a sua mensagem, agora já a certa distância. Porque Maio — esfinge e ao mesmo tempo Maio — «flash» que iluminou as nossas caves, e os nossos abismos, e que, como todos os «flashes», criou sombras, esmagou relevos, cegou.

Assim se desenha, por exclusão e justa posição, o rosto do acontecimento-esfinge. Não é uma

revolução falhada embora contenha uma dupla mensagem revolucionária: a nova revolução misturada à velha revolução. Não é só uma revolta com êxito, embora esse aspecto seja incontestável. Não é só uma explosão que ilumina com um «flash» profundidades invisíveis do nosso mundo social. Ao contrário daqueles que reduziram Maio 68 à insignificância, ao contrário dos que viram nele os três primeiros tiros da revolução iminente, Castoriadis, Lefont e eu própria escrevemos que se abria uma brecha que nunca mais iria fechar-se na linha de flutuação da nossa ordem social. E, assim, Maio pode ser considerado um momento de transição, uma Páscoa. Na qual se precipitaram o recalque, a inconsciência, a marginalização, a necessidade, o libido.

(*) Escritor e sociólogo



INSÓLITO

Sempre que uma princesa resolve casar com um indivíduo de sangue pouco azul ou mesmo absolutamente nada azul, é o fim. Desta vez o caso passa-se com a filha de Rainer do Mónaco. Ora esta princesa já não era muito bem vista porque o sangue de sua mãe, Grace não era nada azul, era, sim, norte-americano e milionário. Se ela casasse com um nobre, ainda podiam esquecer isso, mas assim... Junot, chama-se o noivo que até parece que teve antepassados a invadir Portugal. Mas adiante.

Pelos vistos a velha nobreza romana não esteve muito representada na cerimónia, até porque poucos dos seus elementos foram convidados. Entre os ausentes contam-se, por exemplo, a duquesa Althea di Gallese, que afirmou ao «Il Giorno»:

— Não me façam perguntas porque não sei nada disso. Ninguém vê Rainer do Mónaco desde o seu estranho casamento com essa actriz mexicana.

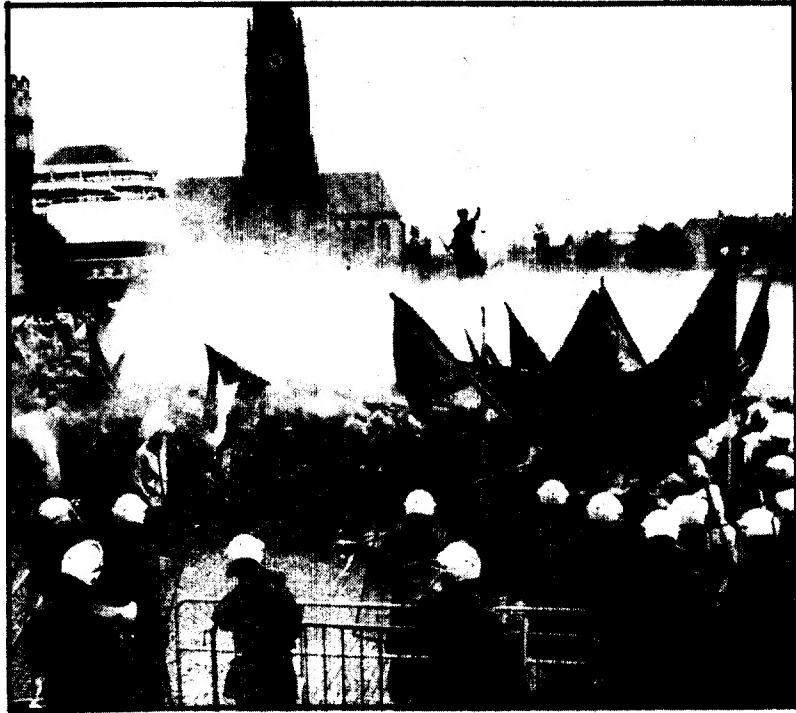
Outra condessa teria dito:

— Parece que toda a gente convidada para o baile no palácio Grimaldi tem assaltado literalmente as lojas da Côte d'Azur para alugar vestidos de noite e plumas. Que gente!

Quanto à princesa Sofia Borghese, essa perguntava:

— Carolina do Mónaco? Mas quem é ela?

Enfim, o vinagre azul deve ter-se esgotado por aquelas bandas.



A "Batalha" de Francfort

Violentos combates de rua opuseram há dias em Francfort, República Federal Alemã, as forças de Polícia a manifestantes que protestavam contra uma reunião de neo-nazis, naquela cidade. Na Praça do Município de Francfort, polícias e manifestantes de esquerda travam uma «batalha», sob o «fogo nutrido» de canhões de água, à sombra da catedral e da estátua da Justiça (Foto Keystone)



MANIFESTAÇÃO ANTIFASCISTA EM FRANÇA

A «Eurodireita», ou melhor dizendo, neofascistas da Itália (Giorgio Almirante), de Espanha (Blas Pinar), de França (Tixier Vignancour, Roland Gaucher, etc.), reuniram-se em Paris, com vista às eleições para o Parlamento Europeu. Entretanto, milhares de pessoas de esquerda manifestaram-se nas ruas da capital francesa, contra a reunião neofascista. Na foto da Keystone vê-se um aspecto da manifestação antifascista, em que predomina a gente jovem. A nova geração contra os velhos saudosistas da violência e da opressão



RFA: DUPLOS CONCEITOS SOBRE O "TERRORISMO"

A Jugoslávia acusou a RFA de aplicar «um conceito duplo de terrorismo», devido a se ter recusado a trocar oito «naciona-

listas» croatas procurados em Belgrado, por quatro «terroristas» alemães capturados pelas autoridades jugoslavas.

«Pedimos a extradição de alguns criminosos 'Ustashi' que vivem há anos na Alemanha Federal», mas «há uma campanha jornalística mobilizada por certas forças para impedir a extradição», declarou o membro do Comité Central, Nijaz Dizdarevic, perante o 11.º Congresso do Partido Comunista Jugoslavo.

«Isto é espantoso, pois toda a gente sabe os crimes que cometeram e que estão afogados em sangue. Essas forças têm dois conceitos de terrorismo. Será que uma vida jugoslava é menos valiosa que uma alemã?», perguntou Dizdarevic.

Os «Ustashi» são membros de uma organização «nacionalista» croata extremista que abandonaram a Jugoslávia depois da II Guerra Mundial por terem colaborado com os nazis.

São responsáveis por uma série de ataques contra diplomatas e instalações jugoslavas na Europa, incluindo o assassinato do embaixador na Suécia, em 1971.

Em Maio, quatro dos «terroristas» alemães mais procurados pelas autoridades de Bonn foram presos na Jugoslávia, tendo sido pedida a sua extradição por implicação nos assassinios do industrial Scheleyer e do banqueiro Juergen Ponto.



MANIFESTAÇÃO EM MADRID

Autorizada pelo governador civil de Madrid, efectuou-se na capital espanhola uma manifestação para solicitar uma amnistia a favor dos homossexuais e abolição da lei que reprime certos actos considerados «perigo social». A foto da EFE mostra um pormenor do desfile dos manifestantes ao longo das ruas madrilenas

EXCLUSIVO

N.º 27/78

